

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PREPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
ÁREA: ESTUDOS DE LINGUAGEM**

ÉRIKA LOURRANE LEÔNCIO LIMA

**PROPOSTA LEXICOGRÁFICA PARA VERBETES DE DICIONÁRIO ESPECIAL
DE HOMÔNIMOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

**TERESINA-PI
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PREPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL
ÁREA: ESTUDOS DE LINGUAGEM**

ÉRIKA LOURRANE LEÔNCIO LIMA

**PROPOSTA LEXICOGRÁFICA PARA VERBETES DE DICIONÁRIO ESPECIAL
DE HOMÔNIMOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

Dissertação encaminhada para defesa junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI), na Área de concentração Estudos de Linguagem, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos e Coorientação da Prof. Dra. Claudia Zavaglia.

**TERESINA-PI
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

L732p Lima, Érika Lourrane Leôncio.
 Proposta lexicográfica para verbetes de dicionário especial
 de homônimos da Língua Brasileira de Sinais - Libras / Érika
 Lourrane Leôncio Lima. – 2019.
 168 f. : il.

 Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do
 Piauí, Teresina, 2019.
 “Orientação: Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos
 Anjos e Coorientação da Prof. Dra. Claudia Zavaglia”.

 1. Léxico Homônimo da Libras. 2. Dicionário Especial.
 3. Verbetes. I. Título.

CDD 371.912 03

ÉRIKA LOURRANE LEÔNÇIO LIMA

**PROPOSTA LEXICOGRÁFICA PARA VERBETES DE DICIONÁRIO ESPECIAL
DE HOMÔNIMOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS**

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos (UFPI – Presidente)

Prof. Dr. Tanya Amara Felipe de Souza (INES – Examinadora Externa)

Prof. Dr. Maria Angélica Freire de Carvalho (UFPI – Examinadora Interna)

Dedico este trabalho ao meu avô Luiz Gonzaga Ferreira (*in memoriam*), à comunidade surda do Piauí, em especial, à Associação de Surdos de Teresina – ASTE.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor e consumidor da minha vida, sonhos e projetos. Sem Ele nada seria possível.

Agradeço a minha família por ter acreditado e ter permanecido, incondicionalmente, ao meu lado durante as mais difíceis e importantes etapas da minha caminhada.

Agradeço a minha mãe, Lenice Leôncio da S. Ferreira, por me ensinar a superar as dificuldades e transpor tantas barreiras. Por sua dedicação, noites sem dormir e orações incessantes. A minha avó e mãe, Maria do Rosário do N. F. Ferreira, por todo amor, atenção e carinho dedicado.

Agradeço ao meu Orientador, Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos, que acreditou neste projeto e investiu seu tempo, orientando, muitas vezes, para além da dissertação. Agradeço a minha coorientadora, Dra. Claudia Zavaglia, por, prontamente, ter aceitado o convite de acompanhar esta pesquisa, compartilhando seus conhecimentos, bem como sua vasta experiência na área da Lexicografia.

Minha eterna gratidão ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, especialmente ao amigo Alexandre Guedes, gestor governamental, por seu incentivo e apoio, sem o qual não teria iniciado a pesquisa na Instituição. À Prof. Dra. e Historiadora Solange Rocha, que, pacientemente, respondeu aos nossos questionamentos e nos forneceu para consulta todo o rico acervo histórico de obras lexicográficas do INES e instituições de outros países.

Também agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, a todas as oportunidades recebidas, e às Professoras Dras. Ronice Müller de Quadros, Marianne Stumpf e Adja Balbino, que, com maestria, conduziram disciplinas importantes para a feitura deste trabalho, para a minha formação acadêmica e profissional.

Agradeço, ainda, aos colegas surdos e professores da UFSC, Jaqueline Boldo, Juliana Tasca Lohn e João Paulo Ampesan, pelos momentos de estudos e trocas em nosso grupo de estudos em Lexicografia da LSB e a toda a comunidade surda de Florianópolis – SC.

Finalmente, agradeço àquele que cresceu, enquanto pessoa e profissionalmente, junto a mim. Que trocou comigo os primeiros sinais, o primeiro dia na Associação de Surdos de Teresina, o primeiro livro de LSB, a primeira aula assistida e ministrada, a aprovação em concursos públicos e a própria Vida.

Agradeço-te, Clévisvaldo Pinheiro Lima.

Pensar sobre a surdez requer penetrar “no mundo dos surdos” e “ouvir” as mãos que, com alguns movimentos, nos dizem o que fazer para tornar possível o contato entre os mundos envolvidos, requer conhecer a “língua de sinais”. Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio da palavra escrita (QUADROS, 1997, p. 119).

RESUMO

A expansão do registro do léxico geral e terminológico da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) segue de forma ordenada a partir de pesquisas desenvolvidas em nível de pós-graduação e em grupos de pesquisas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UnB) e Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), principalmente. Apesar disso, grupos lexicais específicos da língua, como os verbos, sinônimos, antônimos, homônimos, ao contrário, ainda não usufruem de propostas e produções lexicográficas próprias e com foco voltado para eles. O dicionário especial, também chamado de paradigmático e funcional, é o tipo lexicográfico específico para a documentação dessas lexias, por isso, com o objetivo de iniciar pesquisas e discussões com esse foco, este trabalho, baseado no problema que questiona qual modelo de verbete adotar em dicionário do tipo especial para formas homônimas da Libras, voltado para o público bilíngue, fluente em Libras/Língua Portuguesa, propõe um modelo de verbete para dicionário especial reservado ao léxico homonímico. Para tanto, foram definidos como objetivos específicos: 1. identificar a tipologia de informações a serem incluídas na microestrutura do verbete; 2. indicar estrutura da microestrutura padrão e abstrata (definir as marcas de uso, símbolos gráficos e/ou numéricos, outros) adequadas ao tipo, quantidade de informações e público-alvo. Todo o trabalho foi organizado com base nos preceitos da Lexicologia – com foco nas contribuições à produção lexicográfica, ao estudo do léxico da Libras, nas dimensões da estrutura e do significado e da Lexicografia (associada à Metalexigrafia) – com o objetivo de levantar o percurso histórico da produção lexicográfica da Libras, conhecer as decisões científicas e metodológicas dos trabalhos lexicográficos consolidados na área até o presente momento. Durante a pesquisa, as discussões e a proposta se estruturam com base em autores como Haensch (1982), Biderman (1978; 1984; 1992; 1994); Carballo (2003), Martínez de Sousa (2009), Ullmann (1964), Faria-do-Nascimento (2009; 2013), Zavaglia (2012), dentre outros. A metodologia empregada foi desenvolvida em duas etapas, cada uma com suas respectivas fases. A primeira etapa foi composta por três momentos: 1. decisões introdutórias (tipo de lexia, código linguístico da entrada); 2. coleta, registro e catalogação do *corpus*; 3. análise sêmica das lexias, enquanto a segunda, propriamente lexicográfica, por quatro: 1. decisões sobre o sistema de ordenamento da macroestrutura; 2. composição da microestrutura abstrata e concreta; 3. pesquisa e elaboração das informações lexicográficas referentes ao “Programa Constante de Informações” (PCI) e ao Pós-Comentário de cada lema tratado; 4. aplicação dos dados ao modelo proposto pela pesquisa. Nas decisões da pesquisa, o código linguístico valorizado foi a Libras e o léxico homonímico enquanto lexia simples. A organização definida para a macroestrutura foi a semasiológica baseada no princípio de ordenação paramétrica. As informações selecionadas para o PCI foram às de ordem: (i). gramatical (classificação gramatical); (ii). semântica (definição, sinônimos); (iii). sintática (exemplos de uso) e (iv). pragmáticas (área do conhecimento, regionalismo). Ao todo, foram sistematizados cinco verbetes para as formas homônimas SÁBADO/LARANJA, MÃE/BISCOITO, MINUTO/MATEMÁTICA/MARANHÃO, DIREITO/DIRETOR/DEFICIÊNCIA, SENTIR/JEITO/BAHIA. Com esta pesquisa, esperamos contribuir com a área da Lexicografia da Libras, no que se refere à criação de verbetes para dicionários do tipo especial e, ainda, que a proposta, por ora apresentada, auxilie no encaminhamento de soluções para o registro e documentação da homonímia da Libras.

Palavras-chave: Léxico Homônimo da Libras. Dicionário Especial. Verbetes.

ABSTRACT

The expansion of the registry of the general and terminological lexicon of the Brazilian Sign Language (hereinafter Libras) follows in an orderly manner from researches developed at the postgraduate level and in research groups at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UnB) and National Institute of the Deaf (INES), mainly. Nonetheless, lexical groups specific to the language, such as verbs, synonyms, antonyms, homonyms, on the other hand, do not yet have their own lexicographical proposals and productions with a focus on them. The special dictionary, also called paradigmatic and functional, is the lexicographic type specific to the documentation of these lexias, so, with the objective of initiating research and discussions with this focus, this work, based on the problem that questions which model of entry to adopt in a dictionary of the special type for homonymous forms of Libras, aimed at the bilingual public, fluent in Libras / Portuguese Language, proposes a model of entry for a special dictionary reserved for the homonymic lexicon. For this purpose, the following specific objectives were defined: 1. identify the type of information to be included in the microstructure of the entry; 2. Indicate the structure of the standard and abstract microstructure (define the use marks, graphic symbols and / or numerical, others) appropriate to the type, amount of information and target audience. All the work was organized based on the precepts of Lexicology - focusing on the contributions to lexicographic production, the study of the lexicon of Libras, in the dimensions of structure and meaning and Lexicography (associated with Metalexigraphy) - with the purpose of raising the course history of the lexicographic production of the Libras, to know the scientific and methodological decisions of the lexicographic works consolidated in the area until the present moment. During the research, the discussions and the proposal are structured on the basis of authors such as Haensch (1982), Biderman (1978, 1984, 1992, 1994); Carballo (2003), Martínez de Sousa (2009), Ullmann (1964), Faria-do-Nascimento (2009; 2013), Zavaglia (2012), among others. The methodology used was developed in two stages, each with its respective phases. The first stage consisted of three moments: 1. introductory decisions (type of lexia, language code of the entry); 2. collection, registration and cataloging of the corpus; 3. semic analysis of lexias, while the second, properly lexicographic, by four: 1. decisions on the system of ordering the macrostructure; 2. composition of the abstract and concrete microstructure; 3. research and development of lexicographic information regarding the "Constant Information Program" (CIP) and the Post-Commentary of each motto treated; 4. application of the data to the model proposed by the research. In the research decisions, the valued linguistic code was the Libras and the homonymic lexicon as simple lexia. The organization defined for the macrostructure was the semasiological one based on the principle of parametric ordering. The information selected for the PCI was of the following order: (i). grammatical (grammatical classification); (ii). semantics (definition, synonyms); (iii). (examples of use) and (iv). pragmatic (area of knowledge, regionalism). In all, five entries for the homonymous forms SATURDAY / ORANGE, MOTHER / COOKIE, MINUTE / MATH/MARANHÃO, RIGHT / LAW / DISABLED, FEEL / STYLE/ BAHIA were systematized. With this research, we hope to contribute with the Libras Lexicography area, regarding the creation of entries for dictionaries of the special type, and also that the proposal presented here will assist in the forwarding of solutions for the registration and documentation of the homonymy of Libras.

Keywords: Namesake Lexical of LSB. Paradigmatic Dictionary. Entry

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Alfabeto Manual do Padre Melchior de Yebra.....	21
Figura 2: <i>Mimographie</i> , de Bébian.....	23
Figura 3: Estampa II – alimentos objetos de mesa.....	27
Figura 4: Estampa II – instrução para execução dos sinais.....	28
Figura 5: PLANCHE II – Aliments et objets de table.....	29
Figura 6: Páginas alternadas do Manual Linguagem de Sinais [...]	30
Figura 7: Página do glossário <i>Comunicando com as Mãos</i>	31
Figura 8: Representação do sinal com a descrição verbal.....	33
Figura 9: Percurso histórico do registro da Libras.....	35
Figura 10: Capa e verbete do <i>Deit- Libras – Vol. 1 e 2</i>	36
Figura 11: Capa e verbete do <i>Novo Deit- Libras</i>	37
Figura 12: Capa e verbete do <i>DLSB</i>	38
Figura 13: Capa e verbete do <i>Dicionário Ilustrado de Libras – Vol. Único</i>	40
Figura 14: Sistema de organização do vocabulário.....	41
Figura 15: Verbetes virtual do <i>DV-Libras</i>	43
Figura 16: Página inicial do <i>DV-Libras (versão 2.0)</i>	44
Figura 17: Página inicial do <i>Dicionário da Libras (versão 2.1)</i>	45
Figura 18: Página inicial do <i>Dicionário da Libras (versão 3.0)</i>	46
Figura 19: Página inicial do <i>Dicionário da Libras (versão 2.0)</i>	47
Figura 20: Ficha para o sinal BACALHAU.....	49
Figura 21: Sinal HELICÓPTERO.....	56
Figura 22: Sinal ANO.....	57
Figura 23: Sinal ANO PASSADO.....	58
Figura 24: sinal SALVAR.....	59
Figura 25: Sinal FELIZ.....	60
Figura 26: Sinal ESTADO.....	60
Figura 27: 46 CM da Libras, segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995).....	61
Figura 28: 64 CM, segundo Felipe e Lira (2005).....	62
Figura 29: 73 CM, segundo Felipe e Lira (2005).....	63
Figura 30: 79 CM, segundo grupo de estudos do INES.....	64
Figura 31: 61 CM, segundo Pimenta.....	65
Figura 32: CM, segundo Tennant & Brown (1998).....	68
Figura 33: Alfabeto-Manual prancha nº 1, segundo Pélissier (1856).....	69
Figura 34: Alfabeto-Manual Estampa nº 1, segundo GAMA (1875).....	70
Figura 35: Alfabeto Manual, segundo Oates (1969).....	71
Figura 36: Sinal ACREDITAR.....	71
Figura 37: Sinal FÉ.....	72
Figura 38: As vinte maiores localizações do corpo.....	73
Figura 39: Espaço de referenciação, segundo Ferreira-Brito.....	74
Figura 40: Sinal SEXO.....	76
Figura 41: Sinal FURTAR/LADRÃO.....	76
Figura 42: Sinal BALA DE MASCAR.....	77
Figura 43: Sinal PERIGOSO.....	78
Figura 44: Sinal BISCOITO.....	79
Figura 45: Sinal AJUDA.....	82
Figura 46: Sinal FILA.....	82
Figura 47: Sinal PSICOLOGIA.....	83
Figura 48: ENMs da Libras, segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995).....	84
Figura 49: Diagrama, segundo Baldinger (1970).....	88
Figura 50: Par de homonímias perfeitas.....	92
Figura 51: Par de homonímias imperfeitas.....	92
Figura 52: Sinal PÃO.....	96
Figura 53: Sinal RÁPIDO.....	96
Figura 54: Verbetes para a lexia banco, segundo Borba (2004).....	97
Figura 55: Verbetes para a lexia banco, segundo Biderman (1992).....	98
Figura 56: Sinal SENTIR.....	111

Figura 57: Sinal BAHIA.....	111
Figura 58: Sinal MÃE (variante diatópica do RS e SC)	113
Figura 59: Hierarquização dos verbetes.....	122
Figura 60: Mapa de Locações da Libras: Região da cabeça.....	125
Figura 61: Mapa de Locações da Libras: Região anterior do tronco, braços, mão passiva e perna	126
Figura 62: Mapa de Locações da Libras: Região posterior da cabeça, tronco, braços e mão passiva.....	127
Figura 63: Base estrutural do verbete.....	129
Figura 64: Microestrutura abstrata.....	131
Figura 65: Microestrutura concreta – MÃE/BISCOITO.....	135
Figura 66: Microestrutura concreta – DIREITO/DIRETOR/DEFICIENTE	136
Figura 67: Microestrutura concreta – SÁBADO/LARANJA	137
Figura 68: Verbetes do DIFAPE (2014)	138
Figura 69: Ilustração dos significados.....	139
Figura 70: Microestrutura concreta – SENTIR/JEITO/BAHIA.....	140
Figura 71: Microestrutura abstrata – MINUTO/MATEMÁTICA/MARANHÃO	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: 75 CM segundo Faria-do-Nascimento (2009).....	66
Quadro 2: Adaptação do resumo de L da LS.....	74
Quadro 3: Especificações da mão passiva, segundo Liddell & Johnson (1989).....	75
Quadro 4: Categorias do parâmetro Movimento, segundo Ferreira-Brito (1990)	80
Quadro 5: Análise sêmica do par SÁBADO/LARANJA.....	110
Quadro 6: Análise sêmica do par SENTIR/BAHIA.....	112
Quadro 7: Configureto aplicado às 73 CM de Felipe e Lira (2005)	119
Quadro 8: Ordenação das CMs quanto ao número de mãos.....	123
Quadro 9: Ordenação dos Pontos de Articulação	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dicionários Especiais – Séc. XX e XXI.....	105
Tabela 2: Repertório de lexias homônimas da pesquisa	108
Tabela 3: Locações no corpo e mão passiva	123
Tabela 4: Relação entre a microestrutura abstrata e a microestrutura concreta	142

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

- ASL** – Língua de Sinais Americana
- CG** – Classificação Gramatical
- CM** – Configuração de Mão
- CORDE** – Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
- DCP** – Dicionário Contemporâneo de Português
- DDP** – Dicionário Didático de Português
- DE** – Dicionário Especial
- DEA** – Dicionario del Español Actual
- Def.** – Definição
- Deit-Libras** – Dicionário Enciclopédico de Língua Brasileira de Sinais
- DEUM** – Dicionario del Español Usual en México
- DFH-PCB** – Um significado só é pouco: Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo do Brasil
- DFPQ** – Dicionário de Frequências do Português Contemporâneo
- DIL** – Dicionário Ilustrado de Libras
- DLSB** – Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos
- DV-Libras** – Dicionário Virtual da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS
- DRAE** – Dicionario dela Lengua Española
- DUP** – Dicionário de Usos do Português do Brasil
- ELAN** – Eudico Linguistic Annotator
- ELIS** – Sistema Brasileiro de Escrita da Língua de Sinais
- EF** – Expressão Facial
- EC** – Expressão Corporal
- FENEIS** – Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo
- FNDE** – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- GDLE** – Gran Dicionario dela Lengua Española
- HZJ** – Língua de Sinais Croata
- INES** – Instituto Nacional de Educação dos Surdos
- LF** – Língua Falada
- LS** – Língua de Sinais
- Libras** – Língua de Sinais Brasileira

LSB – Língua de Sinais Brasileira
L1 – Primeira Língua
L2 – Segunda Língua
L – Locação
LO – Língua Oral
LP – Língua portuguesa
LSE – Língua de Sinais Espanhola
LSF – Língua de Sinais Francesa
M – Movimento
MEC – Ministério da Educação e Cultura
NEPES – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação de Surdo
ÖGS – Língua de Sinais Austríaca
OR – Orientação da Palma da Mão
PA – Ponto de Locação
PCI – Programa Constante de Informações
SEESP – Secretaria de Educação Especial
SEDH – Secretaria Especial dos Direitos Humanos
SW – *SignWriting*
UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UL – Unidade Lexical
UNESP – Universidade Estadual de São Paulo
VDiaf. – Variação Diafásica
VDias – Variação Diastrática
VDiaté. – Variação Diatécnica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	22
LEXICOGRAFIA DA LÍNGUA DE SINAIS: RESGATE HISTÓRICO E ESTUDO DESCRITIVO	22
1.1 Lexicografia da Língua de Sinais no Mundo	22
1.2 Lexicografia da Língua de Sinais no Brasil	25
CAPÍTULO 2	52
REVISITAÇÕES À LEXICOLOGIA E À FONOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS	52
2.1 Lexicologia: atuação e contribuições ao trabalho lexicográfico na Libras.....	52
2.2 Estudo das unidades Fonológicas da Língua de Sinais: Parâmetros	61
2.2.1 Configuração da (s) Mão (s) (CM)	59
2.2.2 Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L).....	76
2.2.3 Movimento (M).....	81
2.2.4 Orientação da Palma da Mão (OR)	82
2.2.5 Expressões Não-Manuais (ENM)	83
CAPÍTULO 3	90
A HOMONÍMIA E O SEU REGISTRO EM DICIONÁRIOS	90
3.1 A homonímia na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais: algumas aplicações.....	90
3.2 Macro e microestrutura: questões teóricas e o tratamento da homonímia em dicionários.....	96
3.3 Dicionário especial: aspectos teóricos e práticos à luz da Metalexigrafia	102
CAPÍTULO 4	107
METODOLOGIA PARA ORGANIZAÇÃO DO VERBETE	107
4.1 Seleção do <i>corpus</i> lexicográfico.....	110
4.2 Procedimentos lexicográficos: fases e etapas	109
4.3 Análise sêmica do <i>corpus</i>	109
4.4 Primeiras decisões metodológicas para a constituição do verbete: macroestrutura parcial.	114
CAPÍTULO 5	117

PROPOSTA DO VERBETE.....	117
5.1 A proposta da microestrutura abstrata e o sistema de indexação da macroestrutura.....	117
5.2 A proposta da microestrutura concreta.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS.....	143
REFERÊNCIAS.....	146
ANEXOS.....	156
APÊNDICES.....	159

INTRODUÇÃO

O registro da língua é a condição para que ela não se perca e seja esquecida da memória coletiva da sociedade, pressupondo um trabalho de coleta e organização do léxico e de suas informações, em propostas lexicográficas que variam de acordo com as necessidades dos diferentes grupos linguísticos. A área responsável pelas atividades de pesquisa e elaboração de dicionário é a Lexicografia, Ciência dividida em duas grandes áreas, quais sejam: Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica (HWANG, 2010).

Da proposta da Lexicografia Prática, resultam, por exemplo, a produção de um vasto número de tipologias lexicográficas, tais como: dicionário geral, monolíngue e bilíngue, do tipo *thesaurus*, de uso, escolar, técnico-científico, especial, também conhecido como funcional ou paradigmático, dentre outros. Já a proposta da Lexicografia Teórica, também conhecida como Metalexicografia, resulta estudos e pesquisas sobre os “problemas teóricos e práticos relativos à produção e elaboração de dicionários” (HWANG, 2010, p. 33).

A Lexicografia é uma ciência que estabelece relação com diversas áreas do conhecimento linguístico, principalmente com a Lexicologia, ramo da Linguística que estuda cientificamente o léxico em todas as suas dimensões (BARBOSA, 1991). Além das unidades lexicais, a Lexicologia analisa também todos os morfemas e seus processos de formação de palavras, ou seja, tanto a forma (morfologia) como o significado (semântica) (ULLMANN, 1964). Na área, os estudiosos que se comprometem a explorar unidades polissêmicas, antônimas e homônimas, por exemplo, terão necessariamente que se associar a um campo mais específico dos estudos da unidade lexical e seu significado, a Semântica Lexical (ULLMANN, 1964).

O trabalho de produção de dicionário, indispensavelmente, perpassará por áreas como essas, sendo a Lexicografia aquela que irá orientar o lexicógrafo quanto às práticas, normas e acordos estabelecidos para elaboração de produtos lexicográficos. Atualmente, a quantidade de dicionário das línguas faladas (LFs)¹, tanto em número como em tipos, evidentemente, é superior ao das línguas de sinais (LSs). O *Dicionário Enciclopédico de Língua Brasileira de Sinais* (doravante *Deit-Libras*) (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), identificado na pesquisa como um dicionário do tipo geral, pode ser considerado o marco

¹ Utilizamos a denominação “língua falada” (LF) para indicar todas as línguas articuladas pelo canal oral-auditivo. Cf. LILO-MARTIN; GAJEWSKY, 2014.

de início da Lexicografia da Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras).² Após a publicação desse dicionário ou quase concomitantemente a esse momento, outro projeto de dicionário foi coordenado por Felipe (2001), o do *Dicionário Virtual de Libras* (a partir de agora abreviado pela sigla *DV-Libras*). A primeira versão digital do *DV-Libras* foi disponibilizada pelo site do Instituto Nacional de Educação do Surdo (INES), em fevereiro de 2002 (FELIPE; LIRA, 2001), e culminou, em 2005, com uma nova versão (2.0) mais completa. Além dessas duas obras lexicográficas, outras também foram publicadas, como veremos no Capítulo 1. Nesse capítulo, fizemos um levantamento do percurso histórico da Lexicografia da LS no mundo e no Brasil, além da descrição de algumas das principais obras lexicográficas do país.

No capítulo seguinte, veremos, ainda, que, até o presente, foram publicados apenas a tipologia de dicionário do tipo geral e glossários, que, diferentemente, pertencem à seara da Terminologia. Os dicionários especiais, sejam de verbos, homônimos e demais grupos particulares da língua, inexistem dentre o limitado acervo de dicionários da Libras. Por isso, visando preencher esta lacuna, organizamos esta pesquisa com o objetivo de propor um modelo de verbete para Dicionário Especial de Homônimos da Língua Brasileira de Sinais. Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, delineamos dois objetivos específicos, quais sejam: 1) identificar a tipologia de informações a serem incluídas na microestrutura do verbete; 2) indicar a estrutura da microestrutura padrão e abstrata (definir as marcas de uso, símbolos gráficos e/ou numéricos, outros) adequada ao tipo, quantidade de informações e público-alvo.

A metodologia da pesquisa foi baseada, parcialmente, na que foi empregada no *DV-Libras*, do INES (FELIPE e LIRA, 2005). Os dicionários de Zavaglia (2010) – *Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo Brasileiro (DFH-PCB)* e o de Durão et al (2014) – *Dicionário de Falsos Amigos do Espanhol (DIFAPE)* também influenciaram este trabalho no que diz respeito à etapa de construção da microestrutura padrão do nosso modelo de verbete. Dentre os colaboradores da pesquisa, destacamos o INES, que aprovou

² Segundo Felipe, quando começaram, na década de 80, os estudos sobre a Libras, já se sabia que existiam duas línguas de sinais no Brasil: a dos Urubus-Kaapor e a utilizada pelos Surdos dos centros urbanos brasileiros. Por isso, para diferenciá-las, o GELES nomeou essa segunda língua de Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros, mas os Surdos, através da FENESUS, contestaram tal denominação e preferiram que continuassem denominando sua língua de “Libras”, logo, por isso, a sigla (LIBRAS) passou a ser utilizada como nome próprio, alterando a grafia para “Libras” (letra inicial maiúscula e as demais minúsculas) (FELIPE, 2005; GELES, 1985, 1986, 1988, 1990, 1991, 1992; KAKUMASU, 1968).

e liberou a pesquisa documental nas bibliotecas históricas e setoriais da instituição, e a ilustradora Maria Helena Novakoski Costa da Silva, estudante do Curso de Bacharelado em *Desing Gráfico*, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, a qual foi responsável pelo trabalho de criação, edição e produção das imagens gráficas de alguns sinais utilizados ao longo do trabalho e no modelo do verbete. Outras informações pormenorizadas sobre a metodologia empreendida neste estudo podem ser acompanhadas no **Capítulo 4**. O público-alvo para o qual a proposta do verbete desta pesquisa se destina é formado, especialmente, por tradutores/intérpretes de Libras/LP, professores bilíngues da disciplina de Libras como L1 do surdo, intérpretes educacionais, surdos bilíngues L1-L2, e, também, profissionais ou membros da comunidade surda que trabalham com essa língua nas áreas de Arte, Literatura, Comunicação Jornalística ou Midiática. Além dessa Introdução, esta dissertação está dividida em **cinco capítulos**.

No **Capítulo 1**, fizemos uma apresentação do percurso histórico da Lexicografia da LS, inicialmente, no mundo e, posteriormente, no Brasil; além da descrição de alguns dicionários com maior popularidade e representatividade na Lexicografia da Libras. No **Capítulo 2**, buscamos fazer uma exposição sobre a Lexicologia e a Fonologia da LSB, a fim de demonstrar como a primeira interfere e contribui com o trabalho do lexicógrafo. Além disso, foi destinada uma seção para tratar e definir a unidade lexical da LS a partir das contribuições da Fonologia. No **Capítulo 3**, traçamos um estudo sobre a homonímia, sua definição e os problemas lexicográficos a ela relacionados, bem como o seu tratamento no dicionário geral e especial.

No **Capítulo 5**, referente à apresentação da proposta da pesquisa, apresentamos o modelo do verbete junto às discussões sobre cada uma das escolhas lexicográficas.

E por último, fizemos as **Considerações Finais** acerca da pesquisa empreendida, nas quais foram recapitulados momentos cruciais de todo o estudo.

A partir do trabalho desenvolvido, acreditamos que o modelo de verbete exposto oferecerá caminhos preliminares para a elaboração de dicionários especiais ou mesmo de repertórios menores que sirvam de suporte ao trabalho do tradutor/intérprete na área da tradução da Libras, ao ensino da língua e, ainda, a poetas e atores surdos que utilizam a língua como recurso estilístico. Cumpre ressaltar que a intenção desta pesquisa não foi esgotar as discussões e oferecer um modelo pré-acabado e fixo, mas convidar pesquisadores e lexicógrafos a discutir e propor novos caminhos e possibilidades para o registro da unidade lexical homônima da Língua de Sinais (LS).

CAPÍTULO 1

LEXICOGRAFIA DA LÍNGUA DE SINAIS: RESGATE HISTÓRICO E ESTUDO DESCRITIVO

Neste capítulo, foi desenvolvido um estudo sobre a história do registro da LS nos países que foram berço da ciência, e que influenciaram o início da atividade lexicográfica no Brasil. O estudo e a pesquisa Metalexigráfica na área da LS ainda são insípidos e carecem de atenção e aprofundamento. Desse modo, como uma tentativa de colaborar com a área, foi realizado, neste capítulo, um resgate histórico das principais produções que contribuíram para o registro e a elaboração de dicionários da língua de sinais no mundo e, mais detidamente, no Brasil.

Numa dimensão diacrônica, a pesquisa parte do período da Idade Média (momento de florescimento da LS) e se estende até o período atual. O estudo diacrônico, que retoma a raiz da Lexicografia das LSs, possibilita compreender a origem do registro dessa língua visual, bem como as motivações e interesses que mobilizaram a produção de simples listas, glossários a legítimos dicionários. Ainda neste capítulo, ao mesmo tempo em que as obras brasileiras foram sendo situadas na história da Lexicografia da Libras, foi sendo realizada a descrição daquelas com maior representatividade na área.

1.1 Lexicografia da Língua de Sinais no Mundo

Conforme Sofiato e Reily (2012), a história da língua de sinais está intimamente relacionada à história da igreja cristã e ao voto de silêncio eclesiástico. De fato, Harry Hoemann (HOEMANN, OATES, HOEMANN, 1983, p. 51) informou, no prefácio do glossário *Linguagem de Sinais do Brasil*, terceira obra lexicográfica brasileira, que “motivos religiosos despertaram grande parte da atenção que as pessoas surdas receberam”. Apesar dos sinais caseiros ou combinados já fazerem parte do cotidiano do surdo e de religiosos, “a sistematização e o registro gráfico e descritivo dos sinais surgiu pela primeira vez na história da humanidade no contexto da constituição da vida monástica na Idade Média” (SOFIATO; REILY, 2012, p. 12). Os fins foram de várias ordens, quais sejam: religiosas (acompanhar a liturgia, tradução de textos bíblicos, hinos, outros); econômicas, jurídicas (doações, testamentos, documentos de contabilidade da igreja) e educacionais (ensino dos noviços visando às missões).

Conforme Sofiato e Reily (2012), os primeiros registros escritos dessa língua foram encontrados na Europa e na América do Norte, nos mosteiros de *Cluny*, no *Monasteriale*, e em outro mosteiro do sudoeste da Alemanha, cujo nome do local não foi informado pelas autoras (SOFIATO; REILY, 2012). A lista do *Monasteriale* é considerada a listagem mais antiga do inglês arcaico que chegou a ser traduzida para o latim e foi uma das cinco listas encontradas no local. Sofiato (2005) concluiu, em suas pesquisas, que esse documento se tratava de um registro instrucional, supostamente, composto por 127 sinais (alguns com ilustração) prescritos verbalmente e agrupados por campos semânticos e tecnoletos (atividades, missa, objetos e literatura religiosa).

O volume do livro *De Computo Vel Loquela Digitorum*, escrito por Bede (672-735), foi o primeiro registro monástico da eclesia inglesa (Sofiato; Reily, 2012 *apud* Eriksson, 1993). Em seguida a esse registro, outros materiais surgiram para registrar ‘elementos específicos’ dos sinais, como o *Thesaurus Artificiose Memorariae*, publicado postumamente em 1679 (continha cinco pranchas ilustradas com três variações dos alfabetos unimanuais); e o trabalho de Giovanni Battista della Porta, intitulado *De Furtivis Literarum Notis*, publicado em 1563, o qual propunha associar letras e partes do corpo com dêixis (SOFIATO; REILY, 2012). Na Figura 01, retirada do livro de Eriksson (1993, p. 28), é possível ver a ilustração das posições do alfabeto manual da Alemanha, ilustradas pelo Padre Melchior de Yebra, obra póstuma, intitulada *Refugium Informorum*.

Figura 1: Alfabeto Manual do Padre Melchior de Yebra



Fonte: Acervo próprio do INES (ERIKSSON, 1993, p. 28).

Nenhum desses manuscritos eram propriamente dicionários, já que suas características e informações estavam mais próximas a manuais ou glossários. Para Sofiato (2005), a obra que mais se aproximou a um modelo de dicionário foi o *Monasteriales Indicia*, que data do período da Idade Média. Apesar disso, a igreja fez os primeiros ensaios para a produção de dicionários, e a educação foi a grande impulsionadora da cultura de elaboração desses materiais.

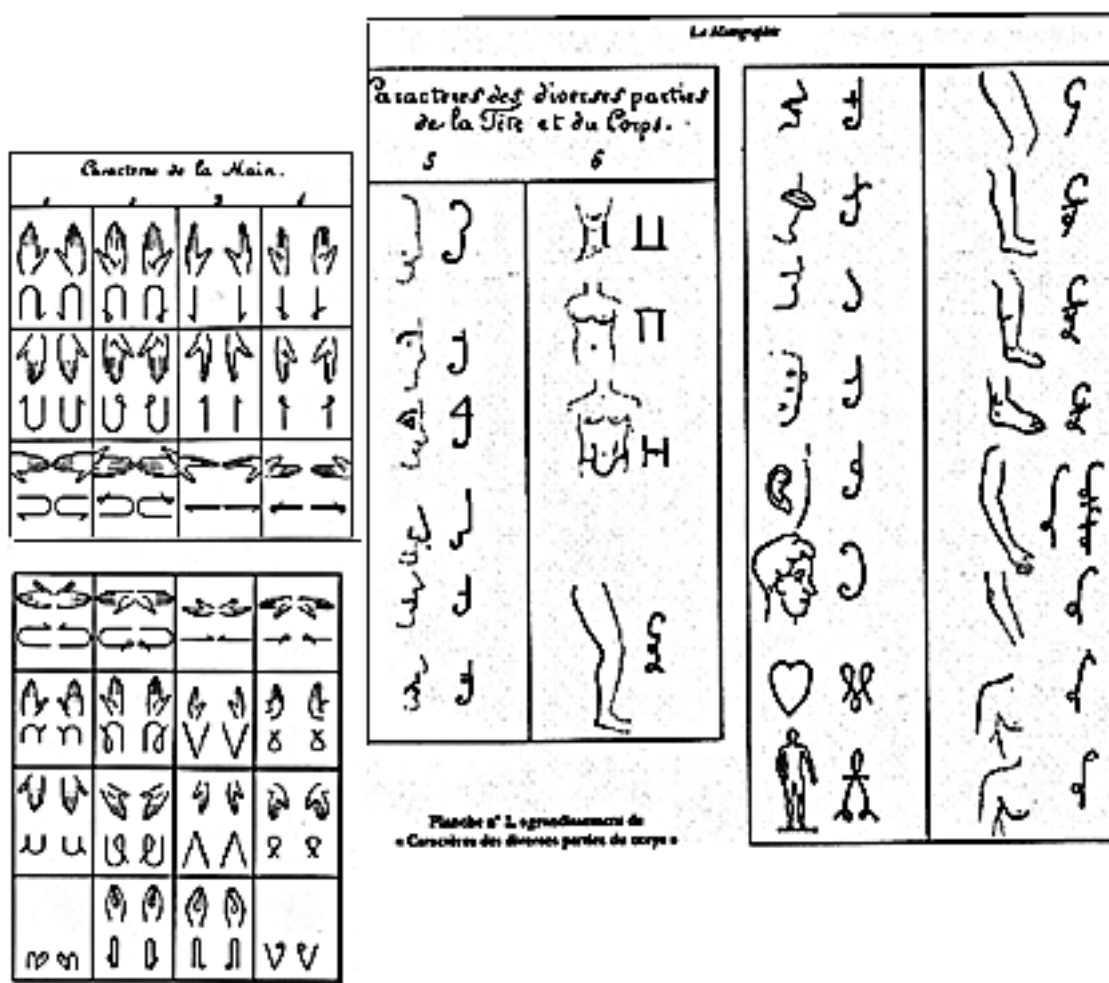
Pedro Ponce de Leon (1520-1584), monge beneditino do *Monastério de Oña*, foi o primeiro grande nome a inaugurar essa nova fase do trabalho de registro e documentação das línguas de sinais. Ele aprendeu a se comunicar por sinais em razão do voto de silêncio, muito comum entre os monges (SCHLÜNZEN; DI BENEDETTO; SANTOS, 2013), e foi o primeiro a se manifestar a favor da escolarização do surdo. O *Monastério Valladolid*, onde Ponce de Leon trabalhava, foi o primeiro a oferecer educação aos filhos da nobreza. O agrupamento dos surdos nesse lugar foi determinante para que os gestos criados nas

famílias e nos monastérios adquirissem legitimação entre os surdos e passassem de um sistema de comunicação por gestos para uma língua legítima.

Com isso, as primeiras manifestações e registros destinados ao ensino do surdo foram as do próprio Ponce de Leon, as de Juan Pablo Bonet e, posteriormente, as de L'Épée, para citar os mais importantes. Bonet apropriou-se do método de trabalho e do alfabeto manual de Ponce de Leon e publicou o manual intitulado *Redução das letras e a arte de ensinar os mudos a falar* (em espanhol, *Reducción de las letras y arte para enseñar hablar a los mudos*), primeiro livro da educação de surdos, publicado em 1620 (INES, 2008). L'Épée, fundador da primeira escola para o ensino de surdos, também teve uma obra atribuída ao seu nome, o livro *A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos*. No compêndio, havia registros sobre as regras sintáticas e o alfabeto manual idealizado por Ponce de Leon. Sicard, Valade e Bébien foram, segundo Sofiato e Reily (2012), alguns idealizadores de dicionário da LS. Porém, desses, o trabalho mais próximo a um dicionário foi o de Valade, porque ele “consistia num dicionário de sinais manuais, que trazia uma lista de palavras-chave em francês, cada uma, seguida de uma descrição verbal dos sinais gestuais naturais correspondentes” (SOFIATO; REILY, 2012, p. 15). Além destes, outros cinco títulos foram listados por Costa e Nascimento (2015) numa ordem cronológica. As autoras apontaram que:

O primeiro dicionário de língua de sinais foi publicado na França em 1776 pelo abade Charles-Michael de L'Épée intitulado “*L'institution de sourds muets, par la voice des signes methodiques*”. Além deste, em 1808, o gramático Roch-Ambroise Cucurron Sicard, sucessor do L'Épée, publicou “*De la théorie des signes*”, em 1825, “*Mimographie*” de Roch-Ambroise Auguste Bébien, em 1854, “*Etudes sur la lexicologie et al grammaire du langage naturel des signes*” por Y. L. R. Valade, em 1856, “*L'enseignement primaire du langage naturel mis à la portée de tout Le monde avec une iconographie des signes*” de P. Péliissier e em 1897, “*Dictionnaire des sourds-muets*” de J. Ferrand. Nos Estados Unidos, em 1965, W. C. Stokoe, D. Casterline e C. G. Croneberg publicaram “*A dictionary of American Sing Language on Linguistic Principles*”(CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURÍCIO, 2009 *apud* COSTA; NASCIMENTO, p. 148, 2015).

Deste universo de obras, Faria- do- Nascimento (2009) concluiu que o dicionário de Roch- Ambrois e Bébien, retomado por Valade em 1850, foi o mais completo. Ele possuía a indicação de caracteres ilustrativos do formato da mão e do movimento com setas; além de símbolos indicativos do tipo, direção, velocidade e frequência do movimento do tronco, perna, pé e das posições gestuais das mãos, braços e face (Figura 02), como não havia nos demais.

Figura 2: *Mimographie*, de Bébian

Fonte: Extraído de Sofiato (2005, p. 21-22).

Ao contrário do que, até certo período, foi sistematicamente difundido na literatura, foi Bébian que primeiro identificou e decompôs os sinais em unidades mínimas sem significado (Configuração de Mão – CM, Locação – L ou Ponto de Locação – PA, Movimento – M, Expressão Facial – EF e Orientação da Palma da Mão – OR), basta, para isso, verificar, nas páginas do *Minographie*, a descrição e a ilustração de tais parâmetros. Os caracteres mimográficos organizados na Figura 2 são uma mostra da decomposição dos sinais chamados “gestos elementares”.³ A inclusão da ilustração do formato da mão, o uso de setas e símbolos indicativos do tipo, direção, velocidade e frequência do M, além de tipos de manifestações da face (EF) e outros foram um grande avanço para a época. Isto porque as reflexões linguísticas na área da Fonética e Fonologia da LS já haviam iniciado

³ Gestos elementares correspondem ao que hoje é descrito como unidades menores, sem significado.

com Bébian antes mesmo que Stokoe (1960) divulgasse os resultados de suas pesquisas, apresentando três (CM, PA e M) dos cinco parâmetros, antes compartilhados por Bébian (OVÍDEO, 2009; FELIPE, 2014).

A seminal descoberta de Bébian, no século XIX, forneceu a sua obra um *status* mais normativo e prescritivo, comparada às demais produzidas na sua época e até mesmo após. Apesar deste passo, a Lexicografia da LS passou por um longo período de ócio em virtude da proibição do uso e disseminação da língua. Esta proibição, resultado da decisão, no *II Congresso Internacional de Educação de Surdos-Mudos* ou *Congresso de Milão* (1880)⁴, estabeleceu em ata, na seção sobre os “Métodos da Educação”, que:

Considerando a incontestável superioridade da linguagem oral sobre a de sinais na reintegração do surdo-mudo à sociedade, permitindo a mais perfeita aquisição do conhecimento, Declara: Que se deve dar preferência ao Método Oral ao invés do método de sinais para a educação e ensino do surdo-mudo (GAMA, 2011 [1875], p. 4).

Conseqüentemente, em virtude da erradicação da LS das escolas, no período que compreende o século XIX até meados do século XX, na Europa e na América (SOFIATO, 2005), a história da Lexicográfica da LS foi dividida em dois grandes períodos, quais sejam: Pré-Congresso de Milão (até 1880) e Pós-Congresso de Milão (a partir de 1960, com o início das pesquisas linguísticas de Stokoe). Moura (2000) relembra que, com a aprovação das resoluções estabelecidas no *Congresso de Milão*, a educação ficou totalmente sob o domínio da filosofia oralista, as produções na área da LS cessaram e, somente após essa fase, novas obras começaram a ser produzidas e publicadas livremente. O dicionário de Péliissier (1856), reproduzido por Flausino da Gama (SOFIATO, 2005), esteve dentre as obras publicadas em todo o mundo até a legitimação das decisões do *Congresso de Milão*.

A história formal da Lexicografia no Brasil teve início com a publicação da obra de Gama, apesar desta ser uma forma de tradução do material do Péliissier, em 1875, período Pré-Congresso de Milão. Nesse período, conforme afirma Felipe (2000, p. 87), “aqui no Brasil, a primeira publicação sobre a língua de sinais brasileira data de 1875, trata-se de um livro: *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino da Gama”. Ela e as principais obras lexicográficas da Libras, publicadas do século XIX aos dias atuais, serão apresentadas e discutidas na seção a seguir.

⁴ Congresso a favor da normatização do surdo por meio da oralização. Proibiu o uso da língua de sinais dentro e fora das instituições educacionais (MOURA, 2000).

1.2 Lexicografia da Língua de Sinais no Brasil

O século XIX configura-se como um marco histórico para a Lexicografia da Libras, sobretudo porque foi nesse período que surgiu a primeira referência lexicográfica da língua, a obra intitulada *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino Gama. Sob forte influência francesa, o atual INES, antes denominado *Instituto Imperial de Surdos-Mudos*, favoreceu a publicação, em 1875, deste trabalho, o qual, atualmente, é apontado por Rocha (GAMA, 2011[1875]) como um dicionário do tipo iconográfico, apesar das divergências no que diz respeito a essa classificação. A impressão litográfica do *Iconographia dos Signaes dos Surdos- Mudo*, teve para Tobias Leite (então diretor), dois fins, descritos a seguir:

1º Vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predileto dos surdos mudos para a manifestação dos seus pensamentos. Os pais, os professores primários, e todos os que se interessarem por esses infelizes, ficarão habilitados para os entender e se fazerem entender. 2º Mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado (GAMA, 1875, p. 12).

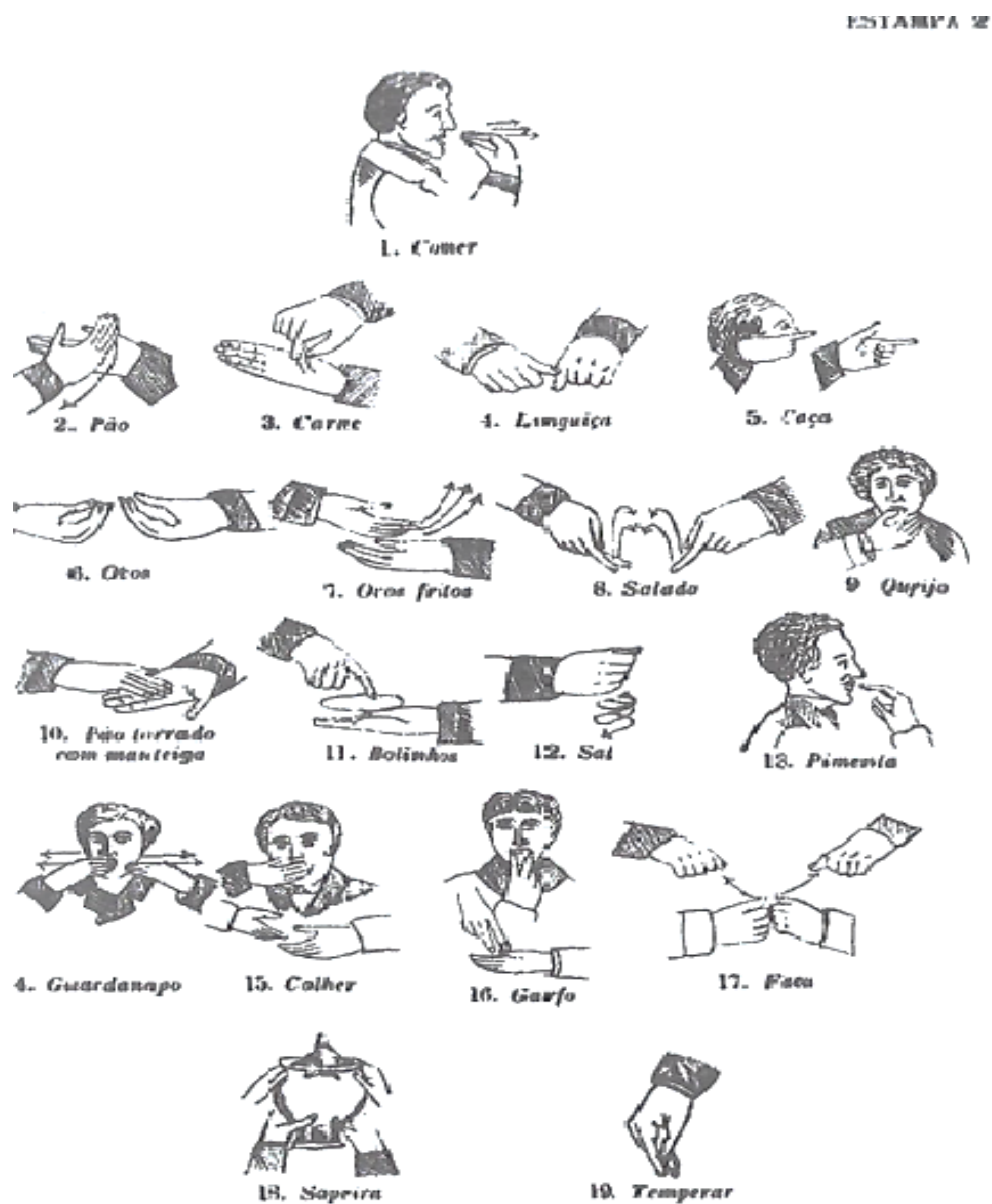
Com base nos estudos comparativos de Sofiato (2005), o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* foi uma compilação do livro *L'Énseignement Primare dès Sourds- Muets Mis a La Portée de Tour Le Monde Avec Une Icnographie des Signes*, de Pélissier, como já dito. Era comum a tradução, para o português, de livros franceses, utilizados no Instituto de Paris (INES, 2008). Porém, pela natureza e função dos glossários e dicionários (guardar o léxico de uma comunidade linguística específica), além das diferenças no sistema linguístico da língua de cada país, não faria sentido que eles também fossem traduzidos.

Sobre o assunto, Felipe (2000, 2014) argumenta que as propostas metodológicas das primeiras escolas de surdos da Espanha e da França serviram de base para outros países, e que, muito provavelmente, a LSF foi utilizada também no INES na época de Gama, uma vez que o primeiro diretor do INES foi um surdo francês.

Com efeito, a LSF influenciou, em grande medida, a LS do Brasil. Possivelmente, por isso, o glossário de Pélissier foi parcialmente traduzido para o português. Para Sofiato (2011, p. 59, grifo do autor), “Flausino não buscou ‘inspiração’ no livro de Pélissier e sim copiou *ipsis literis* as estampas do mesmo para produzir o *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”. Logo, apesar das contribuições da obra de Gama professores e alunos (INES, 2008), a fonte não pode ser considerada legitimamente brasileira, já que o seu repertório de sinais são da LSF.

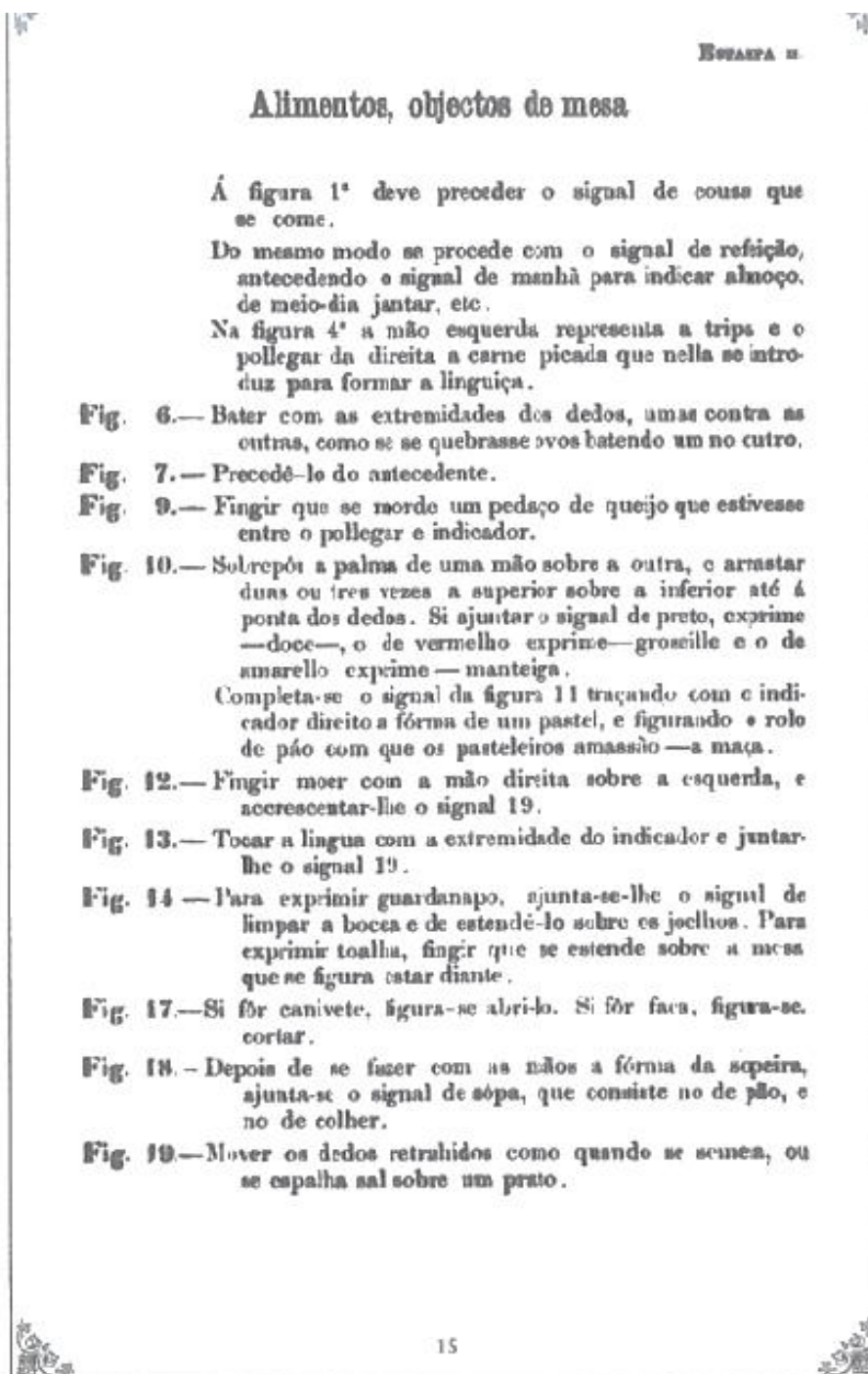
O glossário de Pélissier e, posteriormente, o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* são organizados por categorias semânticas (alimentos, bebidas, objetos de mesa, dentre outras) e por classificação gramatical (adjetivos, pronomes, verbos, dentre outras), e cada sinal é numerado com a explicação verbal na página subsequente, conforme mostrado nas Figuras 3 e 4, a seguir. Apesar das estampas (espécie de técnica de impressão litográfica) serem idênticas (Figuras 3 e 5), o glossário de Pélissier registrou o total de 302 sinais, em 15 estampas; e o de Gama, 382 sinais, em 20 estampas.

Figura 3: Estampa II – alimentos objetos de mesa



Fonte: (GAMA, 1875, p. 14).

Figura 4: Estampa II – instrução para execução dos sinais



Fonte: (GAMA, 1875, p. 15).

Figura 5: PLANCHE II – Aliments et objets de table



Fonte:(PÉLISSIER, 1856).

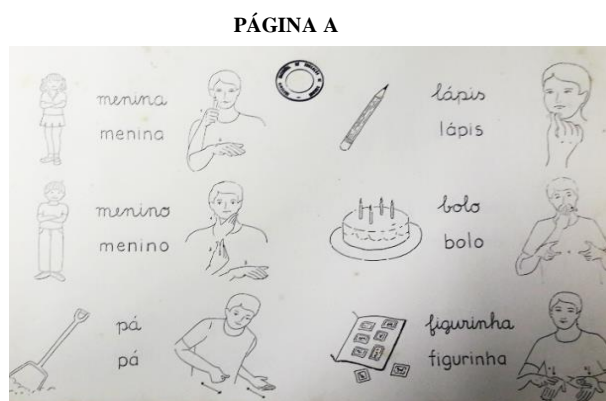
O *Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos*, apesar de não registrar o léxico corrente entre os surdos das províncias do Brasil, trouxe fortes contribuições para a educação e a Lexicografia brasileira. Ele inspirou e incentivou a criação de novos glossários, como os glossários *Linguagem de Sinais: As mãos também falam* e

Comunicando com as Mãos, também produzidos no INES, além de manuais e até mesmo dicionários.

Estes e outros materiais lexicográficos da biblioteca histórica do INES foram, com a colaboração da Profa. Dra. Solange Maria da Rocha, catalogados, analisados e registrados em imagens, como se verá ao longo deste capítulo. Os dois últimos glossários, acima citados, por exemplo, foram elaborados por professores da instituição visando difundir a língua entre os docentes, funcionários e alunos da casa. No prefácio do glossário *Linguagem de Sinais: As mãos também falam*, a equipe de elaboração definiu, como finalidade, “levar aos colegas a linguagem de sinais utilizada pelos deficientes auditivos no Instituto Nacional de Educação de Surdos, considerando-a aquisição fundamental à paciente tarefa de integrar os surdos aos ouvintes” (INES, [1856], s/p.).⁵

A organização e estrutura do glossário *Linguagem de Sinais: As mãos também falam* se aproximam mais a um modelo de glossário ilustrado do que a um simples manual. Ele foi baseado em pesquisas de Maria Bernarda Limeira Mello e elaborado sob orientação de Gerando Cavalcanti de Albuquerque, junto a uma equipe de professores, alunos, ex-alunos e funcionários surdos do INES. No corpo desse glossário, foram registradas a ilustração (alguns sinais não possuem ilustração), a palavra em Língua Portuguesa – LP (com fonte em letra cursiva e de imprensa), e, por último, o sinal. A ordenação da nomenclatura não segue a ordem alfabética ou outro critério claro para indexação das palavras ou sinais (ver Figura 6). Nota-se que, em algumas páginas, há sequenciação semântica, como com os sinais MENINO/MENINA (categoria semântica: seres humanos); CACHORRO/GATO/PATO (categoria semântica: animais), mas esse não é o padrão adotado por toda a macroestrutura, como demonstram as páginas A e B:

Figura 6: Páginas alternadas do Manual Linguagem de Sinais [...]



⁵A obra não possui data, por isso, Rocha (historiadora do INES) atribuiu o ano de fundação do INES.

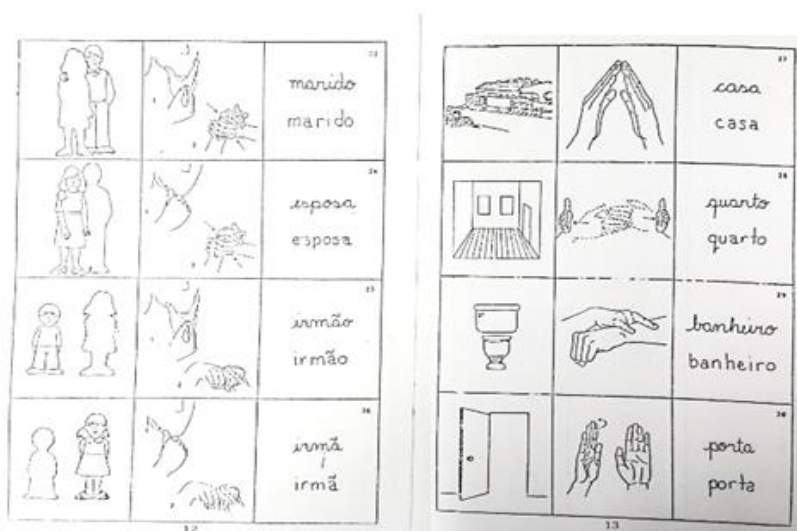
PÁGINA B



Fonte: Acervo do INES (INES, s.d., s/p.).

Como se observa na página A, o campo semântico para “seres humanos” é interrompido pelo sinal para PÁ (utensílio doméstico ou para construção), que, por sua vez, é seguido por LÁPIS (material escolar) e BOLO (alimento), e finalizado com a palavra/sinal: FIGURINHA, também de campo semântico divergente. O segundo glossário, diferentemente, é sistematizado e respeita um padrão para organização do vocabulário. A obra não possui autoria e data de publicação, foi organizada por campos semânticos e traz o alfabeto manual e os numerais, informações frequentes em obras de LS desta natureza.

Figura 7: Página do glossário *Comunicando com as Mãos*



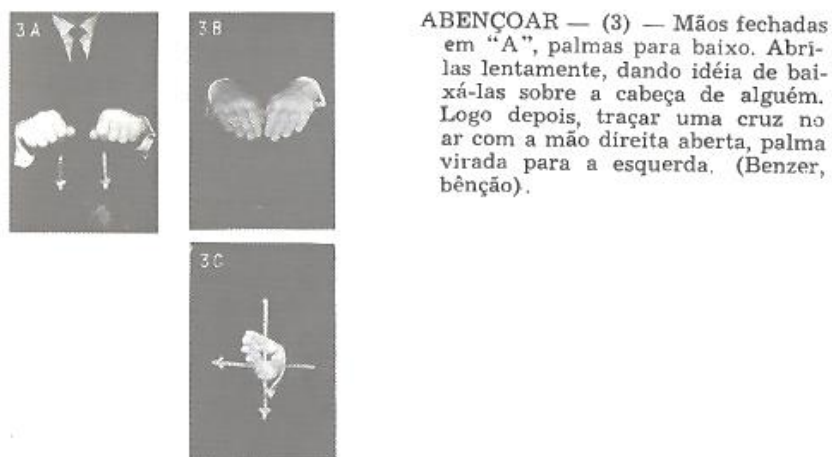
Fonte: Acervo do INES (ALBUQUERQUE, [1856], p. 10-11).⁶

⁶A obra não possui data, por isso, Rocha (historiadora do INES) atribuiu o ano de fundação do INES.

Tanto o *Linguagem de Sinais: As mãos também falam* como o *Comunicando com as Mãos* tratam o léxico isoladamente, sem nenhuma informação semântica ou pragmática. Suas funções são auxiliar o aprendizado do sinal e favorecer a compreensão intralingüística entre os vocábulos da Libras e da LP. O dicionário (como é chamado na apresentação da obra) *Linguagem das Mãos*, de Eugênio Oates, publicado em 1960, foi a segunda obra de referência para a Lexicografia da Libras. Publicada quase um século após o *Iconografia dos Sinais*, essa obra apresenta metodologias mais condizentes à Lexicografia da época. Prova disso é o relato de Burnier (1996 *apud* Oates, 1969, p. 7) presente na apresentação da referida obra acerca dos procedimentos metodológicos empregados no trabalho, qual seja:

Antes de organizar este dicionário de mímica o nosso amigo, Padre Eugênio, realizou exaustivas pesquisas pelo território nacional, colecionando gestos nos lugares onde conviveu com os surdos. As mímicas escolhidas e colocadas neste manual resultaram do número maior de gestos parecidos. Alguns gestos não existentes no Brasil e presentes neste livro, visaram completar e dar exata expressão do pensamento. Não houve escolha das mímicas com o desejo de agradar mais a um grupo de surdos que a outro. A escolha foi feita cuidadosamente e após acurados os estudos. Houve, também, consultas a surdos e a professores mais conhecedores da linguagem gestual (BURNIER, 1996 *apud* OATES, 1969, p. 7).

O trabalho de Oates sofreu influência da Lexicografia da Língua de Sinais Americana, doravante ASL (COSTA; NASCIMENTO, 2015). Oates foi o primeiro a documentar os sinais utilizados por surdos de alguns estados brasileiros e a submeter os sinais à validação de surdos e especialistas conhecedores da língua. Outra inovação do dicionarista foi a substituição do desenho litográfico pelo registro fotográfico e o uso de setas autoexplicativas indicando o tipo de movimento e o deslocamento da (s) mão (s) (ver Figura 8). Vejamos:

Figura 8: Representação do sinal com a descrição verbal

Fonte: Oates (1969, p.17)

O glossário *Linguagem das Mãos* possui 1.258 sinais, 830 unidades lexicais a mais do que no *Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos*. Ele mantém o sistema de indexação por classe gramatical (verbo e substantivo) e por campo semântico (animais, objetos, cores, alimento, entre outros), adotado também por Gama. Segue, estritamente, a ordem alfabética, a direção onomasiológica, com entradas que são o próprio sinal. Cada sinal é codificado ao longo da extensão da macroestrutura por número(s) na ordem crescente e com letra(s) do alfabeto da LP. Ao lado do sinal, consta um breve texto que descreve a sua execução. Algumas mudanças fonéticas (configuração de mão, movimento, dentre outros) ou sinais compostos são ilustrados por duas ou mais fotografias codificadas em letras do alfabeto para indicar mudanças de parâmetro ou que o sinal é composto. Por exemplo, se um sinal possui duas sequências lineares com configurações de mão e movimentos distintos, cada imagem é codificada por uma ordem numérica e alfabética correspondente, e assim sucessivamente.

O sinal ABENÇOAR⁷ é formado pela aglutinação de dois morfemas livres (benção e cruz); logo, ele inicia e termina com uma CM diferente. Para ilustrar mudanças fonéticas como essa, o autor nomeia as imagens da Figura 8 de **3A** e **3B** (radical) e **3C** (morfema incorporado). Esse sistema simbólico, uma espécie de legenda, adotado por Oates (1960) e outros lexicógrafos ou terminólogos tinha por finalidade explicar a forma de realização do sinal (SOFIATO; REILY, 2012). Krieger (2012) emprega para o termo “legenda” a

⁷ Nesta dissertação, os exemplos de itens lexicais em Libras estão grafados em caixa alta, conforme convenção (FIGUEIREDO SILVA; SELL, 2009), (FELIPE, 2014) – desde 1988 – dissertação da UFPE.

expressão “chave de leitura”. Segundo a autora, a chave de leitura é uma “espécie de código, traduzido por marcas formais” (KRIEGER, 2012, p. 30), utilizadas para orientar a leitura e indicar aspectos semânticos, fonéticos, gramaticais, além de outros. Essas marcas estavam muito presentes na obra de Oates (1960) e influenciaram fortemente o fazer lexicográfico da época, de forma que, até hoje, elas podem ser encontradas em algumas obras. Sobre o sucesso dessa obra, Sofiato (2005, p. 64) testemunha que:

Sendo considerada uma obra de referência pela sua historicidade e forma de elaboração, muitos autores posteriores se basearam no mesmo tipo de suporte e no uso dos mesmos recursos para criar outras obras semelhantes a essa. Encontramos em várias obras a mesma espécie de enquadramento fotográfico, de escolha lexical e de legendas explicativas apresentadas por Oates em seu livro. Muitos se apropriaram das soluções de Oates, que continuam se perpetuando, apesar das restrições.

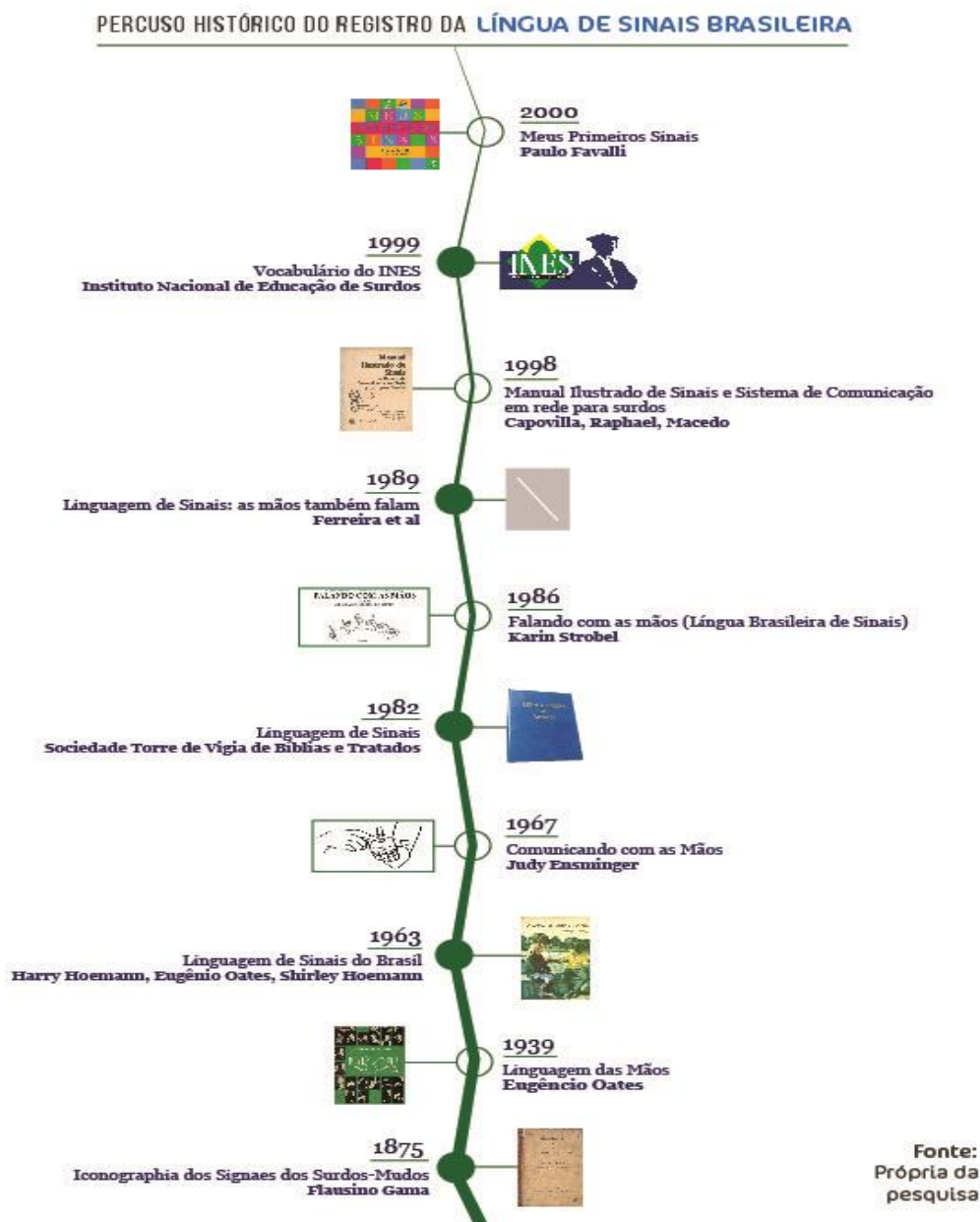
A necessidade de difusão da Libras entre as comunidades surdas e instituições interessadas no surdo fez surgir “iniciativas em termos de estudos linguísticos, materiais de divulgação não especializados e elaboração de dicionários por instituições religiosas, públicas e privadas” (FELIPE, 2001, p. 38). Mesmo com a ausência de recursos de imprensa e vídeo, *corpora* digital, equipe ampla e diversificada, entre outros, os trabalhos lexicográficos na Libras continuaram sendo produzidos mais efetivamente como uma técnica e arte do que como uma ciência.

A partir de um breve levantamento bibliográfico e material, com consulta a obras publicadas no INES, desde a sua fundação, compreendendo o período imperial até os dias atuais, foi elaborada uma linha cronológica⁸ com as principais referências do século XIX ao XXI (ano 2000), a fim de reconstruir o percurso histórico de registro⁹ da Libras e, por conseguinte, a própria história da Lexicografia desta língua. Por meio dessa linha sucessória, é possível verificar o período em que a produção de repertórios lexicográficos organizava-se basicamente como atividade técnica. Apenas no início do século XXI, a Lexicografia da Libras começa a se organizar como atividade científica, elaborada por equipe de especialistas e surdos.

⁸ Esta cronologia não se finda em si mesma. Ela está aberta a novas referências e pode ser consultada no apêndice I, em versão ampliada.

⁹ Alguns títulos foram coletados pela pesquisadora no acervo histórico do INES: 1. *Linguagem de Sinais do Brasil* (Harry Hoemann, Eugênio Oates, Shirley Hoemann); 2. *Comunicando com as Mãos* (Judy Ensminger); 3. *Linguagem de Sinais: as mãos também falam* (equipe do INES).

Figura 9: Percurso histórico do registro da Libras¹⁰

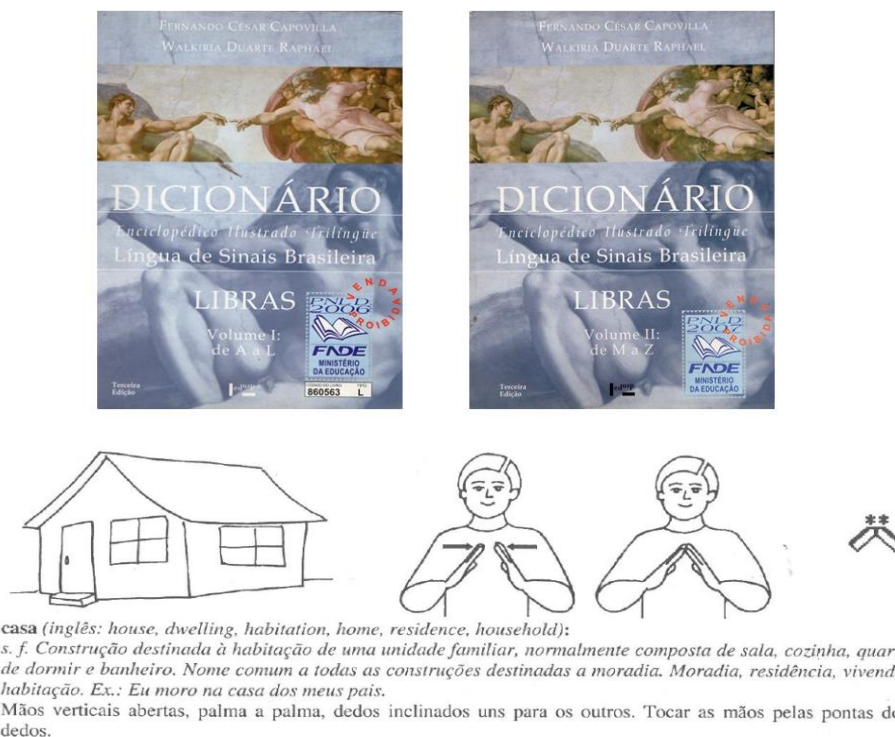


¹⁰Referências das imagens: Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DeGcAzUU/>> Acesso em: dez. 2018. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/34833703/Linguagem-das-Maos-Eugenio-Oates>> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <<https://www.traca.com.br/livro/446554/>> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n1/08.pdf>> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/livros/sociedade-torre-de-vigia-de-biblias-e-tratados/linguagem-de-sinais>> Acesso em: dez. 2018.; Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/53110640/falando-com-as-maos>> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1155086713-d314-manual-ilustrado-de-sinais-e-sistema-de-comunicaco-_JM> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <<http://attillatorres.com.br/2019/01/07/vagas-para-tutores-do-instituto-nacional-de-educacao-de-surdos/>> Acesso em: dez. 2018; Disponível em: <<https://www.saraiwa.com.br/meus-primeiros-sinais-451347.html>> Acesso em: dez. 2018.

Os Estudos Linguísticos e Lexicográficos da ASL e da LSF foram as bases teóricas para a Lexicografia da Libras, o que pode ser comprovado pelas três primeiras obras da linha cronológica da Figura 9. A ASL foi a língua mais pesquisada no mundo a partir da década de 1970 e sua influência logo foi sentida nos dois primeiros glossários elaborados no Brasil, nas décadas de 1969 e 1983. Assim, *Linguagem das Mãos* (OATES, 1939) e *Linguagem de Sinais do Brasil* (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1963) não só adotaram a metodologia como também acrescentaram sinais da ASL às suas nomenclaturas para suprir os espaços deixados pelos sinais não encontrados nos estados brasileiros.

Apesar das contribuições de obras como essas, autores, como Temóteo (2012), Costa e Nascimento (2015) e Cardoso (2017), destacam que as obras do século XIX e XX, apesar de suas contribuições, aproximaram-se mais a manuais ou glossários do que propriamente a dicionários. Sofiato e Reily (2014) compartilham do mesmo ponto de vista, uma vez que, para elas, o primeiro dicionário de Libras surgiu apenas no século XXI. Esse dicionário, intitulado *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (Deit- Libras)*, foi publicado em 2001, por Capovilla e Raphael (2001), nas versões impressas e em CD-ROM. Ao todo, ele traz 3.500 sinais e 9.500 verbetes em Português.

Figura 10: Capa e verbete do *Deit- Libras – Vol. 1 e 2*

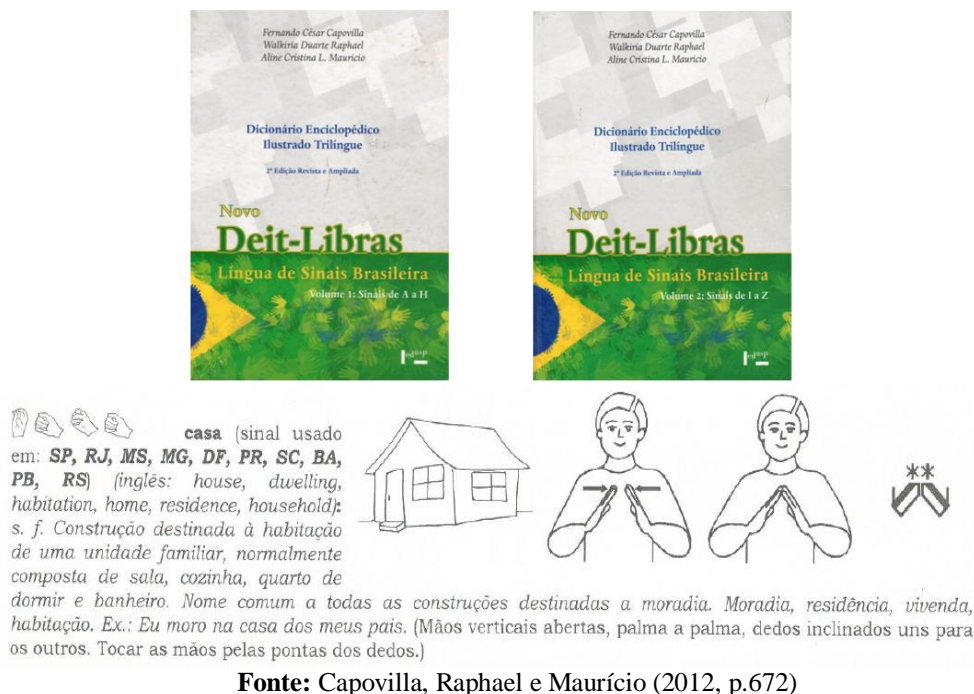


Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 371).

Sofiato e Reily (2014) afirmam que a referida obra é uma das mais completas da área da surdez. Ela parece ter sido a primeira a trazer informações de ordem gramatical, semântica e pragmáticas para cada entrada, como convencionalmente fazem os dicionários da ASL, da LSF e da Língua de Sinais Espanhola (LSE), principiantes na atividade prática da Lexicografia da LS.

Conforme Capovilla, Raphael e Maurício (2012), o *Deit-Libras* (2001) é resultado de pesquisas desenvolvidas desde 1989 no Laboratório de Neuro-psicolinguística Cognitiva Experimental da Universidade de São Paulo – USP (2012). Ele foi o primeiro de uma série de edições¹¹ e reimpressões, como a de 2009, que chegou a alcançar três reimpressões em 2011, 2012 e 2015. Além de dicionários, o grupo também publicou o *Manual Ilustrado de Sinais de Comunicação em Rede para surdos* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 1998), a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004, 2005), *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004, 2005, 2006, 2011, 2014, 2015, 2016), dentre outros.

Figura 11: Capa e verbete do *Novo Deit- Libras*



¹¹Primeira edição do *Deit- Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*(CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2001), (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006); *Segunda edição do Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira/ Novo Deit- Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2009 - 2015) e o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (CAPOVILLA et al, 2017).

Em 2006, a terceira edição do *Deit-Libras* foi adotada e distribuída pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como material didático complementar para as escolas públicas brasileiras. No prefácio de apresentação da obra, os autores fizeram, de antemão, o registro completo sobre os dados do investimento que seriam aplicados, na época, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Os autores declararam que:

Com tiragem inicial de 11 mil exemplares, esta presente terceira edição deverá ser distribuída exclusivamente pelo Ministério da Educação (MEC) com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) inicialmente há cerca de 8.500 escolas espalhadas em 27 unidades da federação, beneficiando cerca de 37 mil estudantes brasileiros com surdez severa ou profunda matriculados no ensino público, com vistas a assegurar-lhes o direito de uso e aprendizagem da Libras, numa perspectiva bilíngue, conforme determina a Lei nº 10.436/02 (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2006, p. 29).

O mais recente lançamento da série de produções de Fernando César Capovilla *et al* foi o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos* (doravante *DLSB*), publicado no ano de 2017, por Capovilla, Raphael, Temotéo e Martins (2017). Esse dicionário possui três volumes e é, conforme relato dos autores, assim como os demais, o desdobramento de alguns dos dicionários, enciclopédias e manuais anteriores.

Figura 12: Capa e verbete do *DLSB*



Fonte: Capovilla *et al* (2017, p. 590)

O dicionário acima apresentado é o primeiro que não recebeu o título de Enciclopédico, e isso parece justificar a retirada de grande parte dos textos introdutórios¹² constantes nos dicionários anteriores. Na edição de 2012, havia 217 páginas só de textos introdutórios; e na de 2017, apenas 25 páginas (ilustração do alfabeto, números e formato de mão e as orientações para uso) antecedendo a macroestrutura. Uma estranha decisão, jamais vista nas versões anteriores, foi a omissão da quantidade de sinais, palavras em português e em inglês que compõem seu vocabulário. Nas demais edições, logo nas primeiras páginas introdutórias, os autores dizem que o dicionário documenta 10.296 sinais, incluindo: “3.1. Os 9.021 verbetes em Português que correspondem aos 10.296 sinais de Libras; 3.2) Os 13.757 verbetes em Inglês que correspondem ao 9.021 verbetes em Português; [...]” (CAPOVILLA *et al*, 2017, p. 45), não tendo ocorrido o mesmo na publicação de 2017.

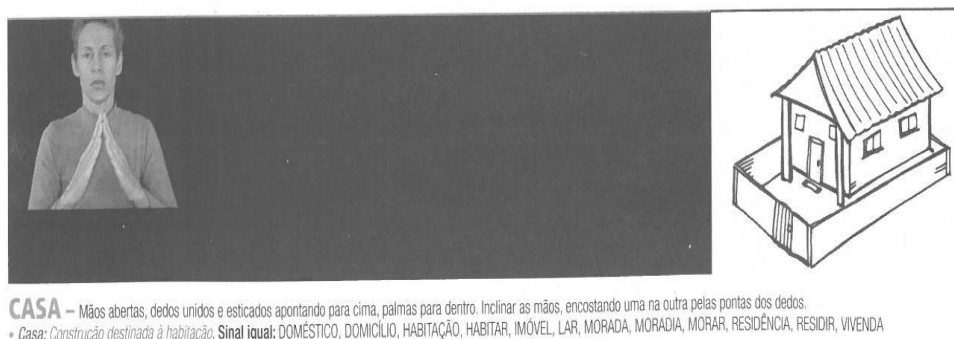
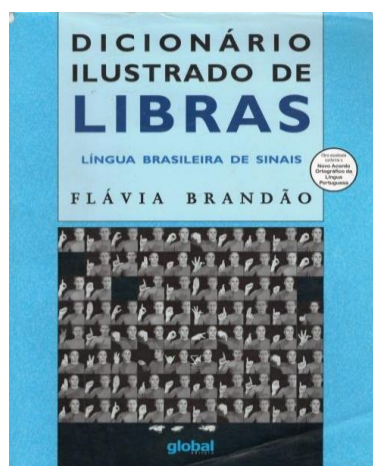
A extensão da macroestrutura de um dicionário é uma informação importante tanto para o consumidor como para o pesquisador. Para o consumidor, porque o ajuda a orientar a sua compra; e ao pesquisador, porque o tamanho da nomenclatura (BIDERMAN, 1994) lhe fornece pistas sobre a classificação tipológica do produto. Apesar de não haver dados sobre o tamanho da nomenclatura das três línguas, notamos que o dicionário expandiu a cobertura da variação diatópica a todos os estados brasileiros, registro até então nunca visto em qualquer outra produção dessa natureza no país¹³, o que é um ganho irrefutável para a comunidade em questão.

Além da rede de dicionários de Capovilla, existe, também, o *Dicionário Ilustrado de Libras* (a partir de agora, *DIL*), de autoria de Flávia Brandão. Ele foi publicado em 2011 e reimpresso em 2016. Sua macroestrutura é composta por 3.212 sinais e 7.800 palavras em português. Vejamos:

¹² O uso do termo “textos introdutórios” está sendo empregado conforme a classificação de Haensch (1982) para dicionário, a saber: 1. Parte introdutória; 2. Corpo do dicionário; 3. Anexos.

¹³ Informação oral prestada por Antonielle Cantarelli Martins, uma das autoras do *DLSB* (CAPOVILLA *et al*, 2017).

Figura 13: Capa e verbete do *Dicionário Ilustrado de Libras – Vol. Único*



Fonte: Flávia Brandão (2011, p.160).

De todas as obras de natureza lexicográfica analisadas e comparadas nesta pesquisa, apenas o *Deit-Libras*, *DLS* e o *DIL* podem ser considerados como efetivos dicionários, pelo conteúdo e tipo de informações trazidos em cada um. A coleção unificada *Libras: a imagem do pensamento*, de Kojima e Segala (2012), é citada por Cardoso (2017) como mais um dicionário em suporte impresso. Ao todo, ele é dividido em oito capítulos, apresentando, no terceiro capítulo, uma lista vocabular com verbetes separados por CM.

Pelas características da obra, o livro de Kojima e Segala não chega a envergadura de um dicionário, já que a definição de vocabulário (“lista de palavras dispostas em ordem alfabética, com ou sem definição” (ZAVAGLIA, 2012, p. 238)) se aplica melhor as suas características. No recorte abaixo, é possível verificar que, no enunciado lexicográfico dos verbetes, não há nenhuma espécie de definição ou informação gramatical além da descrição fonológica do sinal e sua ilustração.

Figura 14: Sistema de organização do vocabulário

	<p>TER</p> <p>Configurar a mão em "L", bater várias vezes a ponta do polegar no peito, com o indicador voltado para a esquerda.</p>
CONFIGURAÇÃO DAS MÃOS EM "M", "W" e "3"	
	<p>GARFO</p> <p>Mão esquerda aberta, palma para cima, servindo de prato. Com a mão direita em "M", palma para cima, passar os dedos sobre a palma da mão esquerda, na direção do pulso, como se estivesse pegando algo com o garfo.</p>
CONFIGURAÇÃO DAS MÃOS EM "N" e "U"	
	<p>COISAS</p> <p>Configurar a mão direita em "N", dedos apontados para a esquerda, palma para trás. Tremular os dedos alternadamente na horizontal, indo para a direita.</p>
	<p>ESTRANGEIRO</p> <p>Configurar a mão em "N", tremulando os dedos alternadamente, levar a mão para cima, para a frente e para longe.</p>

Fonte: Kojima e Segala (2012, p. 60).

Apesar de pouco conhecida, essa produção utilizou o sistema de indexação por Configuração de Mão, já bastante avançado, inclusive para os primeiros dicionários gerais de língua que começavam a surgir na época da primeira impressão do trabalho de Kojima e Segala, em 2001.

Atualmente, a Libras dispõe não somente de glossários, vocabulários e dicionários impressos, mas também de dicionários digitais que ganharam espaço e se multiplicaram rapidamente no país. Para citar alguns dicionários em suporte digital, organizamos a lista a seguir:

2002 – *Dicionário Ilustrado do Governo de São Paulo* em CD – Rom, contendo 43.606 verbetes;

2005 – *Dicionário Virtual da Língua Brasileira de Sinais* (INES, 2005), em CD – Rom e no endereço eletrônico: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>. Contém 5.863 sinais;

2007 – *Dicionário Digital LIBRAS Cristão* (disponível no site: <http://www.surdosonline.com.br/>);

(ano não identificado) – *Dicionário Pró-Libras* (disponível no site: <http://www.surdosonline.com.br/>);

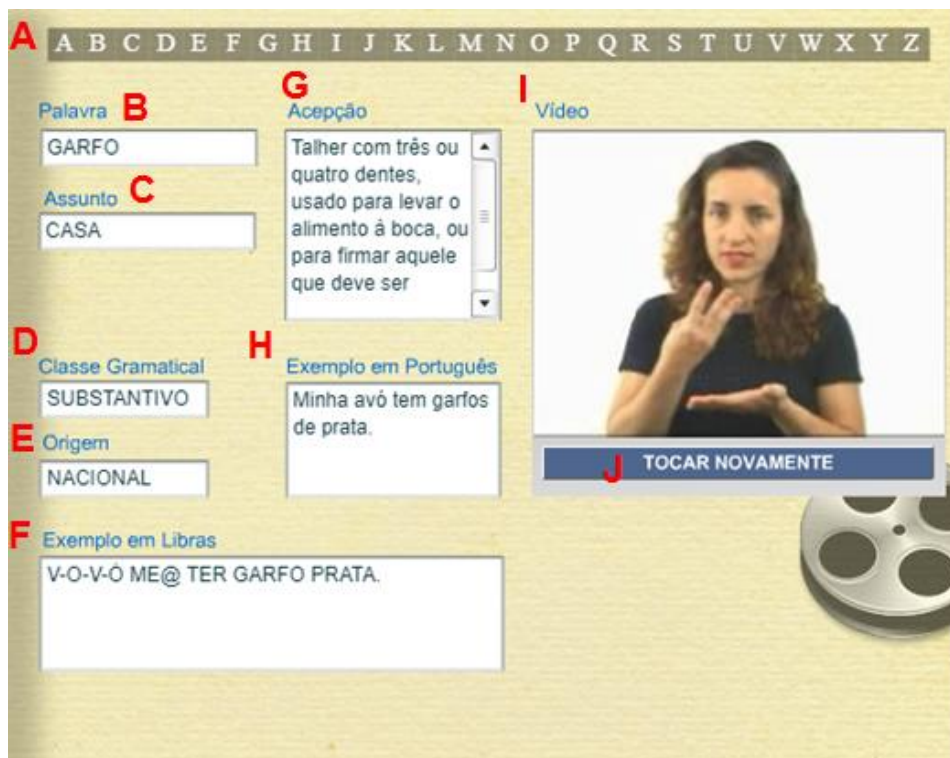
(ano não identificado) - *Dicionário de LIBRAS da Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC* (disponível no site: <http://sistemas.virtual.udesc.br/surdos/dicionario/>).

Desses dicionários digitais, o *Dicionário Virtual da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (DV-Libras)*, elaborado pela equipe técnica do INES e FENEIS em parceria com o Governo Federal, nas versões 1.0 (ano 2001) e 2.0 (ano 2005), *online* e em CD– Rom, recolheu mais de 5 mil sinais e registrou mais de 3.986 verbetes na sua segunda versão, e foi pioneiro na história da Lexicografia de Dicionários Digitais da Libras. Ele registra a unidade lexical em vídeo- gravações, oferecendo “a possibilidade de acompanhar o sinal sendo realizado a partir de todos os parâmetros que o compõem” (FELIPE, 2001, p. 41).

Todo o vocabulário do referido dicionário foi gravado a partir da sinalização de uma ex-instrutora da FENEIS e ex-aluna surda do INES, permitindo que o usuário possa visualizar o sinal em imagem real e tridimensional (ver Figura 16). O *DV-Libras* inovou em diferentes aspectos, haja vista que, na própria página do dicionário, é possível verificar todos os recursos e inovações do produto, proporcionados pelo avanço tecnológico nas redes computacionais. O *campo F*: “Exemplo Libras” é uma das diferenças entre ele e os glossários e dicionários anteriores. Ele fornece a transcrição do exemplo de uso em Português para a Libras pelo sistema de glosas¹⁴ elaborado por Felipe (1988; 1998), denominado “Sistema de Transcrição em Palavra”.

¹⁴ Conforme Felipe (2014), “glosas” é um sistema de representação semântico-discursiva do sinal. Trata-se de uma convenção para representar os sinais da Libras por meio de palavras, sinais gráficos e tipográficos.

Figura 15: Verbetes virtual do *DV-Libras*



Fonte: INES (FELIPE; LIRA 2005).

A = Campo de busca por ordem alfabética;
 B = Busca pela palavra
 C = Assunto ou campo sêmico relacionado
 D = Classificação Gramatical
 E = Variação diatópica

F = Exemplo com transcrição em Libras
 G = Uma definição
 H = Exemplo em Português
 I = Vídeo com a execução do sinal
 J = Repetição do vídeo

Conforme registros na própria metodologia do dicionário (FELIPE; LIRA, 2005), a coordenação geral, responsável pela organização e supervisão da equipe de filmagem e informática, ficou a cargo de Guilherme Lira e de Solange Rocha (INES). Toda a pesquisa do projeto foi coordenada por Tanya Felipe (LIRA, 2001), responsável pela metodologia, sistematização de coleta, tratamento e apresentação dos dados, além de supervisora do trabalho desenvolvido pelos surdos (FELIPE, 2001).

Essa segunda versão (2.0), elaborada pela FENEIS em convênio com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE – MEC) e da SEESP – Secretaria de Educação Especial do MEC, com a participação de membros do INES, previa a criação de um avatar ao invés de vídeos com sinalizante humano; porém, conforme relato oral de Felipe, a equipe da empresa *OSCIP Acessibilidade Brasil*, do empresário Guilherme de Azambuja Lira, responsável pela criação do avatar, não conseguiu desenvolvê-lo.

Em virtude disso, foi preciso reduzir o número de verbetes originais (mais de cinco mil) do produto final e retirar o sistema de pesquisa voltado para o consulente surdo, resultando na versão 2.0, cujas impressões de cópias em CD foram financiadas pela Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE, e distribuídas pelo INES. Na Figura 16, é possível verificar que foi disponibilizado um *link* para consulta sobre a concepção e a metodologia utilizadas na elaboração do material. Ao todo, foram desenvolvidas nove etapas, quais sejam: **1.** Organização da equipe; **2.** Organização da nominata; **3.** Organização dos verbetes em Libras e em LP; **4.** Transcrição da exemplificação dos verbetes; **5.** Sistema de Notação para a transcrição de dados; **6.** Comparação dos sinais pesquisados; **7.** Filmagem de sinais; **8.** Organização das configurações de mãos e descrição dos sinais; **9.** Organização dos dados e informações da plataforma, elaborados por Felipe (FELIPE e LIRA, 2005).

Figura 16: Página inicial do *DV-Libras* (versão 2.0)



Fonte: INES (FELIPE e LIRA 2005).

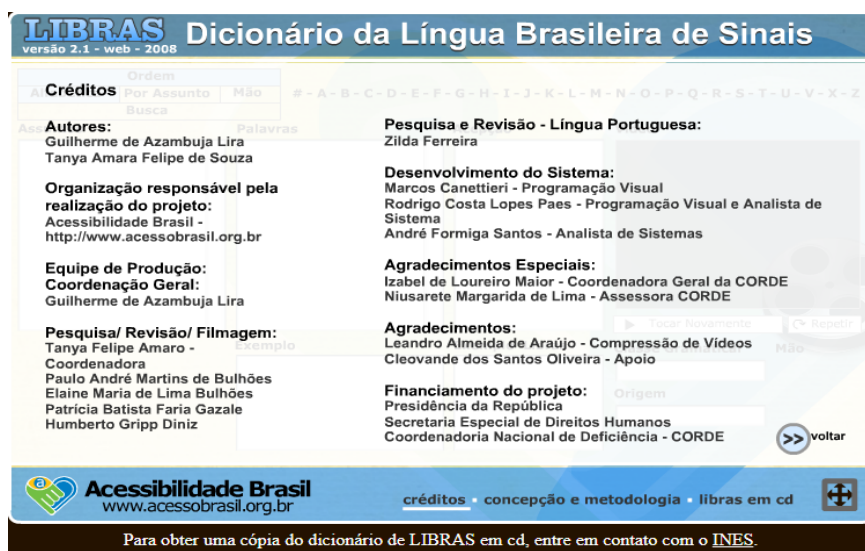
Após esta versão, outras duas foram divulgadas na *internet*, como a 2.1(2008) e a 3.0 (2011). Tais versões, diferentemente das duas primeiras, não foram atualizadas pelas equipes originais do INES e da FENEIS, sob a coordenação da responsável pela concepção e metodologia de pesquisa, mas pela *OCIP Acessibilidade Brasil*; fato curioso, já que o projeto foi financiado pelo Governo Federal e elaborado por equipes de Instituições Públicas, com a participação da empresa *OCIP Acessibilidade Brasil*, como já informado.

O blog *Cultura Surda*¹⁵, um dos *sites* mais acessados pela comunidade surda e por profissionais da área, informa que:

O *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais* (Libras – Versão 2.1 – web – 2008), “organizado pela Acessibilidade Brasil”, oferece aos internautas uma série de entradas com palavras em Português traduzidas para a Libras – em cada uma, acompanham exemplos de uso, com frases em Português traduzidas para a língua de sinais, além de serem apresentadas as configurações de mãos que formam os sinais. O dicionário, cujo projeto contou com o financiamento da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência – CORDE (Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com Deficiência), também foi distribuído em CDs (CULTURA SURDA, grifo nosso, 2013).

Nessa versão, também constam informações sobre os créditos, a metodologia utilizada pelos autores, Lira e Felipe, além da empresa contratada (*OCIP Acessibilidade Brasil*).

Figura 17: Página inicial do *Dicionário da Libras* (versão 2.1)



Fonte: (ACESSO BRASIL, 2008).

Na última versão (2011), ao contrário, a empresa não mencionou nenhum dos procedimentos metodológicos empregados na elaboração do dicionário, segundo demonstra a própria página inicial do dicionário (Figura 17); e isso é problemático, visto que a metodologia não é um gênero acessório, mas essencial, porque permite verificar a validade e o escopo da nomenclatura incluída. Esse tipo de informação deve ser “muito

¹⁵ Disponível pela URL: <https://culturasurda.net/2013/09/28/dicionario-da-libras/>

completa e clara e fornecer o máximo de dados” (Haensch, 1982, p. 458)¹⁶. Além desse problema, a autora e responsável pela pesquisa não foi informada dessas duas versões e os nomes dos pesquisadores surdos que trabalharam desde a primeira edição no projeto não foram incluídos na integra, segundo depoimento pessoal de Tanya Felipe. Já no corpo do dicionário, comparando a microestrutura da versão de 2000 com a de 2011, foi verificado que foram utilizados os mesmos recursos e informações da versão 2.0. As únicas modificações aparentes parecem ter sido apenas o *layout* e o sinalizante.

As fontes utilizadas para coleta da nomenclatura do dicionário também são desconhecidas na obra. Para Zavaglia (2012), toda macroestrutura deve considerar quatro itens essenciais: **(i)** arranjo das entradas; **(ii)** a extensão da nomenclatura; **(iii)** a origem da nomenclatura; **(iv)** seleção dos lemas. Se o item **(iii)** for omitido, é impossível avaliar a validade e qualidade da metodologia adotada pela equipe de elaboração do dicionário.

Figura 18: Página inicial do *Dicionário da Libras* (versão 3.0)

Fonte: Acesso Brasil (2011).

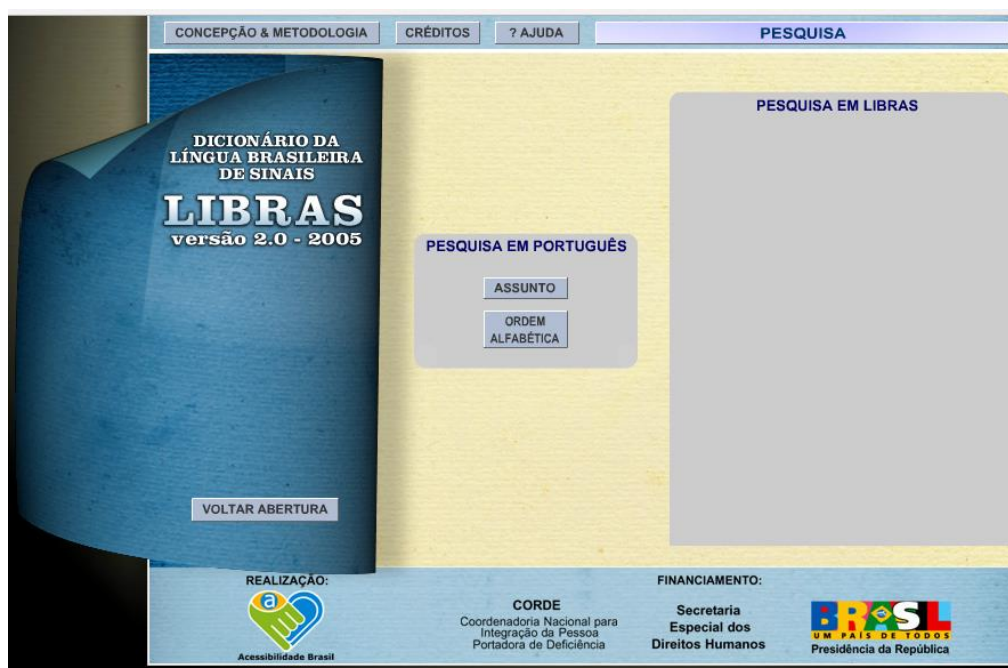
Comparando a versão 2.0 e a 3.0, verificou-se pouquíssimas mudanças de uma versão para outra. A última incluiu a acepção e o exemplo como novas possibilidades de busca e também acrescentou um quadro de ilustração do significado no canto inferior direito.

¹⁶ Original da tradução: “muy completa y clara y dar el máximo de informaciones” (HAENSCH, 1982, p. 458).

Na versão de 2005, a descrição da metodologia da pesquisa e elaboração do dicionário foi extensamente listada. A respeito da origem da nomenclatura, Felipe (2001) informou que o vocabulário do *DV- Libras* foi recolhido de fontes bibliográficas que continham sinais usados por uma ou todas as regiões do país.

Ao todo, foram utilizados 17 livros (FELIPE 2001) datados a partir da década de 1980, como o *Linguagem das Mãos* (OATES, 1983), o *Linguagem de Sinais do Brasil* (HOEMANN; OATES; HOEMANN, 1983) e o *Linguagem de Sinais: as mãos também falam* (FERREIRA, 1989), disponíveis nas referências do dicionário (FELIPE e LIRA, 2005). Além dessas fontes, o minidicionário da LP, *Minidicionário Luft*, de Celso Pedro Luft (4ª ed. ano 2000), também foi incluído na lista.

Figura 19: Página inicial do *Dicionário da Libras* (versão 2.0)



Fonte: INES (FELIPE e LIRA, 2005).

A principal diferença entre as obras publicadas em meios impresso e digital diz respeito à forma de indexação dos sinais. Enquanto, no primeiro, a organização da nomenclatura segue geralmente a ordem alfabética, típica de dicionários orais; o segundo tipo toma, por referência, também as unidades fonológicas sem significado (determinado parâmetro) ou o campo semântico.

No geral, parece haver três tipos de sistemas de organização e busca da nomenclatura no dicionário de LS: o *univalente*, *bivalente*, *multivalente*. O *univalente*

segue um único tipo de sequência; o *bivalente* pode vir combinado entre o tipo alfabético e paramétrico ou semântico, também conhecido por figurativo; e o *multivalente* com três ou mais dessas formas de indexação.

O tipo *univalente* foi localizado no *Manuário Acadêmico e Escolar*, do INES, e no *Dicionário Onomástico*, da mesma instituição. Ambos utilizam apenas o sistema de ordenação alfabético. O *bivalente* pode ser visto no *Glossário Libras* da UFSC (áreas dos cursos de Engenharia, Letras-Libras, Cinema, Psicologia, Literatura), que combina a busca alfabética (português-inglês), paramétrica¹⁷ (configuração de mão e locação) enquanto a *multivalente*¹⁸ (pesquisa com opções pelo português por assunto, por ordem alfabética e em Libras por CM), foi encontrada no dicionário Virtual do INES, e também no *Glossário Ilustrado do Meio Ambiente* (NASCIMENTO, 2016), com a combinação do sistema de busca pela LP, LS e a ilustração.

A *busca temática* (por campo semântico) e a *figurativa* (por figuras ou imagens iconográficas) foram muito comuns em glossários e enciclopédias (principalmente nas primeiras obras do país – *Iconographia do Signaes dos Surdos-Mudos*(1875) e *Enciclopédia Ilustrada Trilíngue de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS* (2004).

Barros (2008 *apud* MELO; ARAÚJO, 2016), com o objetivo de aproximar a indexação dos sinais mais ao contexto linguístico do surdo, propôs substituir a ordem alfabética pela ordem visiográfica, que consistena ordenação da nomenclatura na macroestrutura com base nos parâmetros da LS (ARAUJO; MELO, 2016).

O *Gestuário da Língua Gestual Portuguesa*¹⁹(FERREIRA, 1999), resultado da colaboração entre Portugal e Bélgica, com primeira edição em 1991, preferiu incorporar três sistemas de ordenação, quais sejam: o alfabético, o temático e o figurativo.

Na Figura 21, a ordenação dos verbetes segue disposta em ordem paramétrica (Cf. Nota 16). O principal referente da busca, neste caso, é a CM e não a letra inicial da entrada, apesar da ordem alfabética também ser valorizada. Obras puras, como optamos chamar, que não possuem a influência da LP e utilizam apenas o sistema coordenativo paramétrico, não chegaram a ser localizadas nesta pesquisa.

Na ficha reproduzida abaixo, as letras A e B representam duas das três formas de busca, a alfabética e a figurativa, enquanto a letra C equivale às próprias “figurações”

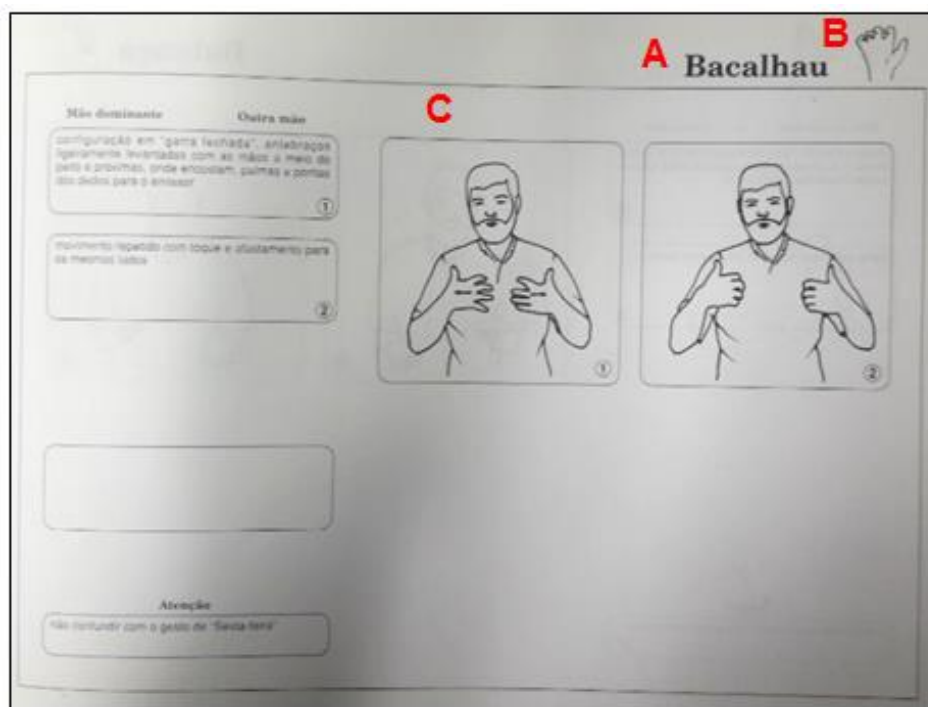
¹⁷ Tipo de ordenação semasiológica, baseada nos parâmetros da LS (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009).

¹⁸ Tipo de ordenação baseado em até três sistemas de buscas diferentes: por assunto, ordem alfabética da L2 e paramétrica da L1.

¹⁹ Este material compõe o acervo histórico do INES e foi fornecido como fonte para esta pesquisa.

(reprodução do sinal articulado por configurações). O elemento representado na Figura B foi o que mais chamou atenção, uma vez que esse tipo de recurso coloca o usuário da língua em contato direto com o seu sistema representativo e articulatório. A referência do usuário passa a ser a própria LS, a qual será responsável por ceder as pistas que o consulente necessita para localizar o verbete com maior precisão e rapidez.

Figura 20: Ficha para o sinal BACALHAU



Fonte: Acervo do INES (FERREIRA, 1999, p. 129).

Além dos dicionários gerais (impressos ou digitais), muitas obras terminológicas também foram desenvolvidas no país, tais como: o *Dicionário Digital Libras Cristão* (2007), o *Dicionário de Informática em Libras da FENEIS* (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos) (2015), o *Varlibras*, desenvolvido por Castro (2014), dentre inúmeros outros.

É importante haver clareza sobre as diferenças entre dicionários gerais ou especiais e obras terminológicas. Para diferenciar tais gêneros, Krieger (2006, p. 143) define dicionários técnico-científicos ou terminológicos como aqueles que arrolam os termos técnico-científicos de alguma área do conhecimento, e que “muito comumente, aparecem sob a forma de glossários, restringem-se a repertoriar o que é convencionalmente chamado de léxico especializado”.

Um exemplo desse tipo de obra é o dicionário de Libras do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação de Surdo (NEPES/SC), intitulado *Dicionário de Ciências* (s/d), que lematiza apenas os sinais das áreas de educação, ciência e tecnologia (Geografia, História e Ciências), do Instituto Federal de Santa Catarina, Campus São José.

Diferentemente, Krieger (2006) pontua que o dicionário geral busca cobrir a totalidade do léxico de uma língua com base no critério de frequência de uso, e assume caráter semasiológico. Já os técnico-científicos, segundo a autora, partem do conceito para a unidade lexical específica, por isso, podem ser considerados onomasiológicos. Para Krieger (2006), a diferença fundamental entre dicionário e glossário são as informações gramaticais e semânticas inseridas no primeiro e ausentes no segundo. Ambos selecionam a nomenclatura a partir dos tipos ou objetivos para os quais a obra irá servir. A nomenclatura, que nada mais é do que o conjunto de unidades lexicais, é definida a partir dos objetivos que o lexicógrafo deseja alcançar.

Apesar da proliferação e da facilidade de acesso a glossários digitais, os dicionários impressos da Libras, mesmo em número menor, renovam-se ou passam por reformulações em períodos menores de tempo. A rede de dicionários de Capovilla, por exemplo, renova-se, em média, a cada um ou dois anos, aumentando o vocabulário, tipos de informações e ampliando a representação diatópica da língua. Sofiato e Reily (2014) acreditam que os últimos títulos e edições de obras lexicográficas da primeira década deste século revelam que os dicionários impressos ainda são muito consultados; principalmente, como material de apoio e suporte a memória lexical nas aulas da disciplina de Libras. Surdos e ouvintes procuram esses dicionários tanto para aprender um sinal novo como para tirar dúvidas relacionadas à instrução e outras de ordem semântica e/ou pragmáticas.

Um tipo de dicionário próprio para tirar dúvidas no campo semântico e pragmático, e auxiliar a desfazer ambiguidades, evento linguístico muito comum nas LSs, assim como nas LFs, é o Dicionário Especial de Formas Homônimas. A LP dispõe de duas obras dessa natureza, quais sejam: o *Dicionário de Homônimos e Parônimos*, de Osmar Barbosa (1987), da editora Thesaurus; e *Um significado só é pouco: Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo do Brasil*, de Zavaglia (2010), professora da Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, Campus São José do Rio Preto.

O verbete proposto nesta pesquisa foi elaborado para dicionários dessa tipologia e grupo lexical, ou seja, as formas homônimas. Desse modo, no Capítulo 3, foi feita, brevemente, uma exposição sobre as tipologias de Dicionário, incluindo o tipo

Paradigmático ou Especial. Além disso, também foram discutidas algumas questões teóricas sobre o tratamento da homonímia no dicionário geral e especial, a partir dos conceitos de macro e microestrutura.

Antes de qualquer imersão nas discussões propriamente lexicográficas, foi desenvolvida, primeiramente, no Capítulo 2, uma exposição sobre a Lexicologia e a Fonologia da Libras, a fim de localizar o estudo do léxico gestual e fornecer conhecimentos de base linguística sobre o objeto de estudo desta pesquisa, os sinais homônimos.

CAPÍTULO 2

REVISITAÇÕES À LEXICOLOGIA E À FONOLOGIA DA LÍNGUA DE SINAIS

Este capítulo está dividido em dois subitens. O primeiro, intitulado “Lexicologia: atuação e contribuições ao trabalho lexicográfico na Libras”, versa sobre o papel da Lexicologia, destacando a importância da área para a Metalexigrafia. Já o segundo, intitulado “Estudo das unidades fonológicas da língua de sinais: parâmetros”, procurou definir e caracterizar a unidade lexical da Libras a partir dos estudos fonológicos da língua.

2.1 Lexicologia: atuação e contribuições ao trabalho lexicográfico na Libras

A Lexicologia compõe o grupo de Ciências do Léxico (Lexicologia/Lexicografia/Terminologia) e ainda é recente, comparada à Lexicografia das LFs, em ascensão no século XIX (ABBADÉ, 2011). Conforme Abbade (2011), essa área estuda o léxico em suas múltiplas dimensões, abrangendo a pesquisa no domínio da formação de palavras, da etimologia, da criação e importação de palavras, dentre outros. Necessariamente, a Lexicologia faz interface com outros campos, como a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e, especialmente, a Semântica, por meio da Lexemática ou Semântica Estrutural. Algumas das contribuições da Lexicologia e tarefas residem em:

Definir conjuntos e subconjuntos lexicais – universo léxico, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo, conceituar e delimitar a unidade lexical de base – a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação e possibilidades combinatórias [...] (BARBOSA, 1991, p. 183).

Além dessas atividades, a Lexicologia ainda pode abordar o léxico em inúmeras outras possibilidades, porém, o nosso interesse, neste trabalho, será focar nos aspectos fonológicos e semântico-lexicais do sinal. No primeiro, porque ele compreende o estudo da estrutura interna do sinal, permitindo-nos reconhecer a unidade lexical da LS; e no segundo, porque foca nas relações entre significante e significado linguísticos.

Conforme Abbade (2011, p. 1332), a Lexicologia “estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico”, haja vista que as palavras se organizam por campos lexicais estruturalmente dependentes, que geram matéria conceitual a partir de sua função, como parte de todo o sistema linguístico e

comunicativo. Os dicionários ou glossários, *locus* privilegiado para o registro do léxico e suas informações, servem como meio e fim ao trabalho do lexicólogo.

Antes de iniciar o trabalho com dicionários, o lexicógrafo precisa tomar uma série de decisões que devem estar amparadas em teorias e princípios lexicais e semânticos sólidos e coerentes entre si. Para Bidermam (1994), é fundamental, por exemplo, ter clareza sobre a teoria lexical adotada e sobre a definição de palavra.

Basílio (1999) adverte que, mesmo sendo consenso que definir palavra não é uma tarefa muito fácil, é necessário fazê-la, porque a documentação das unidades lexicais depende dessas definições; uma vez que o lexicógrafo irá precisar partir de um conceito de palavra para distinguir palavra-lexia-vocabulário e explorar o seu *corpus*.

Sobre o trio “palavra-lexia-vocabulário”, Abbade (2011) diz que a *palavra* constitui-se basicamente um termo genérico que possui propriedades gramaticais, além de ser utilizada por todos os falantes; o *vocabulário* seria o subconjunto de palavras utilizadas por um grupo específico de falantes; e a *lexia*, a unidade com significado social com propriedades tanto gramaticais quanto semânticas.

Na frase “A porta bateu!”, o artigo “a” é uma palavra com função referencial e gramatical, e “porta” e “bateu” são duas lexias da frase com funções lexical e referencial. Simplificadamente, a palavra é gramatical ou morfemática quando é um artigo, conjunção e preposição; e lexemática ou referencial quando dotada de significado social.

Para lexicólogos da LS, definir palavra/sinal é igualmente uma tarefa difícil. Conforme afirma Felipe (2007, p.21), “o que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais”. Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p.12) corroboram com Felipe quando afirmam que “os sinais são palavras, apesar de não serem orais-auditivas. Os sinais são tão arbitrários quanto às palavras”. Ou seja, ambos têm as mesmas propriedades linguísticas, e não há nenhuma perda ou inferioridade, uma vez que a LS “é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamentos às pessoas dotadas da faculdade de linguagem” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 11).

Como qualquer outra língua, a LS possui um código verbal convencionado por uma comunidade linguística, é regida por princípios linguísticos universais e se organiza a partir de um sistema de regras de combinações contrastivas entre unidades mínimas sem (fonemas) e com significado (morfemas). O estudo de tais elementos básicos da LS

pertence, assim como nas LFs, à Fonologia e à Morfologia, campos da Linguística que analisam as propriedades internas do léxico.

Diferentes modelos fonológicos foram formulados para postular uma Teoria Fonológica para as LSs. Costa (2012), por exemplo, mencionou seis modelos fundamentais para a compreensão do funcionamento interno dos sinais: 1. Modelo Quirêmico; 2. Modelo *Movement-Hold (MH)*; 3. Modelo *Hand Tier (HD)*; 4. Modelo Moraico; 5. Modelo da Fonologia da Dependência; 6. Modelo da Fonologia Visual.

Nesses modelos, principalmente no quirêmico, o termo *Fonologia* foi criticado e não foi bem aceito por sua relação etimológica entre as expressões *phonos* (som ou voz) e *logos* (palavra ou verbo). Stokoe (1960), decidido a evitar uma suposta inferiorização da LS em relação à Língua Falada, propôs a substituição de *Fonologia* por *Quirologia* (do grego, “mão”) e, analogamente, ao termo fonema instituiu a palavra *quirema*.

Além desses termos, Ferreira-Brito (2010) ressaltou que Stokoe e outros pesquisadores chegaram também a mencionar outras terminologias, tais como: *Cheremes* (do grego “manual”) em lugar de Fonologia e *allochers* em substituição aos termos *fonema* e *alofone*.

Mesmo com a tentativa de fornecer ao estudo da LS um caráter mais individualizado com o uso dessas novas terminologias, os termos *fonema* e *Fonologia* se mantiveram, sendo utilizados, inclusive, na segunda edição do livro de Stokoe, o *Sing Language Structure* (Estrutura da Língua de Sinais); sendo empregados por pesquisadores até os dias atuais. Isso porque esses termos são utilizados para nomear fenômenos comuns e universais das línguas, sejam elas faladas ou sinalizadas (XAVIER; BARBOSA, 2014).

No tocante à língua de sinais, as definições fonológicas mais recentes consideram que:

A fonologia é o nível de análise gramatical onde as unidades estruturais primitivas sem significado são recursivamente combinadas para criar um número infinito de expressões significativas. É o nível de gramática que tem uma ligação direta com os sistemas fonéticos articulatórios e perceptuais, tanto os sistemas periféricos do par visual/gestual quanto do par auditivo/vocal (BRENTARI, 1998, p. 1, 2 *apud* COSTA, 2012, p. 33, tradução do autor).

Karnopp (1999) acrescenta ainda que a Fonologia das línguas gestuais-visuais presta-se também a propor modelos descritivos e explanatórios, determinar elementos recorrentes, estabelecer padrões de combinação entre tais e investigar as variações possíveis entre as unidades mínimas.

Atualmente, tem emergido um novo olhar sobre as ULSs. Nos estudos de Faria- do-Nascimento (2013), amparados por pesquisas de Sandler e Lillo-Martin (2006), Quadros *et al* (2008) e Liddell (1986), os parâmetros, além de possuírem traço distintivo, trazem em si (quando morfema) um significado que se incorpora à nova ULS que irá constituir. Ou seja, as EFS, ECs, CMs, Ms, Ors podem conter traços semânticos e morfológicos, inclusive sintáticos, e não apenas fonológico.

As primeiras pesquisas que evidenciaram o *status* linguístico da LS ocorreram na ASL. William Stokoe (1960), após Bébian, como já explicado, foi o pesquisador que inaugurou os estudos formais da LS e descreveu a estrutura da ASL em nível fonológico/quirêmico. A partir do seu trabalho, com abordagem estruturalista, ficou comprovado que os sinais seriam composicionais e não holísticos, com estrutura dual (FERREIRA-BRITO, 2010; COSTA, 2012; FELIPE, 2014). O que isso significa? Significa que os sinais possuem significante e significado, como propunha Saussure (2010 [1960]), e que também podem ser “analisados em termos de um conjunto de propriedades distintivas sem significado e de regras que manipulam tais propriedades” (KARNOPP, 1999, p. 32), como apresentou também Felipe (1988).

Até antes de Stokoe, acreditou-se que a LS pertencia ao campo da Semiótica. Ela era vista apenas como mímica/gestos, um tipo de linguagem artificial. A partir dos primeiros estudos linguísticos, a língua começou a ser reconhecida como “um sistema linguístico que constrói a partir de regras, distanciando-se dos gestos naturais e mímicas que não possuem restrições para a articulação” (KARNOPP, 1999, p. 36). Então, regida por regras internas e dotada de gramática, a LS pode expressar quaisquer ideias, sentimentos, emoções e conceitos abstratos ou não, pois “o canal comunicativo diferente (gestual-visual) que o surdo usa para se comunicar não anula a existência de uma língua tão natural, complexa e genuína como é a língua de sinais” (GUESSER, 2009, p. 22).

A legitimidade da LS não se anula por ela ser, prioritariamente (e não apenas), de modalidade gestual-visual e natureza simultânea, uma vez que as línguas orais- auditivas também são espaciais (a fala se propaga no espaço). As ideias de simultaneidade já eram discutidas em 1800 por Joseph Marie & Liddell (1984) e, mais recentemente, por Sandler & Lilli-Martin (2006). Essa simultaneidade diz respeito à substituição da ordem linear e horizontal no tempo, por relações estruturais entre fonemas e morfemas organizados concomitantemente no espaço.

Mesmo sendo simultânea e realizada em espaço multidimensional, a LS não exclui possibilidades de linearidade no sistema combinatório de suas unidades, como dito. Quadros, Pizzio e Rezende (2009), partindo dos estudos de Liddell & Johnson (1984, 1986, 1989) sobre a ASL, verificaram que:

Os elementos fonológicos das palavras na ASL não são somente organizados simultaneamente. Ao invés disso, mostram que há uma estrutura sequencial significativa, em que os elementos fonológicos ocorrem um após o outro, equivalendo a uma sílaba. Um exemplo interessante é o sinal SURDO. Este sinal apresenta seus elementos mínimos de forma sequencial, ou seja, o sinal inicia na locação abaixo da orelha, depois há um movimento em arco em direção à boca e terminando na locação no canto da boca. Há uma sequência formada de locação-movimento- locação (QUADROS, PIZZIO e REZENDE, 2009, p. 19).

A datilologia²⁰ também é um exemplo de linearidade na LS (FERREIRA-BRITO, 2010). Nesse tipo de produção, o alfabeto da LF é invocado e incorporado à mão numa sequência simultânea e linear ao mesmo tempo. Já os sinais, dotados de sequencialidade, são constituídos por morfemas que se incorporam ao sinal numa execução contínua no tempo e espaço, como o sinal HELICÓPTERO (Figura 21), que é executado com acompanhamento da EF da boca ao longo da articulação dos constituintes do sinal.

Figura 21: Sinal HELICÓPTERO



HELICÓPTERO (1) (CL) (sinal usado em: **SP**) (Inglês: *helicopter, autogiro*): s. m. Aparelho de aviação que se desloca, tanto no sentido horizontal como no vertical, por meio de uma hélice montada num eixo vertical; ao passo que uma hélice horizontal, menor, estabiliza e equilibra o aparelho. É muito útil para salvamentos por precisar apenas de pouco espaço para levantar voo e aterrissar, além de poder se manter quase que parado no ar. Ex.: O helicóptero foi inventado pelo espanhol Cierva, mas a ideia original parece remontar-se aos maravilhosos esboços do genial Leonardo da Vinci. (Mão esquerda em **D**, palma para a direita; mão direita fechada, palma para baixo, dedos indicador, médio e polegar distendidos, palma direita tocando a ponta do indicador esquerdo. Mover as mãos para cima, tremulando a mão direita.) **Etimologia.** **Morfologia:** Trata-se de sinal formado por morfema metafórico molar que representa meios de transporte, como nos sinais AVIÃO, BARCO, JANGADA e POUSAR. **Iconicidade:** Neste sinal, a mão direita simula a hélice, e a esquerda simula o corpo do helicóptero, sendo que esse conjunto se movimenta para cima como se fosse um helicóptero levantando voo.

Fonte: (CAPOVILLA *et al*, 2017, p. 1449).

²⁰ A datilologia é um recurso que algumas configurações de mão representam o alfabeto de uma língua oral-auditiva, sendo um tipo de empréstimo linguístico em que se “escreve” a palavra de uma língua oral, através desse recurso (FELIPE, 1998).

Esses estudos sobre traços de sequencialidade foram desenvolvidos por importantes nomes da linguística da LS, como Stokoe (1960), Klima & Bellugi (1979) e Supalla & Newport (1978), porém não serão aprofundados aqui.

O Movimento (M) é apenas um dos cinco parâmetros da língua de sinais, a saber: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Orientação da Palma da Mão (OR) e Expressão Não-Manual (ENM) ou Expressão Facial (EF) e Corporal (EC). Esses parâmetros concedem à LS a capacidade de dupla articulação porque suas unidades básicas, ao se combinarem, formam unidades menores com significado, os morfemas (lexicais ou gramaticais), que favorecem o *output* do léxico das línguas gestuais - visuais.

No subitem adiante, iremos citar, definir e caracterizar cada um desses parâmetros, com o objetivo de clarificar como a fonologia da Língua de Sinais pode contribuir com o trabalho do lexicógrafo.

2.2 Estudo das Unidades Fonológicas da Língua de Sinais: Parâmetros

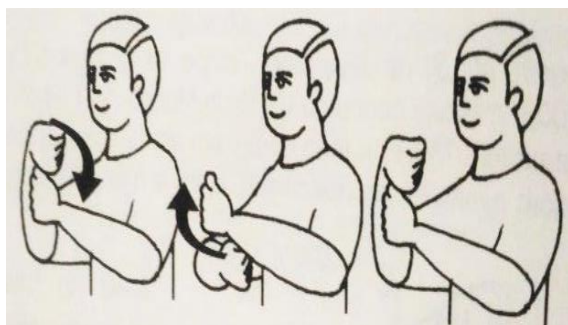
As LSs e as LFs são línguas naturais com linearidade e simultaneidade, diferenciadas pela modalidade de comunicação gestual-visual e oral-auditiva. Ambas se estruturam a partir de unidades mínimas com valor contrastivo, que, ao se combinarem, geram unidades mais complexas e com significado (FELIPE, 2007).

Na Libras, o par lexical “ANO” e “ANO PASSADO”, por exemplo, são formados pelos mesmos parâmetros, alternando apenas a direção do movimento. O simples deslocamento do movimento para a direção oposta é suficiente para modificar completamente o significado do sinal.

Figura 22: Sinal ANO



Fonte: (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 210).

Figura 23: Sinal ANO PASSADO

Fonte: (CAPOVILLA *et al.*, 2017, p. 209).

Nos casos acima, os itens lexicais são formados a partir de uma estrutura sublexical equivalente quanto à configuração (ou formato) que a mão assume, à localização no espaço e à orientação da palma da mão, com exceção da direção de execução do movimento que, nesse caso, atua como uma unidade distintiva. Considerando esse sistema todo articulado, os sinais equivalem analogamente a palavras e, por isso, são passíveis de estudos em todos os níveis de uma língua (Fonológico, Morfológico, Sintático, Semântico e Pragmático).

O primeiro estudo na área da fonologia da LS, publicado por Stokoe (1960), no livro *Sing Language Structure* (Estrutura da Língua de Sinais), revelou que a estrutura da ASL poderia ser composta por até três parâmetros primários. Além desses, outras duas unidades foram incorporadas, posteriormente, ao quadro fonético-fonológico da LS, como a OR, por Battison (1974), e a ENM, também conhecida como Expressão Facial e Corporal, por Liddell & Johnson (1989).

A segunda geração de estudiosos, já formada por Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979), Padden (1983) e Liddell (1984), Liddell e Johnson (1986) e Brentari (1998), investigou “questões referentes à estrutura fonológica dos sinais, seus traços distintivos e seus aspectos sequenciais e simultâneos” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 50); não só numa perspectiva estruturalista, mas também gerativista. Tais estudos trouxeram grandes contribuições para a área e ampliaram as possibilidades de pesquisas e aprofundamento.

Dos pesquisadores acima citados, Padden (1983), Perlmutter (1983), Wilbur (1987) e Sandler (1986, 1989) compuseram o grupo de gerativistas que formularam modelos gerativos para descrever a estrutura fonológica e morfológica dos sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Hulst (1993), por exemplo, chegou a propor um modelo de representação fonológica a partir dos princípios teóricos da Fonologia da Dependência.

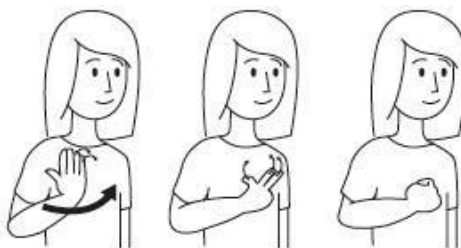
Apesar da importância desses estudos, não se pretende esgotar tais discussões nesta pesquisa, haja vista que nosso interesse, por hora, é definir e caracterizar as unidades discretas do sinal e reconhecer a unidade lexical em suas múltiplas relações fonético-fonológicas, a fim de oferecer subsídios à pesquisa e ao trabalho lexicográfico com o sinal.

Nos cinco subitens que seguem, fizemos uma breve exposição sobre os parâmetros da Libras, a sua definição, características e aplicação. Esse trabalho de descrição dos elementos sem significado da língua foi fundamental para a pesquisa, pois ele contribuiu com as análises, no momento do reconhecimento e identificação da homonímia e elaboração do verbete-modelo.

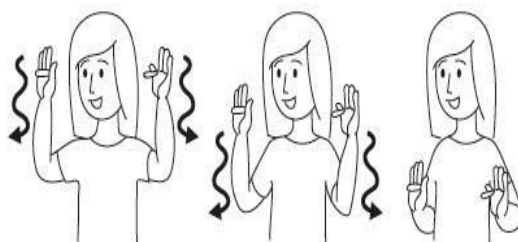
2.2.1 Configuração da(s) Mão(s) (CM)

O formato que a(s) mão(s) assume(m) durante a execução do sinal é chamado de CM. Ao assumir uma dentre as várias configurações existentes, dedos específicos são selecionados de acordo com o sinal. Além disso, “a CM pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal ou pode passar de uma configuração para a outra” (FERREIRA-BRITO, 1999, p. 40), como no sinal SALVAR (Figura 24). A CM também pode incidir apenas em uma das mãos (a mão dominante) ou nas duas. Quando as duas mãos incorporarem determinado formato, haverá duas possibilidades: as mãos assumirão a mesma configuração, como no sinal FELIZ (Figura 25), ou uma das mãos será a dominante e a outra não-dominante (Figura 26):

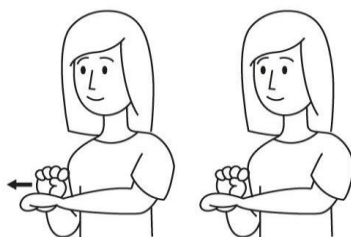
Figura 24: sinal SALVAR



Fonte: Ilustrador da Pesquisa.

Figura 25: Sinal FELIZ

Fonte: Ilustrador da Pesquisa.

Figura 26: Sinal ESTADO

Fonte: Autoria própria.

Nesse último caso, as mãos possuem configurações distintas, e a mão não-dominante irá dispor de um número bem restrito de formatos, comparado à variedade disponível para a mão dominante. Conforme Xavier (2006), a mão dominante poderá entrar em contato com a parte “interna”, “externa” ou o “dorso” da segunda ou da mão não-dominante.

Os números de CM encontrados na literatura não são poucos. Só no Brasil foram identificadas seis tabelas. Ferreira-Brito e Langevin (1995), influenciados pelos estudos de Klima e Bellugi (1979), em estudo pioneiro na década de 1980 sobre a Libras e as CMs, registraram quarenta e seis configurações de mão, organizadas em dezenove grupos.

Figura 27: 46 CM da Libras, segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995)



Fonte: Ferreira-Brito (2010, p. 220).

No livro *Libras em Contexto*, de Tanya Felipe (2006, p. 28), consta uma lista com 64 CM (ver Figura 28), inventariadas pelo Grupo de Pesquisas, sob sua direção, na FENEIS. Essas configurações de mãos foram encontradas nos sinais pesquisados que compõem o *Dicionário da Libras* (2001, 2005), já mencionado neste trabalho.

Figura 28: 64 CM, segundo Felipe e Lira (2005)



Fonte: Felipe (2006, p. 28).

Além dessa tabela, outras duas foram elaboradas no INES, uma com 73 CM (Figura 29) e outra com 79 CM. Elas foram resultado da avaliação do *corpus* de sinais levantados para compor o dicionário digital. A tabela da Figura 29 consta atualizada no DV-Libras e está disponível na aba de abertura da tela de pesquisa, janela: “pesquisa em libras”.

Figura 29: 73 CM, segundo Felipe e Lira (2005)



Fonte: Felipe e Lira (2005)

A quarta tabela, disponibilizada na agenda institucional do INES aos seus professores e servidores, foi resultado de estudos do Grupo de Pesquisas do Curso de Libras da instituição. Ela está organizada e numerada por aproximação e seleção de números de dedos.

Figura 30: 79 CM, segundo grupo de estudos do INES



Fonte: INES (s/d).

Pimenta (s/d, *apud* FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 166) também disponibilizou uma tabela com CMs. Em relação à primeira tabela de Felipe e Lira (2005), Pimenta reduziu três configurações de mãos, conforme consta na Figura abaixo:









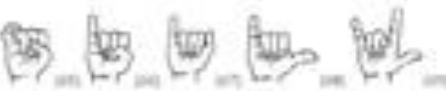

Figura 31: 61 CM, segundo Pimenta



Fonte: (s/d, *apud* FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 166).

Nessa relação de CM, organizada por Pimenta, as configurações foram organizadas da mão mais fechada para a mais aberta, pelo critério de semelhança. Já a lista elaborada por Faria- do- Nascimento (2009), composta por 75 (setenta e cinco) formas, distribuídas em 10 (dez) grupos, foi organizada de acordo com a seleção e variação dos dedos (ver Quadro 1). Para fornecer a imagem dos dez grupos dessa última proposta, elaboramos o quadro a seguir:

Quadro 1: 75 CM, segundo Faria- do- Nascimento (2009)

Quadro de Configurações de Mão	
GRUPO I	
GRUPO II	
GRUPO III	
GRUPO IV	
GRUPO V	
GRUPO VI	
GRUPO VII	
GRUPO VIII	
GRUPO IX	
GRUPO X	

Fonte: Faria- do- Nascimento (2009, p. 177-183).

Esse sistema de ordenação, elaborado por Faria- do- Nascimento (2009) para convencionar uma ordem para as CM, foi nomeado de “configureto”. Ele foi assim descrito pela autora (FARIA- DO- NASCIMENTO, 2009, p. 175):

O primeiro agrupamento de CMs (cujo dedo articulador principal é o polegar) está constituído por 15CMs; o segundo agrupamento de CMs (cujos dedos articuladores são o polegar e o indicador) está constituído por 17CMs; o terceiro agrupamento de CMs (cujos dedos articuladores são o indicador e o médio está constituído por 8CMs; o quarto agrupamento de CMs (cujos articuladores principais são os dedos indicador e médio) está constituído por 6CMs; o quinto agrupamento de CMs (cujos dedos articuladores são o indicador, médio e anelar) está constituído de 3CMs; o sexto agrupamento de CMs (cujo articulador principal é, novamente, o polegar) está constituído de 5CMs; o sétimo agrupamento de CM (cujo articulador) está constituído de 2CMs; o oitavo agrupamento de CMs (cujos articuladores principais são os dedos indicador e polegar) está constituído de 8CMs; o nono agrupamento de CMs (cujo articulador principal é o dedo mínimo) está constituído de 5CMs; o décimo agrupamento de CMs (cujo articulador) está constituído de 6CMs.

A lista de CM de Barreto e Barreto (2015) é considerada, até o presente, como a maior catalogação da Libras. Baseados em Iswa (2010) e Sutton (1998), reuniram o total de cento e onze formatos de mão com o objetivo de registrar as diversas possibilidades de representação da CM na Escrita de Sinais ou *SignWriting* (WS).²¹

A discussão sobre a tabela que melhor representa as unidades fonológicas da Libras ainda é fluida e carece de mais pesquisas. Questiona-se até que ponto as CMs acrescentadas à tabela de Felipe e Lira (2005) são, de fato, formatos distintos ou apenas alofones. Por isso, nesta pesquisa, optou-se por utilizar as 64 CMs de Felipe e Lira (2005). Na ASL, além das propostas de Klima e Bellugi (1979) e Sutton (1998), outras variações de CM também são divulgadas. Faria- do- Nascimento (2009) listou, por exemplo, a tabela de Amaral *et al* (1994) com 52 (cinquenta e duas) CMs e a de Tennant & Brown (1998) com 41 (quarenta e uma).

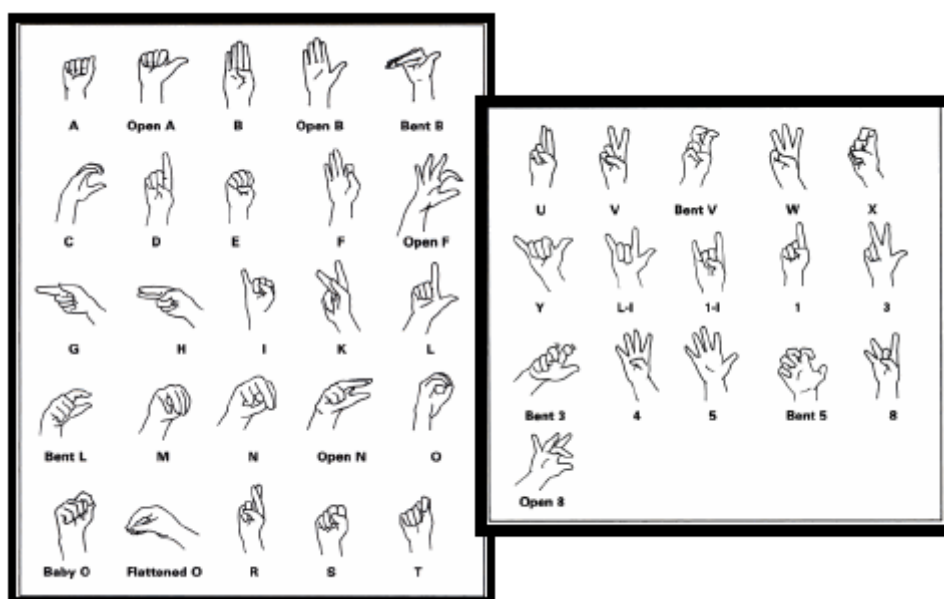
É oportuno ressaltar que as CMs variam de país para país. Cada sistema linguístico irá apresentar um número diferente de símbolos, com algumas similaridades e diferenças (ECCARIUS, 2002 *apud* BRENTARI; WILBUR, 2006). Considerando a grande influência da LSF e da ASL sobre a Libras, apesar de distintas, há, entre ambas, um grau de

²¹ “O sistema de escrita para línguas de sinais denominado *Sign Writing* (SW) foi inventado há cerca de trinta anos por Valerie Sutton, dirigente do Deaf Action Committee (DAC), organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. O *Sign Writing* pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais adapta o sistema à sua própria ortografia. O sistema notacional do *Sign Writing* permite o mapeamento dos sinais de uma língua de sinais, contribuindo para estudo e organização do léxico da língua” (STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA, 2014, p. 183).

identificação no sistema paramétrico que se aproximam ou se afastam. Ao comparar as configurações utilizadas na LIBRAS e em ASL, Ferreira-Brito (2010) afirmou que “há um grande número de similaridades e algumas diferenças. Entre estas, podemos citar as configurações chamadas F e T no alfabeto manual do Brasil e que não são utilizadas em ASL” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 36).

Ao compararmos as CMs do alfabeto manual da ASL de Tennant & Brown (1998, p. 28-29 apud Faria- do- Nascimento, 2009, p. 172) com as atuais configurações da Libras, é possível destacar similaridades entre quase todas as CMs. Apenas a configuração da letra T e a direção da apontação dos dedos das letras G e H são invertidas. Quanto às letras Ç, J, P, Q e Z, não foi possível estabelecer uma comparação porque tais letras não constam na lista dos pesquisadores americanos, como se pode ver abaixo:

Figura 32: CM, segundo Tennant & Brown (1998)



Fonte: Tennant & Brown (1998, p. 28-29 apud FARIA- DO- NASCIMENTO, 2009, p. 172).

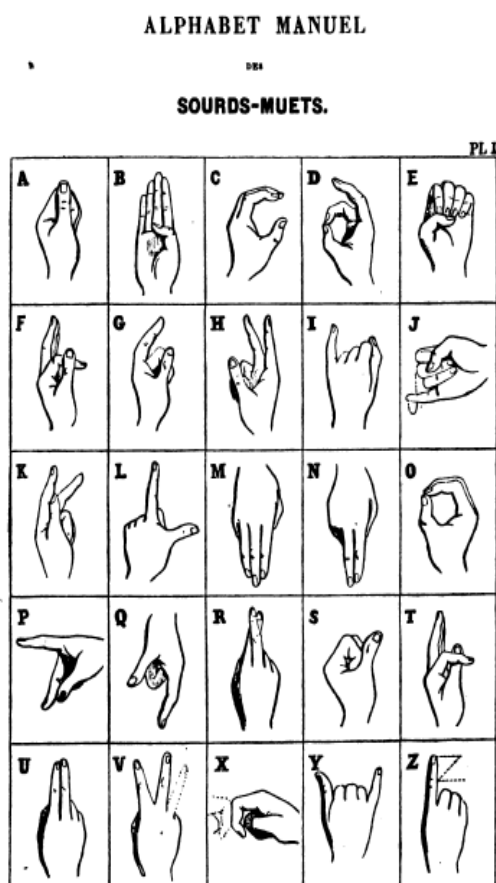
Além das similaridades entre as configurações do alfabeto da Libras e da ASL, há também uma grande aproximação da primeira com a LSF, porque esta influenciou diretamente a comunidade de surdos brasileiros pelo forte contato e influência de Huet (professor surdo francês, convidado por Dom Pedro II para dirigir o INES desde a sua fundação), na corte portuguesa do Brasil (INES, 2008).

O glossário *Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos*, traduzido “Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos”, de Flausino da Gama, também contribuiu para a inserção do

vocabulário da LSF no país. Esse glossário é uma versão adaptada da LS da França para o Brasil (Sofiato, 2011); logo, Sofiato (2011, p.81) prefere chamar Pélissier, o autor original, de “o inspirador”, e Gama de “o copista”.

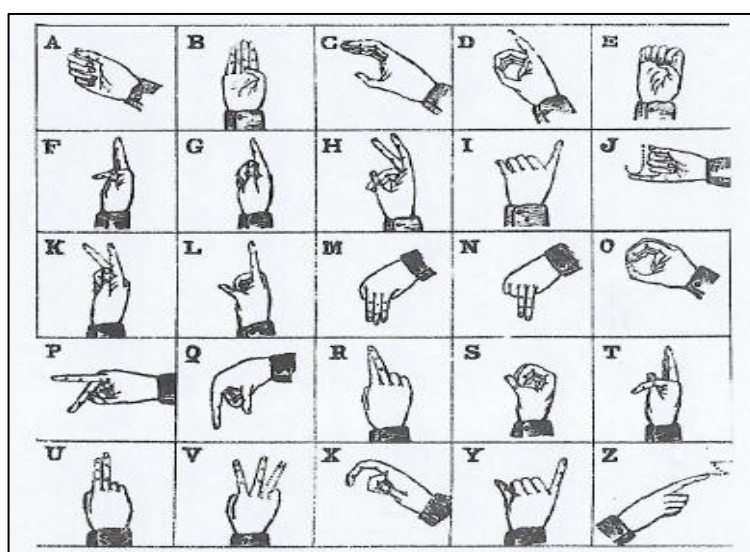
De acordo com as análises de Sofiato (2011), apenas as estampas do alfabeto manual não foram copiadas por Gama. A única variação, além dessa, é a direção e orientação do sinal, pois mais da metade do alfabeto francês foi ilustrado com base na mão direita e a outra parte (C-E-F-G-I-K-L-Q-S-T) com a mão esquerda, enquanto o brasileiro foi todo reproduzido pelo referencial da mão esquerda.

Figura 33: Alfabeto-Manual prancha nº 1, segundo Pélissier (1856)



Fonte: Pélissier (1856).

Figura 34: Alfabeto-Manual Estampa nº 1, segundo GAMA (1875)



Fonte: GAMA (1875, p. 13).

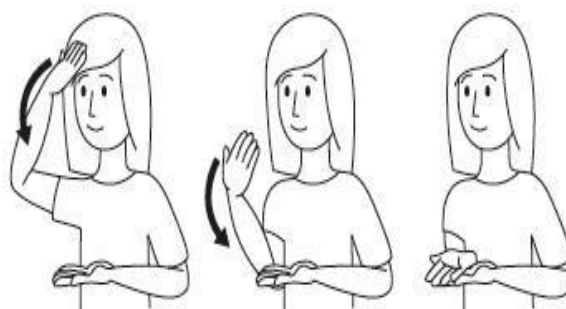
A mudança de referencial, apesar de aparentemente simples, não altera o sinal e não prejudica o entendimento.

Quase um século depois, as CMs, incluídas na segunda obra de documentação da Libras, mantiveram-se as mesmas, com poucas alterações e alguns acréscimos. As letras I, Q e S foram as que sofreram as maiores modificações, já o Ç, W, H (segunda forma) e os acentos circunflexo, til e agudo, foram incluídos. Além disso, não se sabe ao certo se, no século XIX, as letras H, X e Y possuíam deslocamento em sua execução; mas, pelas ilustrações de Gama, apenas as letras J e Z possuíam esse recurso.

Figura 35: Alfabeto Manual, segundo Oates (1969)

Fonte: Oates (1969, p. 14).

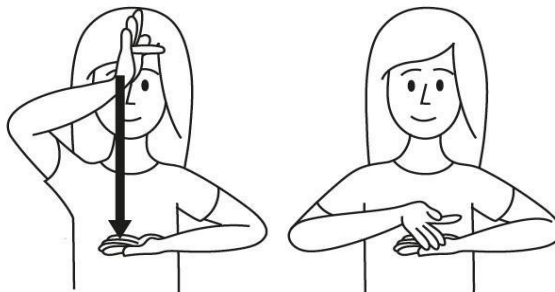
Comparando as mudanças entre uma tabela e outra, é perceptível que a CM sofre pequenas ou grandes mudanças numa perspectiva geográfica, diacrônica e sincrônica. Sincronicamente, mudanças, em um fonema ou outro, produzirão alterações no significado e no significante da unidade lexical. A mudança de um único e simples parâmetro, como a CM, resulta em um novo sinal. Nos sinais CRER e FÉ, apenas com a troca da CM, muda-se completamente o valor semântico da unidade lexical:

Figura 36: Sinal ACREDITAR

Fonte: Autoria própria.

Exemplo de Uso²²: ME@ SOBRINH@ 3sFALAR1s JÁ COMPRAR CARRO EU ACREDITAR-NÃO. *Fonte:* (FELIPE; LIRA, 2005).

Figura 37: Sinal FÉ



Fonte: Autoria própria.

Exemplo de Uso: PRECISAR FÉ DEUS. *Fonte:*(FELIPE; LIRA, 2005).

A cada uma única CM, o enunciador pode realizar inúmeros sinais. A partir da configuração lexical “D” e “Y”, por influência do Português, o enunciador pode formar sinais, como: DIA, DEUS, DOMINGO, DEFICIENTE e em forma de “Y”, AVIÃO, ESTRATÉGIA, AVISAR, BOI, e assim por diante. Cada um desses sinais, apesar de possuírem a mesma CM, varia quanto às demais unidades fonológicas ou mesmo em apenas uma delas, como no caso das Figuras 36 e 387, modificadas pela alteração da CM.

Como visto, os inventários de CM têm sido amplamente valorizados nas LSs, porém, o mesmo não é possível dizer, conforme Brentari e Wilbur (2006, p. 52), sobre os demais, especialmente a L e o M, pois “os inventário de Localização (L) e Movimentos (Ms) não são estudados”. No Brasil, existem pesquisas, como a de Antunes (2013), que buscou entender o M e a L, entre outros, para desenvolver um modelo computacional capaz de representar a LS de forma natural e adequada ao surdo.

Na seção seguinte, desenvolvemos uma exposição sobre a L, fornecendo informações baseadas em pesquisas na Libras e na ASL, a fim de debater o papel desse parâmetro no verbete deste trabalho.

²² Todos os exemplos de transcrição em Libras retirados do DV-Libras (2.0) foram criados e transcritos pela equipe de surdos (professores e instrutores) e pesquisadores do Grupo de Pesquisa do INES e FENEIS.

2.2.2 Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L)

O Ponto de Articulação (PA) ou Locação (L) é um dos três parâmetros da LS identificados por Stokoe (1960). Ele corresponde ao local em que o sinal incide ou se aproxima do corpo e ao espaço neutro. Mais detidamente, a L é o local onde incide a “mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo até a cabeça) e horizontal (à frente do emissor)” (FELIPE, 1997, p. 50).

Na descrição de Felipe (1997), as duas grandes áreas de articulação do sinal são o corpo e o espaço neutro. Porém, a essas duas, Xavier (2008) propôs uma terceira área, a mão passiva. O corpo e a mão passiva são fragmentados em partes menores. A divisão do primeiro não é unânime, ela varia de acordo com os diversos autores. Friedman (1977 *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 58), por exemplo, propôs quatro grandes áreas (cabeça, tronco, braços e mão) com respectivas subáreas. Liddell & Johnson (1989) propuseram uma divisão mais abrangente (cabeça, tronco, braço, mão passiva e perna), especificadas em 20 áreas fonologicamente distintas (ver ilustração no anexo A), conforme a figura da tabela a seguir:

Figura 38: As vinte maiores localizações do corpo

BH	back of head	CN	chin
TH	top of head	NK	neck
FH	forehead	SH	shoulder
SF	side of forehead	ST	sternum
NS	nose	CH	chest
CK	cheek	TR	trunk
ER	ear	UA	upper arm
MO	mouth	FA	forearm
LP	lip	AB	abdomen
JW	jaw	LG	leg

Fonte: Liddell & Johnson (1989, p. 228).

Além desses pontos, Liddell & Johnson (1989) também incluíram símbolos para representarem as regiões adjacentes à região central (ao lado, acima, abaixo). Elas foram representadas por: [i] *ipsilateral*, que significa região situada ao lado de uma localização principal; e [t] *top* e [b] *bottom*, que correspondem, respectivamente, ao local superior ou

inferior à área central. Essas especificações são produtivas e fornecem uma descrição mais precisa do sinal.

Antunes (2013) propôs para a Libras uma adaptação com um conjunto de localizações, dividido em três grandes áreas (LOC- principal) e seus subespaços, os quais podem ser conferidos no quadro a seguir:

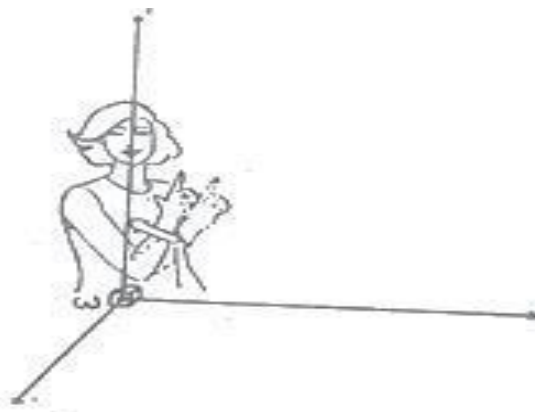
Quadro 2: Adaptação do resumo de L da LS

Cabeça	Tronco	Mão
Topo da cabeça	PESCOÇO	Palma
Testa	OMBRO	Costas das mãos
Rosto	BUSTO	Lado do indicador
Parte superior do rosto	ESTÔMAGO	Lado do dedo mínimo
Parte inferior do rosto	CINTURA	Dedos
Orelha	BRAÇOS	Ponta dos dedos
Olhos	BRAÇO	Dedo mínimo
Nariz	ANTEBRAÇO	Anelar
Boca	COTOVELO	Dedo médio
Bochechas	PULSO	Indicador
Queixo		Polegar

Fonte: ANTUNES (2013, p. 19).

O espaço neutro, segunda grande área para produção do sinal, foi representado por Ferreira-Brito (2010) a partir de um esquema organizado em eixos escalares, tomando por base o centro umbilical do enunciador. De acordo com o modelo, o centro de enunciação seria dividido em três eixos escalares: **a.** para frente; **b.** para a esquerda; **c.** para cima. Perpendicularmente ao tronco, esses três eixos, junto ao local de origem do sinal, formariam o que a autora (FERREIRA-BRITO, 2010) chamou de “referenciação”. As possibilidades de ocorrência dos três eixos foram projetadas e ilustradas pela autora, no livro *Por uma gramática: Língua de Sinais* (2010):

Figura 39: Espaço de referenciação, segundo Ferreira-Brito



Fonte: Ferreira-Brito (2010, p. 215).

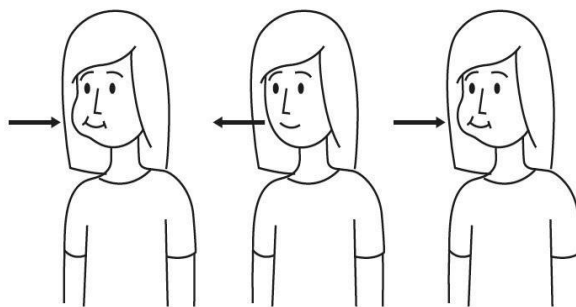
Por fim, a mão passiva foi dividida em duas unidades esquemáticas, quais sejam: localização principal (a mão, os dedos, o polegar, etc.) e sub-região (dentro, no dorso, na extremidade radial, etc.). Extraído de Xavier (2008), o quadro a seguir contém o modelo esquemático de Liddell & Johnson (2000 [1989] *apud* XAVIER, 2006, p. 68), que descreve as regiões da mão passiva:

Quadro 3: Especificações da mão passiva, segundo Liddell & Johnson (1989)

	HAND: mão	FI (<i>fingers</i>): dedos (exceto polegar)	TH (<i>thumb</i>): polegar	XF (<i>index finger</i>): dedo indicador	MF (<i>middle finger</i>): dedo médio	RF (<i>ring finger</i>): dedo anelar	LF (<i>little finger</i>): dedo mínimo
IN: parte interna	PA (palma)	INFI	INTH	INXF	INMF	INRF	INLF
PD (<i>pad</i>): almofada		PDFI	PDTH	PDXF	PDMF	PDRF	PDLF
BK (<i>back</i>): dorso	BK	BKFI	BKTH	BKXF	BKMF	BKRF	BKLF
RA: radial	RA	RAFI	RATH	RAXF	RAMF	RARF	RALF
UL: ulnar	UL	ULFI	ULTH	ULXF	ULMF	ULRF	ULLF
TI (<i>tip</i>): ponta		TIFI	TITH	TIXF	TIMF	TIRF	TILF
KW (<i>knuckle</i>): nó dos dedos	KW						
BA: base	BA						
HL (<i>heel</i>): "calcanhar"	HL						
WB (<i>web</i>): região interdigital		WBFI	WBTH	WBXF	WBMF	WBRF	WBLF

Fonte: (XAVIER, 2006, p. 68).

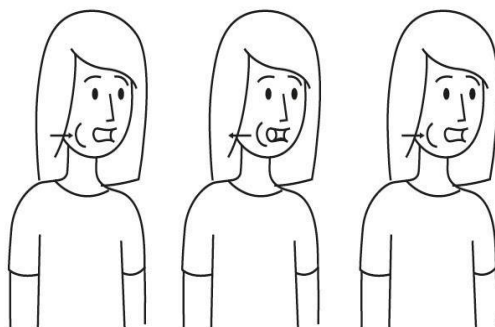
A L não corresponde apenas ao local onde a mão principal incide, mas a toda referência a partir do referente que é o próprio corpo. Sinais como SEXO (Figura 40) e FURTAR/LADRÃO (Figura 41) são produzidos sem os articuladores primários (mãos) (Quadros e Karnopp, 2004). A L deles corresponde à lateral interna do referencial ou, segundo Felipe (1997), são prolatados apenas na face–bochechas.

Figura 40: Sinal SEXO

Fonte: Autoria própria.

Descrição fonológica do sinal: Distender a bochecha com a ponta da língua, várias vezes.

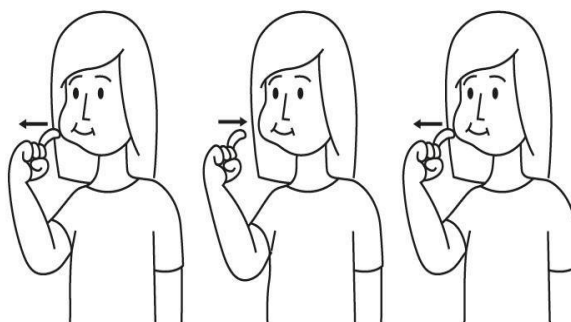
Fonte: (CAPOVILLA *et al*, 2017, p.2577).

Figura 41: Sinal FURTAR/LADRÃO

Fonte: Autoria própria.

Descrição fonológica do sinal: Passar a ponta da língua para frente, no canto interno da boca semiaberta, distendendo a bochecha, várias vezes. *Fonte:* (CAPOVILLA *et al*, 2017, p.2481).

BALA (guloseima) é também um sinal localizado na lateral interna de um dos lados da bochecha. A diferença, em relação aos outros dois, além da ausência de movimento, é a combinação simultânea da EF com a CM em forma da letra manual “D”.

Figura 42: Sinal BALA DE MASCAR

Fonte: Autoria própria.

A unidade lexical BALA também pode auxiliar na compreensão de outra especificidade do parâmetro locação. BALA, assim como MAÇÃ, UVA e LARANJA, é um sinal executado na boca ou em local bem próximo a ela. Todos esses sinais pertencem a um único campo semântico: alimento; sugerindo que a L pode, também, ser a referência do campo semântico a que pertence determinados sinais.

Ferreira-Brito (2010), ao analisar essa propriedade, disse que:

Os sinais realizados em contato ou próximos a determinadas partes do corpo pertencem, muitas vezes, a um campo semântico específico, organizado a partir de características icônicas. O que se refere à visão é realizado perto dos olhos; o que se refere à alimentação, perto da boca; o que se refere a sentimentos, perto do coração; o que se refere a raciocínio, perto da cabeça (p. 38).

Além do traço fonético e morfológico, a L também contém traços semânticos que contribuem para a definição do significado e sua relação com outros sentidos (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2013). Além disso, a L está entre os três principais parâmetros (CM, M, L) utilizados pelo falante para segmentar a LS (BRENTARI; WILBUR, 2006), ou seja, distinguir o fim e o início de sinais nos enunciados. No estudo de Brentari e Wilbur (2006), aplicado a sinalizantes surdos e leigos de três diferentes LS (Língua de Sinais Americana – ASL, Língua de Sinais Croata – HZJ e Língua de Sinais Austríaca – ÖGS), a L desempenhou determinada influência para a identificação dos limites entre um sinal e outro. A depender da LS, a quantidade de PA (de um a dois) era determinante para o usuário decidir se estava diante de um ou mais de um sinal.

Desse modo, as propriedades e funções do parâmetro L parecem ser uma solução produtiva para a Lexicografia e merecem ser investigadas. Por isso, nesta pesquisa, a L foi valorizada no modelo lexicográfico por seu valor distintivo e transparente nas LSs.

2.2.3 Movimento (M)

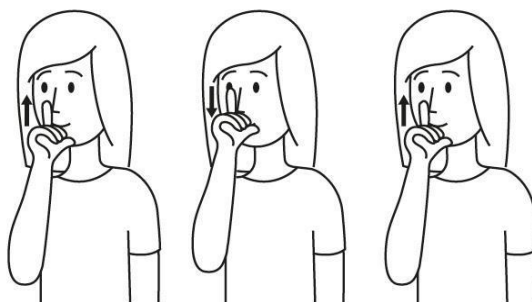
O parâmetro Movimento (M) é o último dos três apresentados por Stokoe (1960). Ele é altamente produtivo e possui várias funções gramaticais na LS, tais como: tempo verbal, locução adverbial, advérbio de tempo, além de participar do processo de formação de sinais, como morfema aplicado à raiz, e fornecer ao sinal a função de verbo ou sujeito, dentre outros (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2013).

Baseadas em Ferreira-Brito e Langevin (1995), Quadros e Karnopp (2004, p. 54) explicam que, “nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço de enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador”. Existem sinais que apresentam ou não movimento. Aqueles que possuem movimento dependem, no caso dos verbos com concordância, do referencial linguístico e espacial.

Para Costa (2012), a definição e classificação do parâmetro M mais elucidativa para a Libras foi a fornecida por Ferreira-Brito (2010). Em sua definição, a autora declara que o M possui várias execuções em tipos variados de forma e direção; e que este seria constituído por movimento do pulso, movimento interno da mão, movimentos direcionais no espaço, além de variados movimentos em um mesmo sinal.

Não é à toa que esse parâmetro é considerado complexo, pois uma simples variação do movimento pode alterar completamente o significado, além de modificar a função de um item lexical na frase. Um exemplo disso são os sinais, PERIGOSO e BISCOITO. Articulados na lateral do nariz e com mesma configuração, variam apenas quanto ao tipo de M no local que incide o sinal.

Figura 43: Sinal PERIGOSO

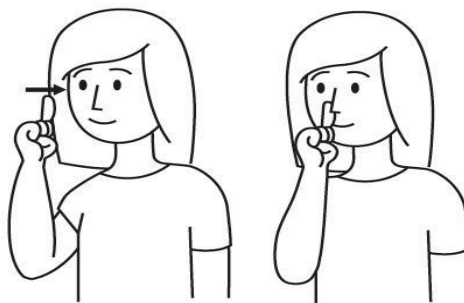


Fonte: Autoria própria.

Exemplo de Uso: CUIDADO NOITE pessoa ANDAR SOZINH@ PERIGOS@! *Fonte:* *Dicionário Virtual de Libras*(FELIPE e LIRA, 2005).

O M nos sinais, PERIGOSO e BISCOITO percorrem trajetória retilínea, porém em direções opostas:

Figura 44: Sinal BISCOITO



Fonte: Autoria própria.

Exemplo de Uso: BISCOITO BANANA VOCÊ JÁ COMER? *Fonte:* *Dicionário Virtual de Libras* (FELIPE e LIRA, 2005).

Cada categoria de M (tipo de movimento, maneira, frequência e direcionalidade) pode ser classificada de formas diferentes, como: **a.** tipo de movimento: contorno ou forma geométrica, interação, contato, torcedura do pulso, dobramento do pulso, interno das mãos; **b.** direcionalidade: direcional e não-direcional; **c.** maneira: qualidade, tensão e velocidade; **d.** frequência: repetição.

Na imagem do quadro abaixo, segue a classificação de Ferreira-Brito (1990 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004) para tais diferentes categorias do M.

Quadro 4: Categorias do parâmetro Movimento, segundo Ferreira-Brito (1990)

Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito, 1990)
<p>TIPO</p> <p><i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual</p> <p><i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado</p> <p><i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar</p> <p><i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento</p> <p><i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo</p> <p><i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>
<p>DIRECIONALIDADE</p> <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial - <i>Bidirecional:</i> para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda <p>Não-direcional</p>
<p>MANEIRA</p> <p>Qualidade, tensão e velocidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo - de retenção - refreado
<p>FREQÜÊNCIA</p> <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> - simples - repetido

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56).

Faria- do- Nascimento (2009), quando se referiu a essa classificação, mencionou mais uma, a *intensidade*. Esta autora também desenvolveu uma proposta lexicográfica para glossários baseada na ordenação paramétrica, e chamou atenção sobre a complexidade desse parâmetro, já que o seu emprego no sistema de busca e organização da nomenclatura requer muita atenção em virtude da complexidade e da grande variedade de tipos de movimento. Conforme a autora:

Nem todos os aspectos que envolvem o parâmetro Mov. são muito visíveis para serem considerados como critério de ordenação para um repertório lexicográfico sob a perspectiva da proposta apresentada por esta ordenação. A direção parece ser a parte do movimento mais visível e, portanto, deve ser o primeiro critério do movimento a ser observado numa proposta de ordenação paramétrica do parâmetro Movimentos. Os princípios que regem a ordenação lexicográfica semasiológica para o parâmetro do Movimento seguem a sequência: Uma UL

sem movimento virá antes de uma UL como movimento. O movimento inicial será sempre o primeiro a ser considerado e incluído no repertório lexicográfico como *default*. Esse movimento segue a sequência do interlocutor para o espaço [...] da primeira para a segunda pessoa (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 202).

Faria- do- Nascimento (2009) defende que o emprego da “*direção/trajetória*” pode ser uma solução para ordenação lexicográfica com base no M. Entre o M de *direção/trajetória* e o *local*, a autora julga que o primeiro fornece maior grau de transparência.

Nas regras de formação do sinal, uma ULS pode apresentar até três tipos de combinações possíveis, quais sejam: **a.** um movimento de direção; **b.** um movimento local; **c.** a combinação simultânea de ambos (WILBUR, 1987 *apud* FERREIRA-BRITO, 1999). Dois movimentos em um mesmo sinal não ocorrem em quaisquer circunstâncias, pois eles devem respeitar determinadas regras de boa formação. Combinações de M não permitidas pela gramática da língua são as que combinam, visto que:

Uma sequência de um M de trajetória seguido por um M local ou vice-versa (Perlmutter 1992). Uma outra combinação impossível para o sinal é a sequência de dois círculos, cada um em uma direção diferente (Uyechi 1996). Finalmente, embora a sequência “M circular seguido por um M de trajetória reta” seja permitida, o inverso, “M de trajetória reta seguido por um M circular”, não o é (Uyechi 1996) (BRENTARI; WILBUR, 2006, p. 54).

Além desses três tipos de descrição do tipo de M, há também a possibilidade de descrição do “*movimento interno*” e da *velocidade* (por tensão, retenção, contínuo ou refreado) do sinal. Ao todo, Ferreira-Brito (1999) listou trinta e três modelos de CM com um M interno específico. A descrição da execução do movimento interno foi produzida com base na seleção de dedos por: **a.** extensão gradual, começando pelo indicador; **b.** extensão gradual, começando pelo dedo mínimo; **c.** fechamento simultâneo (FERREIRA-BRITO, 1999).

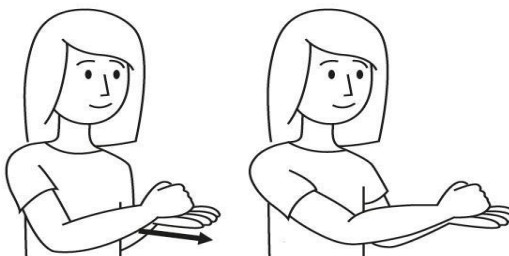
No estudo interlinguístico sobre a segmentação da “palavra” em três línguas de sinais, desenvolvido por Brentari e Wilbur (2006), as análises sobre o resultado do M apontaram que sinalizantes e não-sinalizantes (ou sinalizantes leigos) utilizam a mesma estratégia, e dão o mesmo tratamento ao parâmetro M quando precisam identificar as fronteiras entre os sinais em uma sequência ou enunciado completo.

2.2.4 Orientação da Palma da Mão (OR)

A Orientação da Palma da Mão (OR) foi incluída ao quadro de parâmetros da LS por influência de Battison, em virtude da sua influência sobre a estrutura interna das ULs. Todos os sinais realizados com os articuladores primários (mãos) possuem OR voltada para uma direção com base no referente do corpo do sinalizante. Assim como os demais parâmetros, ele também possui valor distintivo, na medida em que uma única e simples mudança, a partir dele, gera um novo significante com significado completamente diferente. Os sinais TELEVISÃO (OR para frente) e TRABALHAR (OR para baixo) são um exemplo de UL formada pelo par mínimo de mudança da OR.

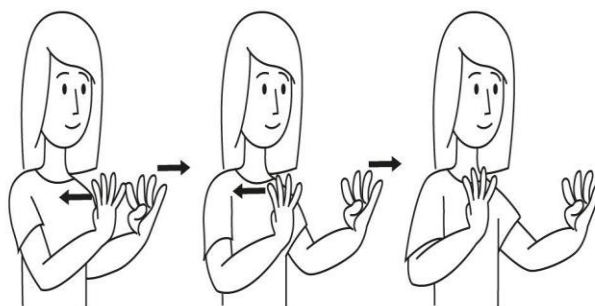
Conforme Ferreira-Brito (1999, p. 41), a OR é “a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita”. Além disso, um único sinal pode ter mais de uma OR, como os sinais: INTÉRPRETE (OR para baixo e, em seguida, para cima) e FALSO (OR para fora e, em seguida, para dentro). Caso o item lexical seja realizado com as duas mãos, cada mão poderá envolver orientações diferentes, opostas ou para uma mesma direção.

Figura 45: Sinal AJUDA

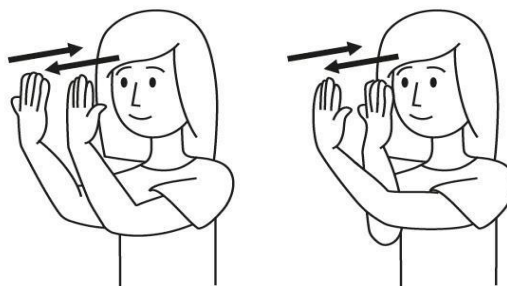


Fonte: Autoria própria.

Figura 46: Sinal FILA



Fonte: Autoria própria.

Figura 47: Sinal PSICOLOGIA

Fonte: Autoria própria.

A depender do sinal, a OR pode variar, apresentando mais de uma possibilidade de direção sem prejuízo ao entendimento do sinal. Na pesquisa de Xavier e Barbosa (2014), sobre a variação na produção dos sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras), seis sinais (LETRA-A, TRABALHAR, ELEVADOR, EMPRESA, LETRA-X, PROIBID@, TARDE, TEXTO, PRÓPRIO) apresentaram variação na OR, dois (PROIBID@, PRÓPRIO) deles apresentaram uma variação além da esperada, e todos apresentaram uma variante mais frequente.

2.2.5 Expressões Não-Manuais (ENM)

As Expressões Não-Manuais (ENMs), também chamadas de Expressão Facial (EF) e/ou Expressão Corporal (EC), são as várias articulações e contornos da face e cabeça (isoladamente e/ou alternadamente), da face e cabeça (simultaneamente) e do tronco (QUADROS, KARNOPP, 2004). Liddell e Johnson (1989) as incorporaram aos estudos linguísticos da LS como unidades fonológicas, quando observaram que os sinais, na ASL, não eram realizados unicamente com as mãos, mas também poderiam envolver a face e outras partes do corpo.

Ferreira-Brito e Langevin (1995, *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 61) subdividiram as áreas de execução das ENMs em quatro grandes áreas e suas subáreas (ver figura 49). O rosto, local de incidência das EFS, foi subdividido em duas partes, superior e inferior. A parte superior compreende os sinais que estão mais relacionados à função de marcações sintáticas para frases afirmativas, interrogativas, exclamativas (ativam os olhos e as sobrancelhas), enquanto a parte inferior parece estar mais relacionada ao grau e aspecto dos substantivos e aos advérbios.

Figura 48: ENMs da Libras, segundo Ferreira-Brito e Langevin (1995)

Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)
<p>Rosto</p> <p><i>Parte superior</i></p> <p>sobrancelhas franzidas olhos arregalados lance de olhos sobrancelhas levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i></p> <p>bochechas infladas bochechas contraídas lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha apenas bochecha direita inflada contração do lábio superior franzir do nariz</p>
<p>Cabeça</p> <p>balanceamento para frente e para trás (sim) balanceamento para os lados (não) inclinação para frente inclinação para o lado inclinação para trás</p>
<p>Rosto e cabeça</p> <p>cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p>Tronco</p> <p>para frente para trás balanceamento alternado dos ombros balanceamento simultâneo dos ombros balanceamento de um único ombro</p>

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61).

Quadros e Karnopp (2004, p. 60) explicam que a diferença prática entre os sinais realizados na área superior ou inferior do rosto estão relacionadas a sua função sintática e gramatical:

As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalização, concordância e foco [...]. As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60).

Aronoff, Meir & Sandler (2005) apontam que, na morfologia, as ENMs funcionam como marcador gramatical não verbal. Conforme os autores (ARONOFF; MEIR; SANDLER, 2005), as LSs possuem estruturas morfológicas tão complexas que, em um único verbo, podem ser encontrados cinco ou mais morfemas desse tipo (VERBO OLHAR, a depender do exemplo) ou ainda um único morfema pode flexionar sujeito e

objeto e o aspecto temporal dos verbos, como nos sinais: ANDAR_{em direção a alguém}, ANDAR_{vagarosamente}, ANDAR_{apressadamente}, outros.

As ENMs vêm sendo estudadas em perspectivas linguísticas diferentes; logo, os autores têm tratado as EFs de forma diferenciada. Isso porque,

para alguns pesquisadores da LS, as EFs têm sido analisadas como traços segmentais, i.e fonemas. Sandler e Lillo-Martin (2006: 257 e 263) defendem que os falantes empregam EFs de duas formas: uma não-linguística e outra linguística e classificam-nas linguisticamente como traços prosódicos de entoação da LS, ou seja, suprasegmentais que contêm marcas de duração, tom e intensidade [...]. Estudos de Quadros *et alii* (2008) defendem a subcategorização das EFs como afetivas ou gramaticais, ainda que estejam de conteúdo e de significado a ser interpretado, no mínimo discursivamente, uma vez que uma EF pode dizer muito mais do que uma frase constituída de uma série de palavras. As EFs precisam, então, ser analisadas por dois ângulos, pois há que se distinguir, conforme as autoras, as expressões que não têm um traço linguístico das que têm. Nos estudos de Liddell (1986), por outro lado, algumas EFs foram estudadas como parte da sintaxe (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 86).

Considerando a sua função lexical, a ENM, isoladamente, gera novas unidades lexicais, ou ainda, expressa uma sentença inteira. Os sinais ASSOBIAR, BUFAR, ROUBAR, SEXO E MASTIGAR, arrolados no *Dicionário Enciclopédico de Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), são alguns exemplos de função lexical deste parâmetro (XAVIER, 2006).

A ENM pode ser essencial para a compreensão do sinal em determinados contextos e para desfazer possíveis ambiguidades. A prosódia, acompanhada do contexto da frase, por exemplo, é um dos recursos usados com essa função. Nas frases abaixo, as formas homônimas SÁBADO/LARANJA referem-se, à primeira vista, ao mesmo sinal; porém, quando inseridas no contexto, com o auxílio das devidas ENMs, claramente, o interlocutor se verá diante de unidades lexicais distintas:

1. SÁBADO SEGUINTE EU IR INGLÊS CURSO.

Fonte: Dicionário Virtual (FELIPE e LIRA, 2005).

2. LARANJA BO@ SAÚDE VITAMINA C.

Fonte: Dicionário Virtual (FELIPE e LIRA, 2005).

Além de haver um pré-construído implícito nas frases, há também a expressão facial que ajuda a desfazer possíveis desvios do objetivo do enunciador.

Por fim, esse capítulo abordou a Lexicologia na LS e alguns de seus aspectos fonológicos. Julgamos oportuno tratar dos aspectos estruturais da língua para favorecer o reconhecimento daquilo que configura como uma unidade lexical na LS. A compreensão

sobre os aspectos estruturantes da UL é essencial ao Lexicógrafo e a sua tarefa prática de elaboração de dicionários. No caso específico deste trabalho, que trata de um grupo de lexia especial, a homonímia, é preciso muito mais do que reconhecer o sinal, mas também definir e identificar quando se está diante de um par ou grupo de sinais homônimos.

No Capítulo 3, foi organizada uma exposição sobre esse tipo de lexia, responsável por muitos dos problemas e embaraços gerados pela ambiguidade em contextos de uso. Ao longo da seção, foram fornecidas algumas definições com base nos conceitos da LF (ULLMANN, 1964), (LYONS, 1991), (NADAL, 2001) e da Libras (SOARES, 2013), (QUADROS; KARNOPP, 2004). Logo em seguida, no capítulo seguinte, foi desenvolvido um estudo sobre o dicionário do tipo Especial, utilizado, convencionalmente, para cobrir um campo linguístico de um léxico específico da língua e o tratamento da homonímia na macro e microestrutura de dicionários de LP.

CAPÍTULO 3

A HOMONÍMIA E O SEU REGISTRO EM DICIONÁRIOS

O estudo da homonímia da Libras poucas vezes foi objeto de estudo de linguistas. No Brasil, os estudos mais profícuos foram os de Soares (2013) e os de Martins (2013). O primeiro desenvolveu, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Brasília (UnB), um estudo sincrônico com o objetivo de comprovar a presença da homonímia nos fenômenos de ambiguidade da Libras; e Martins (2013) realizou, paralelamente, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), um estudo descritivo sobre as manifestações da ambiguidade lexical na Libras, seguindo com uma série de publicações sobre o assunto (MARTINS; BIDARRA, 2011); (BIDARRA; MARTINS, 2012); (BIDARRA; MARTINS; OLIVEIRA, 2016).

No subitem a seguir, apresentaremos as principais definições de homonímia, junto a exemplificações na LP e na Libras. Logo em seguida, no subitem 3.2, caracterizamos, com base em Haensch (1982), Carballo (2003), Martínez de Sousa (2009), Biderman (1984) e Zavaglia (2012), a macro e microestrutura constituintes dos dicionários; e, por fim, concluímos o capítulo com uma breve apresentação das características do dicionário especial, destacando alguns fragmentos da macro e microestrutura dessa tipologia e do tipo geral.

3.1 A homonímia na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais: algumas aplicações

É comum que as palavras nas línguas faladas, assim como os sinais nas línguas gestuais- visuais, apresentem mais de um significado, com duas ou mais significações diferentes. Apesar de contribuir para a economia e flexibilidade da língua, essa propriedade semântico-articulatória gera ambiguidades de ordem fonética, gramatical e lexical (ULLMANN, 1964). A ambiguidade de ordem lexical, sobre a qual estamos tratando nesta pesquisa, pode ser gerada de duas formas: pela homonímia ou pela polissemia. E ainda por uma terceira, a categorização gramatical. A homonímia ocorre quando os sentidos são completamente distintos ou não se relacionam; a polissemia ocorre quando uma palavra pode designar múltiplos significados com semas em comum; e a categorização gramatical, quando uma mesma unidade lexical pertence a classes sintáticas distintas. Basicamente, a

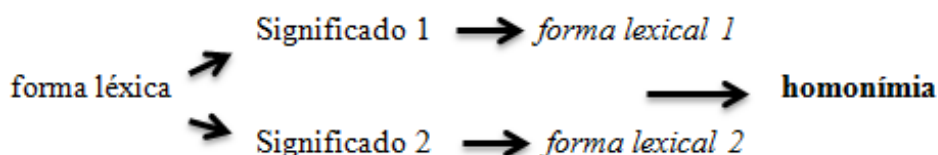
diferença entre as duas primeiras está nas relações que as palavras ambíguas têm ou não entre si (CANÇADO, 2008).

De acordo com Ullmann (1964), os idiomas estão repletos de homônimos, agentes responsáveis não apenas pela ambiguidade lexical, mas também pela ambiguidade fonética e gramatical. Ainda com esse autor (1964, p. 365), os efeitos da homonímia podem “ser igualmente graves e até mais dramáticos” do que os da polissemia.

Os estudos semânticos mais tradicionais apontam que a homonímia se apresenta de duas maneiras: nas formas homófonas (mesmo som e com grafia diferente) e homógrafas (mesma grafia e com som diferente). Apesar de haver essa divisão, Cançado (2008), assim como Ullmann (1964), não considera relevante essa bipartição, já que a diferença na grafia por si só não é conclusiva para a identificação da homonímia. Para as LSs, essa divisão também não é produtiva já que as línguas de sinais ainda não possuem uma representação escrita universal legítima, aceita oficialmente, apesar das tentativas mais recentes de Valerie Sutton com o sistema *SignWriting* (escrita de sinais) (Cf. SUTTON, 2019 [1974]).

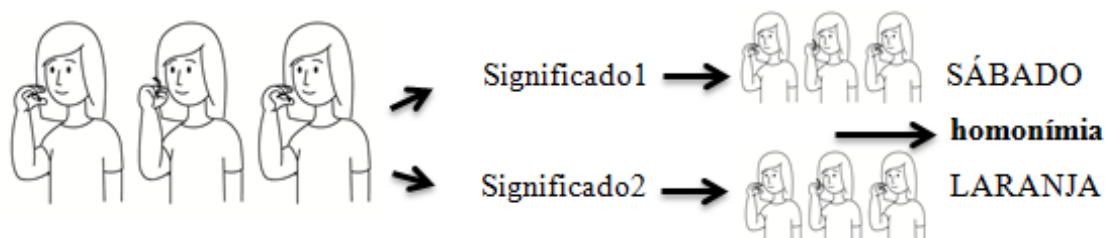
A fim de ilustrar a homonímia da LS, criamos, com base em Baldinger (1970, p. 42-43), o diagrama ilustrado com sinais, representado logo abaixo do modelo do autor:

Figura 49: Diagrama, segundo Baldinger (1970)



Fonte: (BALDINGER, 1970, p. 42-43).

Exemplo na LSB:



Fonte: Autoria própria.

De acordo com Ullmann (1964), os homônimos podem surgir a partir de três processos, quais sejam: 1. **convergência fonética:** palavras com formas diferentes que evoluíram até coincidirem fonologicamente uma com a outra; 2. **divergência semântica:** ocorre quando os significados de uma mesma palavra se separam de modo a não haver nenhuma relação de sentidos entre elas; 3. **influência estrangeira:** quando uma lexia é tomada por empréstimo estrangeiro e se adapta ao sistema fonético da língua de chegada, desenvolvendo formas de convergência fonética.

Conforme Biderman (1978), é possível encontrar até três tipos de homônimos na língua falada, a saber: o homônimo léxico (pertencente a mesma classe sintática, com significados diferentes); o sintático (pertencente a classes sintáticas diferentes); e o morfológico (incluído na mesma classe sintática com categorias gramaticais diversas).

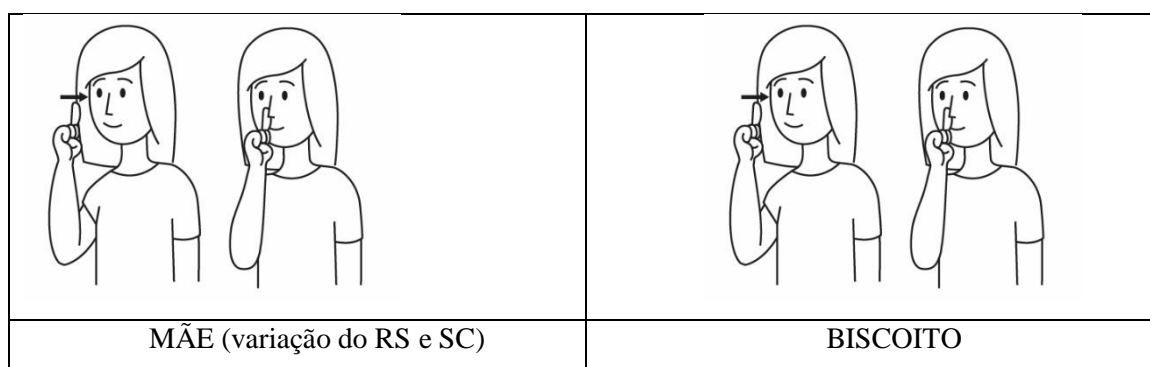
No português, um caso clássico de homônimo léxico são as lexias *banco* (substantivo), *banco* (substantivo); e na Libras, os sinais MÃE (substantivo) e BISCOITO (substantivo) (ver ilustração a seguir):

a. Exemplo no Português Contemporâneo:

banco (substantivo): “No jardim da praça há vários bancos” (DCP, 1992, p. 135).

banco (substantivo): “Este banco tem centenas de sucursais pelo país” (DCP, 1992, p. 135).

b. Exemplo na Língua Brasileira de Sinais:



MAMÃE IMPORTANTEmuit@ EL@ SEMPRE PREOCUPAR CUIDAR FILH@ (FELIPE e LIRA, 2005).

Tradução: A mãe é muito importante. Ela está sempre preocupada e cuidando do filho.

BISCOITO BANANA VOCÊ JÁ COMER? (FELIPE e LIRA, 2005).

Tradução: Você já comeu biscoito de banana?

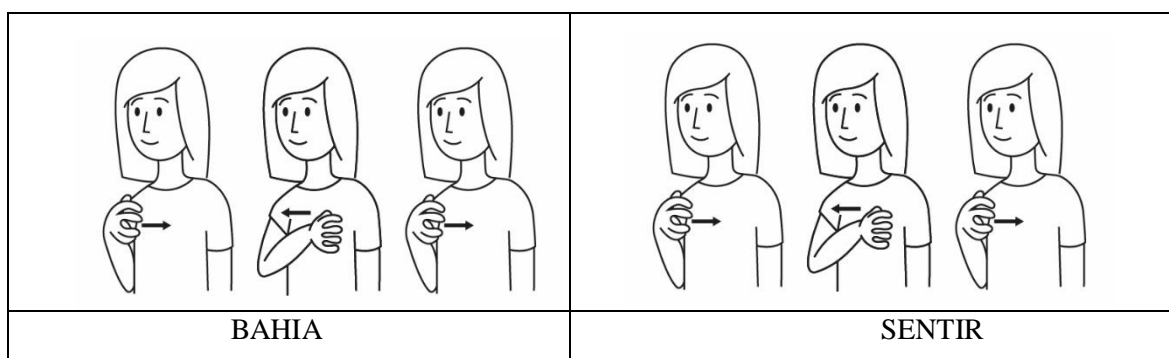
Quanto aos homônimos sintáticos, as unidades *caminho* (substantivo) e *caminho* (verbo) ilustram um exemplo do português, e os sinais BAHIA (substantivo) e SENTIR (verbo), um exemplo da Libras:

a. Exemplo no Português Contemporâneo:

caminho (substantivo): “— É. Você não precisa se incomodar que ela sabe o **caminho** de casa!” (DFH-PCB, 2010, p. 105, grifo do autor).

caminho (verbo): “pode acreditar, vou devagar, não vou desperdiçar nem um pouquinho o meu escasso alento, oh cara, vê como eu **caminho**” (DFH-PCB, 2010, p. 105, grifo do autor).

b. Exemplo na Língua de Sinais Brasileira:



CARNAVAL EU IR JÁ BAHIA (FELIPE e LIRA, 2005).

Tradução: EU já fui ao carnaval da Bahia.

HOJE EU SENTIR BEM NÃO (FELIPE e LIRA, 2005).

Tradução: Hoje eu não me senti bem.

Como exemplo de homônimo morfológico, Biderman (1984) citou as formas verbais *amamos*, tanto na forma do presente do indicativo como no pretérito perfeito: “nós amamos” (verbo no presente do indicativo); “nós amamos” (verbo no pretérito perfeito). Na língua de sinais, exemplos semelhantes não podem ser encontrados em alguns casos em que os verbos não sofrem flexões de tempo e de gênero direto na forma lexical (QUADROS; KARNOPP, 2004).

No caso dos verbos que sofrem flexão de número-pessoa, largamente estudados por Felipe (1988, 1997, 1998), é possível encontrar esse tipo de homônimos, porém, estudos e investigações precisam ser desenvolvidos para investigar tais ocorrências.

Soares (2013) também utilizou uma classificação parecida com a de Biderman (1978) para os homônimos da Libras. Considerando as pesquisas do autor, o usuário pode encontrar dois tipos de homonímias na LS, a *perfeita* e a *imperfeita*. Para o autor, a homonímia *perfeita* é aquela que possui mesma classe gramatical e total convergência paramétrica; e a homonímia *imperfeita* seria aquela que apresenta classe gramatical e expressões não-manuais (ENMs) diferentes.

Soares (2013) mencionou como homonímias perfeitas, dentre outras, os pares²³:

a. FAZENDA (SP, MG, PR, RS)

b. BOI (SP, RJ, DF, SC, AL, BA, MG, CE, RS, PR)

a. ADOTAR (CE, RJ)

b. LUCRAR²⁴ (PE) (ver Figura 50)

a. RESPEITAR (SP, RJ, MG, MS, CE, RS, PR, SC, DF)

b. OBEDECER (SP, RJ, MS, PR, MG, AL, CE, SC, RS); e, como homonímia imperfeita, o par:

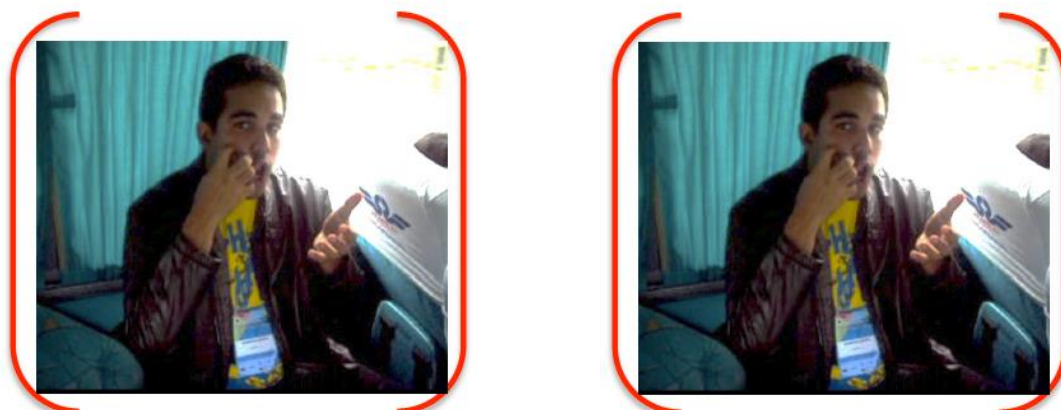
a. HISTÓRIA (RS)

b. LEMBRAR (SP, RJ, PR, SC, CE, MG, PB, PI, RSS, DF)(ver Figura 51).

Vejamos a seguir, alguns desses sinais:

²³ O escopo da variação diatópica dos sinais foi informado de acordo com Capovilla *et al* (2017) e Soares (2013-2019).

²⁴ Sinal utilizado por sinalizante surdo de Recife (PE), conforme relato oral de Soares (2019).

Figura 50: Par de homonímias perfeitas

ADOTAR

LUCRAR

Fonte: SOARES (2013, p. 92).

No exemplo, os sinais não diferem em nenhum parâmetro, uma vez que possuem os mesmos constituintes fonológicos e a mesma classe gramatical, ou seja, são dois verbos. Esses casos configuram-se como homonímias perfeitas.

O par abaixo, ao contrário, é um par de homonímias imperfeitas. Vejamos:

Figura 51: Par de homonímias imperfeitas

HISTÓRIA

LEMBRAR

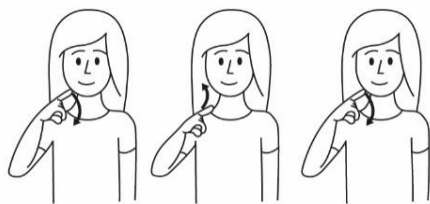
Fonte: SOARES (2013, p. 113-114).

Para Soares (2013, p. 112-113), “nos dois casos, o item lexical difere em parâmetros fonológicos em expressão não-manual (ENM), representando dessa forma

homonímia imperfeita”. O próprio contexto confirma tal distinção, como se vê na aplicação contextual fornecida pelo autor (SORARES, 2013, p. 113-114, grifos nossos):

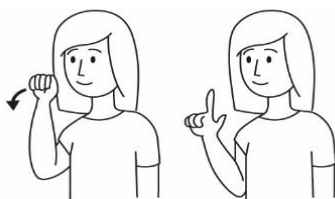
UAU PASSADO **HISTÓRIA** PASSADO UAU SURDO SURDO ENSINAR PROFESSOR SURDO. **Tradução:** Puxa, há muito tempo na história um surdo professor (...). MAS EU **LEMBRAR** O QUE BARREIRA COMUNICAÇÃO POR CAUSA ENTRAR SOCIEDADE ISTO <DIFÍCIL, FÁCIL>sn **NÃO**. **Tradução:** Me lembro, minha comunicação na sociedade não foi fácil.

Além dos exemplos listados, existem inúmeros outros casos de homonímia perfeita e imperfeita, como os ilustrados abaixo, e os que serão vistos mais adiante nas nossas análises:



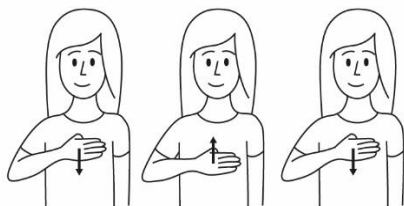
MINAS GERAIS/FLAMENGO

(homonímia perfeita)



AZUL/AGOSTO

(homonímia perfeita)



AGOSTO/GOSTAR

(homonímia imperfeita)

Além das homonímias imperfeitas AGOSTO/GOSTAS, há também os sinais, SEXTA-FEIRA/PEIXE, DIRIGIR/CARRO, AVIÃO/VOAR DE AVIÃO, ABRAÇO/ABRAÇAR, AÇUCAR/DOCE, dentre outros. Vale lembrar que os sinais homônimos da Libras ainda não gozam de registro sistemático em dicionários da língua. Por isso, informações como essas não são acessíveis ao usuário comum. Para ilustrar o

tratamento da homonímia em dicionários, demonstraremos como vem sendo feito os registros desse fenômeno em dicionários gerais e especiais da LP; ao mesmo tempo em que esboçaremos algumas conceituações para macro e microestrutura, à luz de importantes nomes da Lexicografia.

3.2 Macro e microestrutura: questões teóricas e o tratamento da homonímia em dicionários

Os termos *macroestrutura* e *microestrutura*, empregados na Lexicografia e cunhados por Rey- Debove (1971, p. 21 *apud* PARREIRA DA SILVA, 2007), indicam respectivamente: **a.** conjunto de entradas lidas em sentido vertical; **b.** “conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada” (REY-DEBOVE, 1971, p. 21 *apud* PARREIRA DA SILVA, 2007, p. 107).

De acordo com a filiação teórica, o termo *macroestrutura* pode ser empregado como sinônimo de nomenclatura, referindo-se ao conjunto das entradas do dicionário, como propôs Rey- Debove (1971), ou, ainda, como todas as partes do dicionário. Martínez de Sousa (2009) informa que esse conceito mais abrangente procede de Haensch (1982), que estende o conceito de macroestrutura à estrutura geral do dicionário: “ordenação dos materiais léxicos, introdução, anexos e suplementos dos dicionários. É a estrutura material, bibliográfica e tipográfica do dicionário” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 101).

Essa concepção generalista de Haensch (1982) não é aceita por vários nomes da Lexicografia, como Martínez de Sousa (2009), Carballo (2003), Biderman (1984), Zavaglia (2012), Welker (2004), entre outros. Zavaglia (2012), em concordância com Hartmann e James (1998, p. 23 *apud* ZAVAGLIA, 2012, p. 243), prefere adotar o termo *megaestrutura* para representar “o conjunto da nomenclatura acrescida dos textos externos”. Por isso, em acordo com os autores, optamos pelo emprego do termo *macroestrutura*, já que ele faz uma clara separação entre a extensão da nomenclatura e os textos introdutórios/finais do dicionário.

Além das escolhas terminológicas, é certo que, quando o lexicógrafo for arquitetar um dicionário, ele precisará firmar uma posição teórica e tomar algumas decisões relativas à macroestrutura. Carballo (2003), por exemplo, diz que é preciso decidir sobre a lematização e a ordenação das entradas (onomasiológica ou semasiológica); definir os critérios de seleção dos lemas baseado na finalidade e características da obra (número de lemas, tipologia); delimitar os tipos de entradas lexicográficas (morfemas, fraseologismo, siglas, outros); e o critério distintivo da unidade lexical homônima e polissêmica, ou seja,

se ele corresponderá a uma nova entrada ou se apenas virá no interior da microestrutura do verbete.

Essas decisões em torno da homonímia costumam ser problemáticas para um lexicógrafo. Isso porque essa escolha influencia no tamanho da obra e no inchaço da nomenclatura. Ao decidir pela inserção da homonímia na nomenclatura, o lexicógrafo precisa tomar algumas decisões, como: definir o critério identificador (etimológico, semântico, gramatical, misto, outro) da unidade lexical homônima, as marcas tipográficas, se os léxicos virão em verbetes iguais ou diferentes, e se alguma informação específica será acrescentada ao(s) verbete(s).

Geralmente, no campo lexicográfico, os critérios mais conhecidos para identificação da homografia na língua falada (LF) são o etimológico (investiga a origem do étimo) e o semântico (investiga o sema numa dimensão sincrônica). Para Anjos (2006), o estabelecimento da homonímia é resultante do processo de reconhecimento da polissemia. Para este autor, se após o resgate semântico-histórico-cultural não se comprovar nenhum enlace semântico, próprio da polissemia, está-se diante de unidades lexicais homonímicas.

Carballo (2009), por sua vez, menciona até três critérios para o estabelecimento da homonímia e da polissemia: o diacrônico ou etimológico, o sincrônico (que engloba o critério do sentimento linguístico e o critério componencial ou semântico)²⁵ e o misto (defende a não existência de diferenças entre homonímia e polissemia por terem a mesma forma com significados diferentes).

No primeiro, Carballo (2009) indica que a distinção da lexia homógrafa é feita por meio da análise da categoria gramatical e da etimológica, ou seja, duas ou mais unidades lexicais com significante igual e significado diferente serão homônimos quando:

Provem de étimos diferentes de tal maneira que a coincidência entre o significante é puramente casual e fortuita. Em caso contrário, se tratará de uma polissemia, isto é, de um só vocábulo com significado múltiplo, a não ser que estas formas pertençam a paradigmas flexionais diferentes. [...] É o que ocorre com formas como *cantar* (substantivo) e *cantar* (verbo) que, apesar de procederem uma da outra e possuírem, em última análise, a mesma origem, interpretam-se como homonímia (CARBALLO, 2009, p. 1987).²⁶

²⁵ Werner emprega o termo “consciência linguística” (WERNER, 1982, p. 303).

²⁶ Traduzido do original: “proviene de étimos diferentes de tal manera que la coincidencia em el significante es puramente casual y fortuita. Em caso contrario, se tratará de una polissemia, esto es, de un solo vocablo con significado múltiple, a no ser que dichas formas pertenezcan a paradigmas flexionales diferentes. [...] Es lo que ocurre con formas como *cantar* (substantivo) y *cantar* (verbo), que pese a proceder una de la otra y poseer, em definitiva, el mesmo origen, se interpretan como homónimas” (CARBALLO, 2009, p. 187).

Welker (2004) se refere a unidades lexicais desse tipo como *homônimos parciais*. Na Libras, um exemplo de homônimo parcial, quanto à categoria gramatical, são os sinais PÃO (substantivo) e RÁPIDO (adjetivo):

Figura 52: Sinal PÃO —



Fonte: (SOARES, 2013, p. 123).

Figura 53: Sinal RÁPIDO



Fonte: (SOARES, 2013, p. 123).

Esses sinais, apesar de idênticos quanto à forma, diferenciam-se quanto à função, uma vez que o sinal COMER (verbo) designa ação, e PÃO (substantivo) representa a coisa ou objeto.

O critério etimológico, apesar de muito utilizado nos países hispânicos, é considerado inadequado para dicionários que tratam do léxico geral numa perspectiva sincrônica, salvo para dicionários etimológicos, que, por natureza, já são diacrônicos. Werner (1982), assim como Carballo (2009), considera esse critério problemático porque nem sempre a etimologia é conhecida ou facilmente encontrada. A reconstrução histórica de algumas línguas pode ser impossível para o lexicógrafo, por isso, comumente, ele se vê diante de uma decisão: utilizar bases e informações não muito seguras ou buscar outro critério que possibilite uma distinção mais segura.

Werner (1982, p. 302) alerta, àqueles que optam por enveredar em busca da genealogia da língua para distinguir a homonímia, que o tratamento baseado no critério etimológico “pode até dificultar e desconcertar o usuário, especialmente quando a língua cujo vocabulário descrito, ou que aparece como a língua de partida, não é a sua língua materna”.

Mesmo com todos os inconvenientes, a etimologia foi e continua sendo utilizada, principalmente, por lexicógrafos espanhóis; mas, além dela, o critério semântico também possui seu espaço e posição de destaque, sobretudo, na Lexicografia Contemporânea (MURAKAWA; ZAVAGLIA, 2011).

Para a Semântica Estrutural, o critério semântico deve verificar se há relação sêmica entre as unidades lexicais. Werner (1982) esclarece que, para casos em que há identidade no plano da expressão e divergência no plano do conteúdo, a variante se trata de polissemia, não havendo, pois, homonímia.

Nas palavras de Zavaglia (2011, p. 41), o critério semântico diferencia a lexia homônima da polissêmica, seguindo o seguinte preceito: os lexemas homônimos são “palavras de grafia idêntica (ou seja, mesmo significante) e significados diferentes que não possuem sema comum”. Esse modelo já era adotado na Lexicografia Francesa quando Biderman resolveu elaborar o *Dicionário Contemporâneo de Português– DCP* (1992). Na introdução do *DCP*, a autora (BIDERMAN, 1992) disse que, em virtude da “impossibilidade de seguir a antiga tradição de ordenação segundo as etapas de evolução histórica da palavra, já que não temos dados suficientes para tal”, resolveu seguir o modelo que a Lexicografia Francesa contemporânea tem adotado.

O critério adotado por Biderman (1992), o semântico, implica conseqüentemente no modelo de disposição da unidade lexical homônima em entradas separadas. Para Martínez de Sousa (2009), o caminho adequado é, de fato, colocar todas as acepções dos léxicos que possuem uma mesma raiz etimológica (polissemia) juntas no mesmo verbete, e aquelas que possuem de duas ou mais raízes etimológicas distintas (homonímia) em entrada própria.

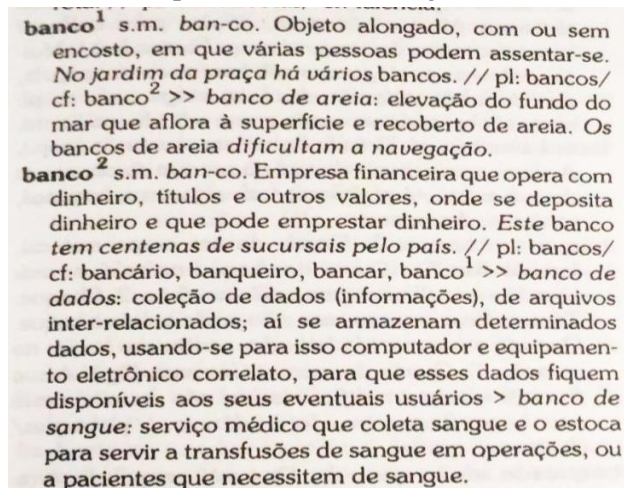
Welker (2004) comparou alguns dos dicionários mais importantes do português do Brasil e concluiu que o *Houaiss* e o *Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUP)* valeram-se dos princípios etimológicos para identificar e diferenciar as unidades lexicais homônimas das polissêmicas. O *DCP*, ao contrário do *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, utiliza o critério semântico e ainda explica o procedimento adotado. Nas figuras a seguir, é possível comparar, por exemplo, o tratamento do lema *banco* nos dois dicionários.

Figura 54: Verbetes para a lexia *banco*, segundo Borba (2004)

BANCO *ban·co (Germ)* **Sm 1** móvel usado como assento, com ou sem encosto, rústico, feito de madeira, pedra ou concreto: *Sentou-se num banco para descansar.* **2** assento para passageiros e condutores nos meios de locomoção: *Comprei um carro com bancos forrados de couro.* **3** estabelecimento de crédito, para transações de fundos públicos ou particulares: *Laurita trabalha num banco.* **4** ilhota de aluvião no meio dos rios: *A canoa enroscou num banco de areia.* **5** depósito de armazenagem de material, devidamente catalogado, a ser usado em análises e pesquisas: *banco de dados* **6** departamento hospitalar onde se armazenam sangue, leite e órgãos humanos, para serem administrados a pacientes que deles necessitam: *banco de olhos, de sangue, de pele (Lus)* **7** ambulatório.

Fonte: *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo* (BORBA, 2004, p. 158).

Figura 55: Verbetes para a lexia banco, segundo Biderman (1992)



Fonte: Extraído do *Dicionário Contemporâneo de Português* (BIDERMAN, 1992, p. 135).

Como se vê, a depender da tipologia do dicionário e dos critérios teóricos e práticos, a homonímia irá compor a macroestrutura (como vista no *DCP*), e a polissemia, a microestrutura (como vista no *DUP*).

Para que fique claro, a microestrutura do dicionário pode ser dividida em partes menores. Alguns autores apresentam propostas variadas, como Barbosa (1996, p. 226), que divide a “microestrutura de base” em duas partes: *entrada* + *enunciado lexicográfico*, e Escribano (2003), que também divide o verbete em duas partes: o *lema* (também conhecido como entrada) e as *informações* acerca da unidade lematizada.

O lema é a unidade lexical do verbete, na forma canônica.²⁷ Martínez (2009, p. 104) o considera como “a parte mais importante do verbete lexicográfico”. A *definição*, também nomeada de significado, sentido ou acepção, é o resultado da análise semântica da unidade lexical e de seus usos pragmáticos. Conforme Werner (1982, p. 271), o objetivo da definição lexicográfica, em dicionários semasiológicos monolíngues, é fornecer ao consultante uma “instrução que lhe permita usar ou interpretar corretamente os signos linguísticos segundo seu papel de emissor linguístico, receptor e tradutor”.

²⁷ O lema, em sua forma canônica, é resultante do processo de lematização da unidade lexical. Na forma canônica, o lema, em geral, é monomorfêmico, ou seja, é constituído pela palavra-entrada numa só forma. Ver Carballo, *La Microestructura del diccionario*, In: GERRA, 2003, 182-227.

Além dessas duas unidades, Wiegand (1988, p. 546 *apud* WELKER, 2004, p. 110) mencionou o termo “cabeça do verbete” para denominar a parte que contém as informações (variantes ortográficas, a pronúncia, indicação da classe gramatical, da etimologia e das marcas de uso, dentre outros) anteriores à definição.

Diferente da cabeça do verbete, as acepções (contidas no enunciado lexicográfico) são numeradas e recebem autonomia, possuem as suas próprias marcas de usos, abonações, sinônimos etc.. A unidade lexical polissêmica é um tipo de acepção; logo, ela é integrada à microestrutura do verbete do dicionário geral, numa única entrada.

Um estudo comparativo sobre o tratamento dos homógrafos na Lexicografia Espanhola revelou que a separação de homógrafos em entradas diferentes também é uma prática da teoria etimológica. As obras *Gran Diccionario dela Lengua Española (GDLE)* e o *Diccionario dela Lengua Española (DRAE)*, da Academia Espanhola, por exemplo, distinguem homógrafos por meio dessa teoria (NADAL, 2001); enquanto o *Diccionario del español actual (DEA)* e o *Diccionario del español usual en México (DEUM)* procedem diferente.

Conforme Nadal (2001), essas duas últimas obras identificam os homógrafos com base na teoria semântica, diretriz mais recente e promissora na Lexicografia. Na opinião deste autor(2001, p. 305-306):

Ao analisar a nova forma de proceder do DEUM e o DEA lança nova luz sobre a questão analisada e demonstra a conveniência da distinção entre entradas homógrafas, empregando um critério gramatical coerente ao longo de todo o dicionário e abrindo espaço para outros critérios. A aplicação do critério semântico abre novas perspectivas de organização de homógrafos e acepções²⁸.

Considerando o fato de que a Libras não possui um largo banco de registros, capaz de fornecer a etimologia dos sinais, e que, como disse Correia (2000), apesar de ser um critério relevante, nem sempre a etimologia é suficiente, assumimos a posição teórica do *DEA* e do *DEUM*, a mesma adotada por Biderman (1984) e Zavaglia (2012), e optamos pelo uso do critério semântico para identificação de sinais homônimos.

Além disso, como não há consenso na LS sobre o código escrito da língua, havendo apenas algumas tentativas de representação para descrição linguística, como o Sistema de notação de Bébian (1789-1838), Stokoe (1919-2000) e Paul Jouison (1948-1991), o Sistema Brasileiro de Escrita da Língua de Sinais (*ELIS*), de Mariângela Estelita (1997), e o sistema

²⁸Tradução do original: “El análisis de la nueva forma de proceder del *DEUM* y el *DEA* arroja nueva luz sobre la cuestión analizada y demuestra la conveniencia de la distinción de entradas homógrafas empleando un criterio gramatical coherente a lo largo de todo el diccionario y abriendo paso a otros criterios. La aplicación del criterio semántico abre nuevas perspectivas de organización de homógrafos y acepciones” (NADAL, 2001, p. 305-306).

SignWriting, desenvolvido para o uso cotidiano dos falantes, esta pesquisa não explorou a unidade lexical homônima em sua dimensão escrita, mas sim a visual.

No dicionário especial *Um significado só é pouco: Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo do Brasil (DFH-PCB)*, de Zavaglia (2010), assim como no *DCP*, o critério utilizado para distinção das formas homônimas também foi o semântico. Nas páginas introdutórias, cuidadosamente, Zavaglia (2010) aponta a definição de formas homônimas, e fornece informações sobre a macroestrutura e o modelo de organização lexicográfica adotado na microestrutura.

Sobre a macroestrutura, a autora diz que o dicionário possui 1.483 entradas, organizadas em ordem alfabética e direção semasiológica. Os *corpora* utilizados para buscar as formas homônimas foram os dois dicionários de Biderman, o *Dicionário de Frequências do Português Contemporâneo – DFPQ*, de 1997, e o *Dicionário Didático de Português – DDP*, de 1998.

Na microestrutura do *DFH-PCB*, ao invés de repetir o lema para cada significado diferente, como é de costume em dicionários gerais (ver verbete *banco*), Zavaglia (2010) eliminou a redundância e registrou o lema homônimo uma única vez; e, dele, desmembrou os significados próprios de cada um. Para demarcar as fronteiras entre as variantes de um mesmo lema homógrafo (equivalente a lexias diferentes), foram utilizados números alceados, como é possível conferir no verbete a seguir:

pena	<p>¹ S.f.sing. 1. Revestimento do corpo das aves: “O remédio da garrafa é para a senhora passar na inchação, com uma pena de galinha, três vezes por dia.” (CP) 2. Peça de metal pequena que é usada a uma caneta para escrever: “Uma pena de ganso estava deitada sobre ele, como se o autor tivesse a descansado sobre o texto, com o cuidado de deixar a ponta fora do livro.” (CP).</p> <p>² S.f.sing. Castigo que se impõe a alguém por alguma culpa; punição: “Em todos os tempos e em todos os lugares, a pena de morte não tem matado mais do que a fome.” (CP).</p> <p>³ S.f.sing. 1. Dó que se sente por alguém; piedade: “E ia ficar apaixonado. De dar pena!” (CP) 2. Dor; sofrimento: “Pena é não terem mulheres.” (CP).</p>
-------------	--

[DFH-PCB]

Essa estrutura adotada por Zavaglia condiz com a segunda classificação de Welker (2004) para disposição da nomenclatura. Nessa classificação, segue-se a ordem estritamente alfabética. Por se tratar de um dicionário especial, para cada entrada, Zavaglia

(2010) numerou os significados diferentes com números alceados. No verbete acima, *pena* é o lema principal e os blocos numerados equivalem aos significados distintos. Ao todo, distinguem-se três lexias com significados diferentes para o homógrafo *pena*.

Zavaglia (2010, p. VII) explicou que, no verbete, para cada variante há, “além da sua definição, a sua ilustração contextual e/ou abonação”. Ademais, para cada lema, há o gênero, a classificação gramatical, a(s) acepção (ões), variando entre uma ou mais acepções, e a abonação, com a sigla do *corpus* ao qual foi extraída.

Além dessas informações, outras também podem ser incluídas, a depender do lema. No modelo do verbete apresentado pela autora (ZAVAGLIA, 2010, p. VII), a distinção entre som fechado ou aberto e a remissão a outro verbete são informações complementares que podem ser facilmente identificadas com marcas de uso. As marcas de uso — também denominadas, segundo Fajardo (1996-1997), de marcação, marca, anotação, indicação — servem, simplificada, para facilitar a leitura e evitar ambiguidades. Para Fajardo (1996, 1997, p. 32), marcas de uso são as informações referentes às particularidades, que “restringem ou condicionam o uso das unidades léxicas. Normalmente aparecem como “etiquetas” ou “rótulos” muitas vezes em forma de abreviatura, precedendo a definição”.

No dicionário especial que estamos tratando, foram adotadas marcas de uso para tecnoletos, variação diastrática, remissão, formas figuradas e duplo gênero. Essas marcas não são obrigatórias para verbetes com formas homônimas, elas variam de acordo com a tipologia e o consulente alvo. Basta ver os verbetes do *DCP*, dicionário do tipo escolar para alunos do Ensino Médio:

pena¹ s.f. *pe-na*. 1. Cada uma das peças que cobrem o corpo das aves. *O corpo dos pássaros é coberto de penas coloridas*. 2. Pequena peça de metal que se adapta a uma caneta para escrever. *Na escrivania que fora do barão ainda estão dispostas as penas e canetas com que ele escrevia*. // pl: *penas*/ cf: pena²-pena³.

pena² s.f. *pe-na*. Castigo imposto a alguém. *O criminoso pagará uma pena de dez anos de prisão*. // pl: *penas*/ adj: *penal*/ sin: castigo, penalidade, punição/ cf: penalidade, multa, pena¹, pena³>> *não pagar a pena, não valer a pena*: não valer o esforço (pop.) > *pena capital*: condenação à morte > *pena de talião*: punição em que o criminoso (ou culpado) recebe o mesmo dano ou mal que ele infringiu a alguém > *penas eternas*: castigo que os maus recebem no inferno > *sob pena de*: com o risco de.

pena³ s.f. *pe-na*. 1. Piedade ou dó que se sente por alguém. *Tenho pena daquele pobre cego*. 2. Sofrimento, dor (lit.). *Sofrendo as penas de um amor incompreendido, ele se refugiava na solidão*. // pl: *penas*/ adj: *penoso*/ sin: (1) dó; (2) dor, sofrimento, padecimento/ ant: (2) prazer, consolação, dó², compaixão/ cf: pena¹, pena².

[DCP]

No *DCP*, publicado em 1992, Biderman apresenta três entradas para a forma homônima *pena*. Cada unidade homógrafa tem uma entrada própria e carrega, no verbete, informações sobre a divisão silábica: a sílaba tônica, as formas gramaticais (plural, adjetivo, outros) e semânticas (sinônimos, antônimos), com sigla para remissão às demais entradas homônimas.

O *DFH-PCB* se destaca desses modelos porque não é um dicionário geral, mas paradigmático ou especial. Diferentemente das obras mais tradicionais, ele dicionariza a homografia de uma forma simples e direta, e, acima de tudo, oferece uma solução ao problema do registro da homonímia quando fornece uma obra exclusivamente dedicada a esse tipo de lexia, muitas vezes esquecida nos dicionários gerais.

Por motivos de economia, comumente, a homografia fica à margem do dicionário geral para ceder espaço a outras entradas. A partir da proposta do dicionário especial, que arrola grupos lexicais específicos da língua, o número de registros do léxico específico aumenta e ainda fornece economia de espaço para a macroestrutura dos dicionários gerais.

Nos dicionários gerais de Libras, muitas unidades lexicais homônimas não são contempladas na macroestrutura. No *Novo Deit-Libras* (2012), apenas o polissêmico recebeu registro na microestrutura (LIMA, 2018). Logo, o DE também pode vir a constituir-se como uma solução para o registro da homonímia da Libras, já que as informações visuais (sistema de busca, escrita de sinais, outros) do dicionário de LS, por si só, já avolumam, em grande medida, a macro e microestrutura dessas publicações.

Na última seção deste capítulo, enfocamos o dicionário do tipo especial, dentre a vasta rede tipológica existente, com o objetivo de fornecer informações sobre as características e função desse tipo específico de dicionário; além de localizar o produto da pesquisa dentro de uma filiação lexicográfica.

3.3 Dicionário Especial: aspectos teóricos e práticos à luz da Metalexigrafia

A Lexicografia dispõe de variadas tipologias de dicionário, com características e funções distintas. A arquitetura e a metodologia de elaboração dos dicionários nem sempre são unânimes. Elas variam de acordo com os autores e o modelo de classificação adotado.

Bugeño Miranda (2014) afirma que existem três modelos para a classificação de dicionários: **1.** Impressionista ou fenomenológico: utiliza o critério de densidade macroestrutural; **2.** Funcional: baseado na função do dicionário; **3.** Imanência linguística: organizado conforme o número de línguas. Esses três critérios foram utilizados ao longo

desta seção para localizarmos as tipologias de dicionários, dentre elas o tipo Especial ou Paradigmático, objeto desta pesquisa.

A primeira classificação, a fenomenológica, utiliza critérios não linguísticos, como o tamanho do dicionário (minidicionário, dicionário de bolso, dentre outros) e o número de entradas. Na classificação de Haensch (1982), por exemplo, o dicionário geral deve cobrir todo o léxico, o padrão deve possuir mais ou menos 50 mil entradas, o escolar de 15 a 30 mil, e o infantil de 4 a 5 mil unidades lexicais. No Brasil, Biderman (1994) adota não só a mesma classificação quantitativa de Haensch (1982), como também os mesmos valores macroestruturais.

Assim como a primeira, a segunda classificação utiliza critérios não linguísticos, pois os dicionários são organizados para grupos de usuários específicos. Enquadram-se nessa classe, principalmente, os dicionários de âmbito pedagógico, tanto voltados para a língua materna como estrangeira (MIRANDA BUGUEÑO, 2014). Kuhn (1989) e Haensch (1982) são alguns dos que utilizam esse critério para categorizar dicionários.

A Imanência Linguística é a terceira e mais abrangente forma de classificação. Ela considera os aspectos linguísticos do dicionário, porém abre mão do parâmetro funcional, referente à segunda classificação. Haensch (1982), novamente, é um dos representantes dessa classificação, sendo considerado como o teórico que adota o sistema de classificação de tipologias mais completo. Para Parreira da Silva (2007), ele é o mais completo porque adota critérios (oito)²⁹ claros e bem definidos, além de ser o que listou o maior número de obras lexicográficas.

Dentre os tipos de dicionários classificados por Parreira da Silva (2007), com base no sistema de classificação da imanência linguística, consta o dicionário do tipo paradigmático³⁰ ou especial³¹, também chamado de funcional³². A discussão sobre essa tipologia é bastante complexa e sua aplicação prática varia de acordo com os interesses e a tradição lexicográfica de cada lexicógrafo. Biderman (1984), Rey- Debove (1971 *apud* PARREIRA DA SILVA, 2007) e Hausmann (1985 *apud* WELKER, 2004) são alguns daqueles que trabalham com a mesma noção de dicionário especial de Haensch (1982), o qual estabelece que os dicionários especiais são aqueles que servem para documentar

²⁹ Haensch adota oito critérios classificatórios quanto ao: formato, caráter, sistema, número de línguas, seleção do léxico, material, finalidades, meio ou suporte (HAENSCH, 1982).

³⁰ Terminologia adotada por Haensch (1982), Martínez de Sousa (1995) e Hausmann (1985).

³¹ Terminologia adotada por Rey-Debove (1971) e Biderman (1984).

³² Terminologia adotada por Haensch (1982).

“várias classes (definidas de diferentes maneiras) de sinônimos; por exemplo, dicionários de ortografia, dificuldades, provérbios, etc.” (HAENSCH, 1982, p. 99)³³.

Conforme as palavras de Haensch, o dicionário especial registra o léxico específico pertencente a uma classe específica da língua: sinônimos, antônimos, regências e, claro, a unidade lexical homônima. Hausmann (1985 *apud* WELKER, 2004) é o teórico que aprofunda o assunto e fornece o maior número de exemplos de dicionários especiais. Ele foi além dos demais e dividiu essa tipologia em cinco grupos, quais sejam: 1. dicionário sintagmático (de construções, colocações, expressões idiomáticas/fraseologismo, de provérbios, de citações e de frases); 2. dicionário paradigmático (de sinônimos, de antônimos, homônimos e/ou parônimos, dentre outros); 3. dicionário de lexemas específicos (neologismos, arcaísmos, regionalismos, dentre outros); 4. dicionário de outros tipos específicos de lemas (nomes coletivos, nomes próprios, de radicais, afixos e palavras compostas etc.); 5. dicionário especial com determinados tipos de informações (ortográficas, de pronúncia, de flexão, dentre outras).

Haensch (1982) e Biderman (1984) preferem não trabalhar com uma lista tão extensa como a de Hausmann. Eles limitam-se apenas ao segundo grupo, o dos paradigmáticos. Ao falar no Dicionário Especial, Biderman (1984, p.15) diz que os “dicionários especializados sobre aspectos particulares da LP não são raros”, e ainda cita uma série de obras dessa natureza, publicadas no século passado, da década de 1940 em diante. Esse tipo de dicionário não se limita ao passado, eles continuam sendo publicados, em áreas cada vez mais especializadas da língua. Para fins de exemplificação, foi elaborada uma tabela com algumas obras dessa tipologia publicadas no Brasil entre os séculos XX e XXI.

³³ Original da tradução: “Em muchos idiomas existen, sin embargo, diccionarios especiales para varias clases (definidas de diferente manera) de sinmonemas; por ejemplo, diccionarios de fraseologia, diccionarios de modismo, dicionários de refranes, etc” (HAENSCH, 1982, p. 99).

Tabela 1: Dicionários Especiais – Séc. XX e XXI

<i>Dicionários Especiais</i>					
Século XX			Século XXI		
Obra	Autor	Ano	Obra	Autor	Ano
Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa	Agenor Costa	1954	Um Significado só é Pouco: Dicionário de Formas Homônimas do Português Contemporâneo do Brasil	Claudia Zavaglia	2010
Dicionário de Sinônimos e Antônimos	Francisco Fernandes	1974	Dicionário de Verbos da Língua Portuguesa	Vera Cristina R. Feitosa e equipe	2011
Dicionário de Verbos e Regimes (com várias edições e reimpressões)	Francisco Fernandes	1940 a 1968	Dicionário de Regência nominal Portuguesa	Carvalho Alfredo de Garnier	2007
Dicionário Gramatical do Português Contemporâneo	Borba e equipe	1990	Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa	Carlos Alberto de Macêdo; Rocha Carlos Eduardo Penna de M.	2011

Fonte: Elaboração própria com dados parciais de Biderman (1984).

Na tabela, os dicionários listados possuem diferentes aspectos linguísticos e compõem subgrupos mais específicos da língua (sinônimos, locuções, regência verbal, substantivos, adjetivos, outros). Dentro do corte sincrônico, entre a última e a primeira década dos séculos XX e XXI, esse tipo de produção permaneceu sendo publicada, proporcionalmente, por igual número de títulos. Isso leva a crer que o dicionário especial continua sendo uma boa solução para registrar grupos específicos da língua.

O dicionário especial não pode ser confundido com o tipo Especializado, Científico e/ou Técnico. Ambos pertencem a domínios distintos, pois o primeiro é produto da Lexicografia, enquanto o segundo, da Terminologia. O dicionário científico se refere àqueles “dedicados a um domínio de conhecimento, que não a linguagem” (BIDERMAN, 1984), como a medicina, mecânica, biologia e vários outros.

Esse tipo de obra, de referência terminológica ou técnica-científica, seleciona seus objetos com critérios específicos e registra os termos de uma área, considerando sua importância conceitual. Assim, embora considerem, também, a frequência de uso, o conceito é o princípio chave desses dicionários.

No campo linguístico, também é preciso ter cuidado com alguns posicionamentos teóricos que divergem do conceito de dicionário especial apresentado por nós até o momento. Welker (2004) é um dos adeptos de outra aplicação e definição para dicionário especial. Sua posição teórica parece basear-se em Hartmann & James (1998 *apud* WELKER, 2004), que optam por dividir os dicionários em apenas dois grandes grupos: **grupo 1:** Dicionário Geral; **grupo 2:** Dicionário Especial. Essa proposta determina que apenas um tipo de dicionário seja considerado geral e todos os demais, especiais.

Conforme essa concepção, Welker (2004, p. 43, grifo do autor) diz que o dicionário geral:

Se caracteriza por ser alfabético, sincrônico, da língua contemporânea, arrolando sobretudo os lexemas da língua comum. Desse modo, são considerados dicionários especiais os históricos, os diacrônicos, os onomasiológico, etc. Nos gerais, devemos distinguir entre os seletivos, isto é, aqueles que registram os lexemas realmente em uso (como o DUP ou Borba 2004) e aqueles muito extensos, às vezes chamados de *tesouros*, que incluem numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum, como o *Aurélio*, *Michaelis*, *Houaiss*, que, além de *tesouros*, podemos denominar *gerais extensos*. Embora a definição de geral se aplique aos dicionários para aprendizes, estes se destacam por dirigirem-se a um determinado público e por apresentarem certas características que os diferenciam dos “comuns”.

Nessa tradição lexicográfica, todo dicionário que possui outra função que não seja registrar o léxico comum da língua é um dicionário especial (posicionamento teórico não adotado aqui). Logo, se as escolhas teóricas desta pesquisa não se filiam às de Welker (2004), a concepção de dicionário especial utilizada ao longo deste trabalho está de acordo com a de Haensch (1982) e Biderman (1984).

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA PARA ORGANIZAÇÃO DO VERBETE

Neste capítulo, apresentamos os principais pressupostos teóricos e metodológicos que orientaram esta pesquisa, além da seleção do *corpus* e os procedimentos metodológicos. Ao longo do trabalho, à medida que a teoria foi sendo discutida, elencamos informações sobre algumas escolhas e filiações da pesquisa, como a definição adotada para homonímia, dicionário especial, macroestrutura e microestrutura, além do critério distintivo eleito para a distinção da homonímia.

4.1 Seleção do *corpus* lexicográfico

Sendo a Lexicografia muito mais do que uma técnica, mas uma ciência, o trabalho com dicionários deve ser, como pontua Zavaglia (2012), bem delimitado e embasado em critérios científicos desde a identificação da unidade lexical e a sua forma de recolha até à delimitação da macro e microestrutura.

Nesta pesquisa, a unidade lexical valorizada foi a lexia simples homônima, recolhida nas obras lexicográficas de referência do país, como o *DV-Libras* (2005), *Deit-Libras* (2001) e o *DLSB* (2017). Para exemplificar o modelo do verbete da pesquisa, foram recolhidos até cinco grupos de significantes homônimos (com dois a três significados), equivalentes ao total de treze lexias. O recorte sincrônico considerado no trabalho foi o orientado por Biderman (1984), equivalente ao espaço de uma geração, ou seja, trinta anos. Inicialmente, o *corpus* foi coletado no *Dicionário Virtual da Língua Brasileira de Sinais (DV-Libras)* (versão 2.0). A versão de 2005 foi escolhida em detrimento das outras duas versões mais recentes (2.1 e 3.0) porque a versão 2.1 é uma cópia da primeira, e porque a metodologia empregada para atualização do vocabulário da versão 3.0 não foi divulgada³⁴.

Na primeira coleta, foram registrados três pares/trios de significantes homônimos (ver Apêndice B) e a essa lista foram acrescentados outros dois grupos de homônimos, retirados do *Deit-Libras* (ver Apêndice C) e do *DLSB* (ver Apêndice D), como os sinais: **MINUTO/MATEMÁTICA/MARANHÃO** e **DIREITO/DEFICIÊNCIA**. Para

³⁴ Segundo depoimento pessoal de Felipe (pesquisadora que criou a metodologia de pesquisa e coordenou o trabalho de pesquisa das equipes), essas duas últimas versões, disponíveis apenas no site da empresa *OCIP Acessibilidade Brasil*, não tiveram a sua participação e nem autorização para uso do material de pesquisa desenvolvido nas versões anteriores. Por isso, a autora diz não se responsabilizar pelo conteúdo destas últimas produções.

complementar o repertório, foram incorporados, ao *corpus*, os homônimos MÃE (variação do RS e SC)/BISCOITO, retirados das pesquisas de Soares (2013, p. 69), com a intenção de fornecer as formas homônimas menos difundidas no território nacional, mas que também compõe a língua por variação regional.

Ao final, após a identificação das unidades homonímias pela análise sêmica (Apêndices de E à I), todos os sinais foram inventariados, numerados com base na Tabela de CM da Libras, disponível no *DV-Libras*, versão 2.0 (FELIPE e LIRA, 2005). A lista final a que chegamos foi a seguinte:

Tabela 2: Repertório de lexias homônimas da pesquisa

Nº	SIGNIFICANTE/ (ESCOPO REGIONAL)	CM		ENM
		MP CM1/CM2	MS CM1/CM2	
01	MÃE BISCOITO	12		
02	SÁBADO LARANJA	48/01		distintas
03	SENTIR BAHIA JEITO	14		
04	DIREITO DIRETOR DEFICIÊNCIA	11		
05	MINUTO MATEMÁTICA MARANHÃO	58		

Fonte: Autoria própria.

A ilustração dos sinais da tabela acima e das demais que constam neste trabalho foi criada e desenvolvida pela colaboradora da pesquisa, Maria Helena Novakoski Costa da Silva, estudante do curso de Bacharelado em *Desing*, da UFSC. As fontes materiais do acervo histórico do Instituto Nacional de Educação do Surdo – INES também trouxeram valiosa contribuição para a pesquisa. Elas forneceram subsídios para a organização e registro histórico da produção lexicográfica no Brasil, bem como para a análise da macro e microestrutura de algumas dessas obras, auxiliando-nos nas decisões lexicográficas da pesquisa.

4.2 Procedimentos lexicográficos: fases e etapas

O trabalho de registro, recolha e transcrição do léxico da LS é uma tarefa que requer acuidade. É preciso ter amplo domínio da Língua, gramática, programas de transcrição e, acima de tudo, manter-se imerso em situações de uso junto à comunidade surda.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa (propor um modelo de verbete para dicionário do tipo especial reservado a unidade lexical homônima), o trabalho foi organizado com base nos preceitos da: (i) Lexicologia – com foco nas contribuições à produção lexicográfica, ao estudo do léxico da Libras, nas dimensões da estrutura e do significado; e da (ii) Lexicografia (associada à Metalexigrafia) – com o objetivo de levantar o percurso histórico da produção lexicográfica da Libras e conhecer as decisões científicas e metodológicas dos trabalhos lexicográficos consolidados na área até o presente.

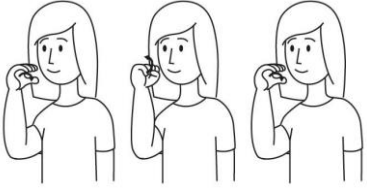
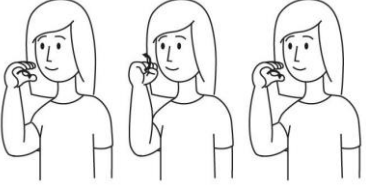
A metodologia empregada foi baseada, parcialmente, na utilizada no *Dicionário Virtual de Libras do INES* (FELIPE e LIRA, 2005). Os trabalhos lexicográficos de Zavaglia (2010) e Durão *et al* (2014) também influenciaram a pesquisa na etapa de construção da microestrutura padrão do verbete.

Ao todo, foram desenvolvidas duas etapas, cada uma com suas respectivas fases. A primeira etapa foi composta por três fases, quais sejam: 1. Decisões introdutórias (público, tipo de lexia e tipologia lexicográfica); 2. Coleta do *corpus* em dicionários (*DV-Libras*, *Deit-Libras*, *DSL*) e em pesquisa acadêmica, seguida do registro e catalogação dos sinais; e 3. Análise sêmica das homonímias coletadas nos *corpora*. Já a segunda etapa, propriamente lexicográfica, foi dividida em duas fases, tais como: 1. Composição do verbete: pesquisa e elaboração das informações lexicais e semântico-pragmáticas das entradas, definição das marcas de uso, referentes gráficos, ilustração dos sinais e formatos das mãos; e 2. Aplicação do repertório e dados ao modelo proposto pela pesquisa.

4.3 Análise sêmica do *corpus*

Para dar prosseguimento ao trabalho, também foi necessário, em segundo lugar, fazer a identificação das unidades homônimas pela análise sêmica. Por meio desse trabalho, junto ao primeiro, catalogamos apenas os sinais homônimos. No escopo desta proposta, seguem a análise dos traços sêmicos de alguns dos sinais do repertório. A análise completa de todos os sinais está disponível nos Apêndices de E a I.

Quadro 5: Análise sêmica do par SÁBADO/LARANJA

UNIDADES LEXICAIS		Análise Sêmica	
		SÁBADO [+dia semana] [+contável] [+semanal] [-concreto]	LARANJA [+fruta] [+alimento] [+inanimado] [+contável] [+concreto]
SÁBADO	LARANJA		

Fonte: Autoria própria.

No quadro acima, os sinais SÁBADO (dia da semana) e LARANJA (fruta) não demonstraram possuir nenhuma relação sêmica. Além disso, ambos são fonologicamente idênticos (com exceção da ENM que pode se diferenciar de acordo com o contexto): 02 fonemas de CM (CM inicial – n. 48 e CM final – n. 01), M do tipo interno com abertura e fechamento das mãos, OR para o lado direito (caso a mão esquerda seja a dominante), L na região em frente à boca, e possuem a mesma classe gramatical, tratando-se, portanto, de homônimos lexicais perfeitos. No *DLSB*, a descrição desses sinais confere com a da pesquisa. Nele, os autores descrevem os sinais da seguinte forma:

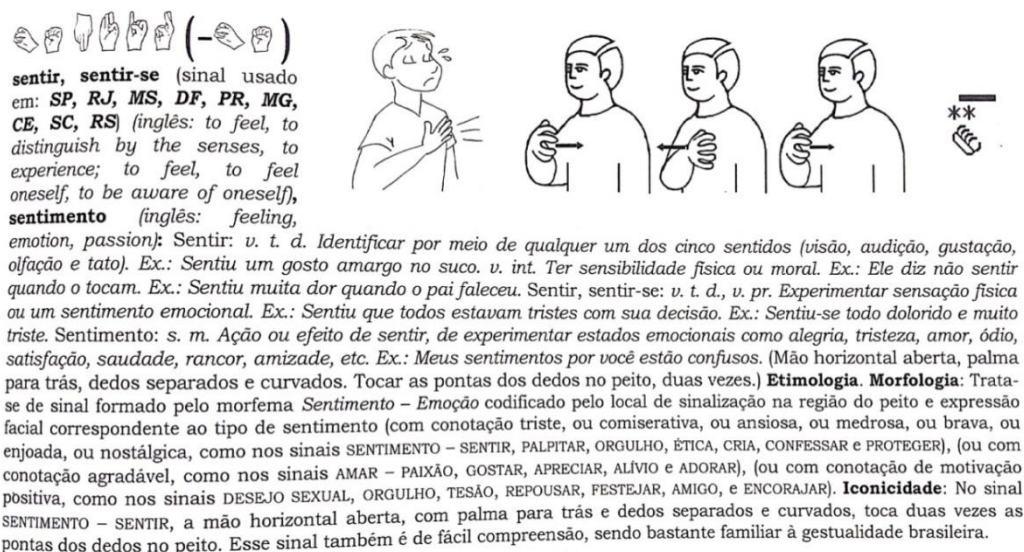
SÁBADO: “Mão em S vertical, palma para a esquerda, diante da boca. Abrir e fechar a mão ligeiramente” (CAPOVILLA *et al*, 2017, p. 2201).

LARANJA: “Mão em S vertical, palma para a esquerda, diante da boca. Abrir e fechar a mão ligeiramente” (CAPOVILLA *et al*, 2017, p. 1543).

O paralelismo entre a convergência fonética e a divergência semântica de pares ou grupos de palavras é complexo. Os homônimos imperfeitos SENTIR/BAHIA participam de uma atividade linguística dessa natureza, sendo, ao mesmo tempo, unilaterais (mesmo significante com ressalva para a diferença entre às ENMs) e bilaterais (sincronicamente com significados opostos).

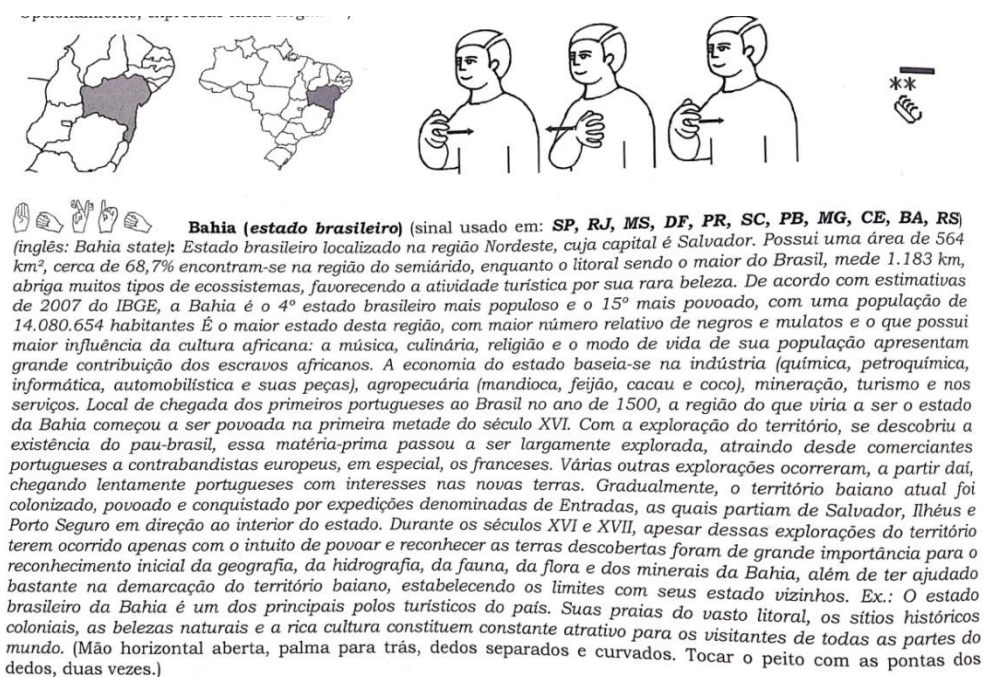
Num primeiro olhar sobre os verbetes do verbo SENTIR e do substantivo BAHIA, a ilustração e a escrita dos sinais (destacada com um círculo em vermelho) já oferecem indícios de que se está diante de novas unidades homônimas. Além de possuírem ilustração e escrita idêntica, têm classes gramaticais completamente opostas e não possuem nenhuma relação sêmica; indicando um caso de homonímia semântica, do tipo imperfeita, porque, se aplicadas ao contexto de uso, a ENM poderá variar.

Figura 56: Sinal SENTIR



Fonte: (CAPOVILLA *et al*, 2017, p.2253).

Figura 57: Sinal BAHIA

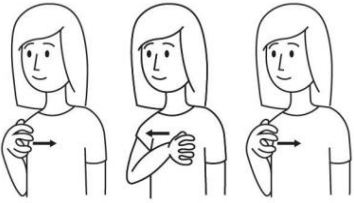
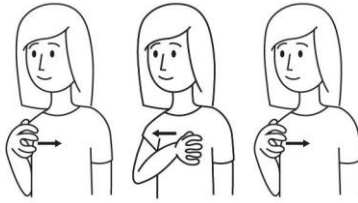


Fonte: (Capovilla *et al*, 2017, p. 470).

Uma leitura atenta e comparativa entre os trechos dos verbetes sublinhados nas cores verde e vermelho permite perceber que ambos os sinais possuem CM, PA/L, OR, M idênticos. O trecho “duas vezes” indica que o M ilustrado no sinal ocorre duas vezes, acompanhado da CM de nº 14, com PA/L no peito e OR para trás.

Na dimensão sincrônica e semântica, SENTIR (relacionado à percepção sensitiva e emocional) e BAHIA (estado brasileiro) não se justificam como polissemicos, dada a natureza divergente dos seus semas: “abstrato” x “concreto”, “lugar” x “sentimento”, como se ver no ..4quadro abaixo:

Quadro 6: Análise sêmica do par SENTIR/BAHIA

UNIDADES LEXICAIS		Análise Sêmica	
 <p>SENTIR</p>	 <p>BAHIA</p>	<p>SENTIR</p> <p>[+abstrato] [+inanimado] [+órgãos sentido] [+sentimento]</p>	<p>BAHIA</p> <p>[+lugar] [+concreto] [+espaço geográfico] [+estado]</p>

Fonte: Autoria própria.

Como toda língua, a Libras é influenciada por comunidades surdas de diferentes países, estados e até mesmo cidades vizinhas. A partir do contato entre grupos linguísticos e culturais geograficamente diferentes, surgem novas palavras que se cristalizam no seio da comunidade como formas distintas. A variação MÃE, por exemplo, utilizada nesta pesquisa, foi ilustrada também no estudo sobre a ambiguidade, polissemia e homonímia da Libras desenvolvido por Soares (2013). Abaixo, inserimos o recorte da ilustração do sinal retirado da dissertação do pesquisador:

Figura 58: Sinal MÃE (variante diatópica do RS e SC)



MÃE₂: Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos.

Fonte: (SOARES, 2013, p. 126).

Na análise sêmica desenvolvida por Soares (2013), esse lexema é formado pelos semas [+substantivo], [+animado], [+humano], [+sexuado]; enquanto BISCOITO (ver Figura 58) é constituído pelos semas [+substantivo], [-animado], [-humano], [-sexuado]. Na aplicação sintática, realizada por sinalizante surdo e registrada em vídeo, o pesquisador (p. 107) transcreveu e traduziu o uso dos sinais da seguinte forma:

Transcrição n. 11:

COMER BISCOITO COMER-COMER COMER-BISCOITO BOM QUANDO
<AMIGO ENCONTRAR CONVERSARb>do AGUARDAR ESPERAR EU
IX<aLIGARb>do MÃE.

Tradução n.11:

Estava comendo um biscoito tranquilamente, logo encontrou seu amigo, após conversarem, solicitou que aguardasse, pois precisava ligar para sua mãe.

Os significantes (MÃE/BISCOITO) aplicados no discurso acima são potencialmente ambíguos. Isso significa que quando o contexto não for suficiente para o interlocutor, haverá o conflito causado pela ambiguidade. Nesse momento, pistas sobre o contexto e exemplos de uso são fundamentais para auxiliar na desambiguação.

A análise sêmica dos demais sinais está disponibilizada nos Apêndices desta pesquisa, a fim de comprovar a legitimidade do *corpus* utilizado para ilustrar o modelo da pesquisa.

4.4 Primeiras decisões metodológicas para a constituição do verbete: macroestrutura parcial

Para alcançar o produto final desta pesquisa, foi necessário, antes, conhecer e comparar a organização da macro e microestrutura de alguns dicionários da LS do Brasil e de outros países. A intenção foi refletir sobre as obras e valorizar as decisões lexicográficas que pudessem favorecer a agilidade da busca, e facilitar a leitura do verbete.

A análise de glossários e dicionários da biblioteca histórica do INES, *Linguagem de Sinais: as mãos também falam* (INES, [1856]); *Comunicando com as mãos* (INES, [1856]); *Gestuário de Língua Gestual Portuguesa* (FERREIRA, 1999); e *Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001), bem como do acervo próprio da pesquisadora, *Novo Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012); *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil* (CAPOVILLA, et al, 2017); *Dicionário Ilustrado de Libras* (BRANDÃO, 2011), *Iconographia dos Signaes dos Sirdos-Mudos* (GAMA, 1875); *Iconographie designes, avec des notes explicatives* (PÉLISSIER, 1856); *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969); e *Libras: a imagem do pensamento* (KOJIMA; SEGALA, 2012), levaram-nos a concluir que a macroestrutura dos dicionários impressos das LSs seguem o mesmo preceito de macroestrutura utilizada na lexicografia das LFs: “entradas que possuem uma leitura vertical parcial”³⁵ (CARBALLO, 2003, p. 81). Essa opção parece ter sido a preferida entre as obras, possivelmente, porque a estrutura linear facilita a hierarquização e sequenciação dos verbetes nas obras de suporte impresso.

Nos dicionários em suporte digital, as noções de linearidade e sequencialidade foram reduzidas e sobrepostas pelos conceitos de espacialidade topográfica³⁶, fragmentariedade³⁷, multacentramento³⁸, multissemiótica³⁹, interatividade⁴⁰, intertextualidade⁴¹. A redução da linearidade para a organização dos verbetes não pressupõe um amontoado aleatório de fragmentos textuais. Logo, não é possível falar em completo abandono da linearidade na macroestrutura das obras que usam esse suporte.

³⁵ No original: “entradas que posee una lectura vertical parcial” (CARBALLO, 2003, p. 81).

³⁶ Espaço não-hierarquizado de escritura/leitura, de limites indefinidos (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

³⁷ Aquilo que não possui um centro regulador imanente (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

³⁸ Não linearidade, à possibilidade de um deslocamento indefinido de tópicos (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

³⁹ Lida com diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais, etc.) numa mesma face de leitura (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

⁴⁰ Possibilidade de interação entre o usuário e máquina (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

⁴¹ Possibilidade de ter um texto simultâneo (hipertexto), fundido e sobreposto por inúmeros textos acessíveis a um clique de mouse (Cf. KOCH, 2007, p. 25).

Sabemos que a microestrutura organizada em suporte digital oferece variadas possibilidades ao lexicógrafo e ao consulente. Mesmo organizada por nó, em blocos de informações conectadas, a nomenclatura desse material pode ser **mista** (onomasiológica e semasiológica), **uni** ou **multivalente** (ordem alfabética, paramétrica e por assunto). O *Glossário de Libras* da UFSC, por exemplo, usa uma única direção (semasiológica) com ordenação bivalente (ordem alfabética e paramétrica). Já o *DV-Libras* é misto (semasiológica e onomasiológica) e multivalente (ordem alfabética, paramétrica e por assunto), conforme visto no capítulo 1, item 1.2.

Apesar das contribuições e facilidades do dicionário digital, optou-se pelo verbete impresso porque a fonte em papel ainda é a mais segura, não está sujeita as fragilidades de acesso à internet e às rápidas mudanças e atualizações de sistemas e programas. Além disso, a inclusão digital ainda não alcança toda a sociedade brasileira, inviabilizando o acesso ao material. Apesar disso, concordamos que o dicionário digital fornece maior clareza sobre a execução do sinal, visto que pode ser visualizado simultaneamente. No entanto, como o objetivo do verbete não é fornecer instruções sobre articulação fonética do sinal, mas dar informações sobre a classificação gramatical, significados distintos e usos, acreditamos que o suporte impresso atenderá ao nosso objetivo.

Diante disso, para iniciar o trabalho de elaboração do modelo do verbete da pesquisa, foi preciso, antes, definir o suporte sobre o qual projetaríamos a macroestrutura, uma vez que decisões como essas influenciam diretamente na composição do verbete. Mediante a escolha pelo suporte impresso, definimos, para a macroestrutura, a orientação semasiológica e a ordenação univalente paramétrica (baseada nos parâmetros da Libras). Isso porque, se o consulente partir do significante para encontrar os significados das formas homônimas, a ordenação semasiológica será a mais adequada.

A CM e a L foram escolhidas como as unidades paramétricas do sistema de ordenação e busca do sinal-entrada. Essa decisão está diretamente ligada à entrada do verbete que deverá ser o próprio sinal e a sua respectiva escrita em SignWriting.

As discussões sobre a proposta e a apresentação do produto desta pesquisa (verbetes para Dicionário Especial de Formas Homônimas da Libras) foram desenvolvidas no **Capítulo 5**. O produto que por ele será apresentado destina-se, especialmente, ao tradutor/intérprete Libras/LP, a professores bilíngues (surdos e ouvintes) da disciplina de Libras como L1 e L2, a intérpretes educacionais, ao surdo bilíngue L1-L2, como também a

profissionais ou membros da comunidade surda que trabalham com essa Língua nas áreas de Arte, Literatura, Comunicação Jornalística ou Midiática.

CAPÍTULO 5

PROPOSTA DO VERBETE

Todas as discussões elaboradas ao longo desta dissertação no âmbito da Lexicografia, com interface entre a Lexicologia, Fonologia e Semântica Lexical (com foco na homonímia), tiveram o objetivo de solidificar as bases para a elaboração da proposta deste trabalho. Decerto, este capítulo converge com todos os estudos e discussões anteriores, e justifica a organização e orientação do modelo do verbete.

Em concordância com a definição de homonímia expressa por Biderman (1984) e Zavaglia (2011), apenas foram lematizados os sinais com mesmo significante e sem semas em comum, fossem homonímias perfeitas ou imperfeitas (SOARES, 2013).

5.1A proposta da microestrutura abstrata e o sistema de indexação da macroestrutura

Como visto no capítulo 3, seção 3.2, a microestrutura corresponde às informações do verbete após a entrada, que deve estar em concordância com um padrão aplicável a qualquer entrada da macroestrutura, com marcas de usos, fontes, cores, local, ilustração, entre outros, organizados de forma constante. No caso, para o grupo de unidades lexicais tratadas na pesquisa (homonímia), foi elaborado um modelo estável e uniforme próprio, já que cada grupo específico da língua (verbo, sinônimos, polissemia, outros) demanda uma proposta particular com informações e objetivos específicos adequados ao seu público-alvo (WIEGAND, 1989 *apud* WELKER, 2004).

Logo, seguindo Barbosa (1996), a microestrutura de base do modelo desta pesquisa adotou a seguinte estrutura: *entrada + equivalente em escrita de sinais + enunciado lexicográfico*. A entrada definida para o verbete foi o próprio sinal, elaborado no *Adobe Illustrator* em forma de desenho⁴². Essa escolha foi uma tentativa de reverter um problema histórico e universal de quase a totalidade dos dicionários de LS impressos, ou seja, a indexação pela ordem alfabética da língua escrita do país de publicação (DUDUCHI; CAPOVILLA, 2006).

Concordamos com Duduchi e Capovilla (2006) quando dizem que:

⁴² A ilustração da entrada em forma de desenho é uma possibilidade, dentre outras formas. Ela pode ser revista e alterada, futuramente, mediante a avaliação e indicação do público-alvo da proposta do verbete do dicionário.

Tal estratégia de apresentar os sinais pela indexação alfabética dos verbetes escritos é muito conveniente para o ouvinte leitor que, assim pode obter acesso aos sinais das Línguas de Sinais dos surdos a partir do registro escrito da sua própria língua falada (i.e., da língua desse leitor ouvinte). Entretanto, tal estratégia é muito menos apropriada para o principal interessado, já que permite ao surdo obter um acesso apenas indireto à sua própria língua (DUDUCHI; CAPOVILLA, 2006, p. 21).

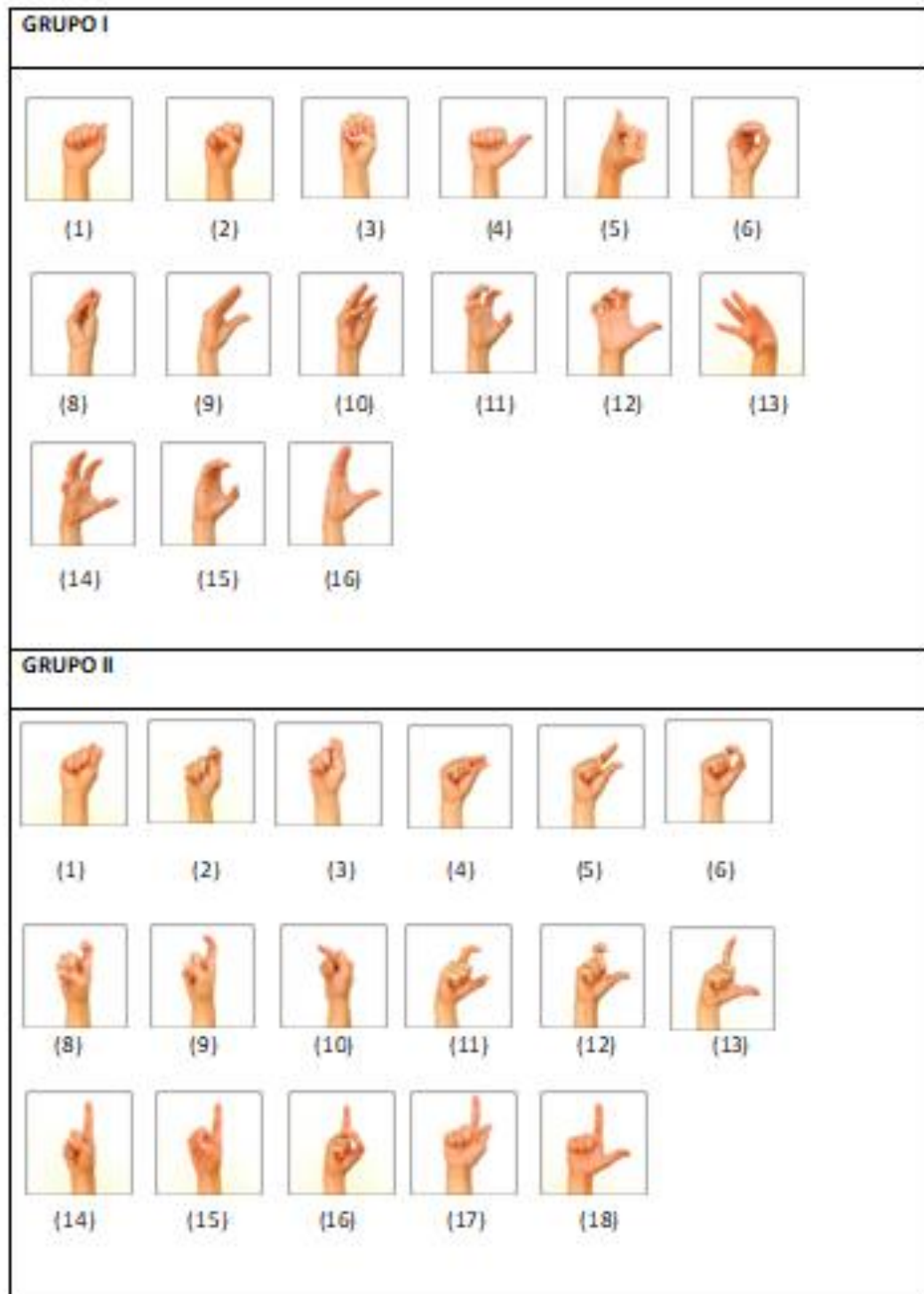
Por isso, para resolver a questão e organizar o sistema de indexação a partir da LS, antes foi preciso descobrir quais elementos fonológicos do sinal forneceriam um *continuum* e, ao mesmo tempo, quais unidades eram mais distintivas para o principal consulente, o surdo.

Em um estudo sobre a segmentação do sinal, Brentari e Wilbur (2006) concluíram que os sinalizantes natos de diferentes LSs são mais sensíveis às mudanças de CMs na alternância entre os sinais num enunciado, do que aos demais parâmetros fonológicos. Em seus resultados, os pesquisadores concluíram que a “CM é especial. Os sinalizantes prestam mais atenção a ela na segmentação da palavra, do que os não-sinalizantes” (BRENTARI; WILBUR, 2006, p. 61). Além dela, o M e a L também se destacam dentre os demais parâmetros. Conforme os autores, entre esses últimos, os sinalizantes prestam atenção primeiro no M e depois na L.

Considerando a complexidade do parâmetro M, a variedade de formas e execuções, o pouco estudo e a dificuldade de se estabelecer um *continuum* para eles, optamos por trabalhar com um projeto de indexação baseado na CM e L.

Desse modo, para registrar os sinais como entrada e gerar o sistema de indexação, antes foi preciso analisar, ordenar e identificar as CMs do *corpus* da pesquisa com base no “configureto” (sistema de ordenamento paramétrico das CMs), proposto por Faria- do-Nascimento (2009). Considerando a quantidade de alofones na tabela dessa autora, optamos por aplicar esse sistema de ordenação ao inventário 64 CM, de Felipe e Lira (2005).

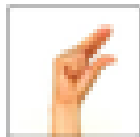
Quadro 7: Configureto aplicado às 64 CM de Felipe e Lira (2005)



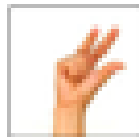
GRUPO III



(1)



(2)



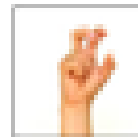
(3)



(4)



(5)



(6)



(1)



(2)

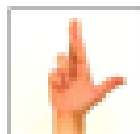


(3)

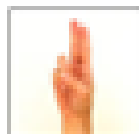
GRUPO IV



(1)



(2)



(3)

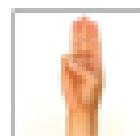


(4)



(5)

GRUPO V

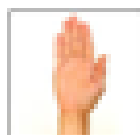


(1)

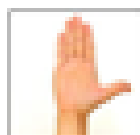


(2)

GRUPO VI



(1)

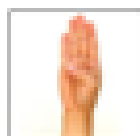


(2)



(3)




















GRUPO VII



(1)



(2)

GRUPO VIII					
					
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
					
(7)	(8)				
GRUPO IX					
					
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
					
(7)					
GRUPO X					
					
(1)	(2)	(3)	(4)		

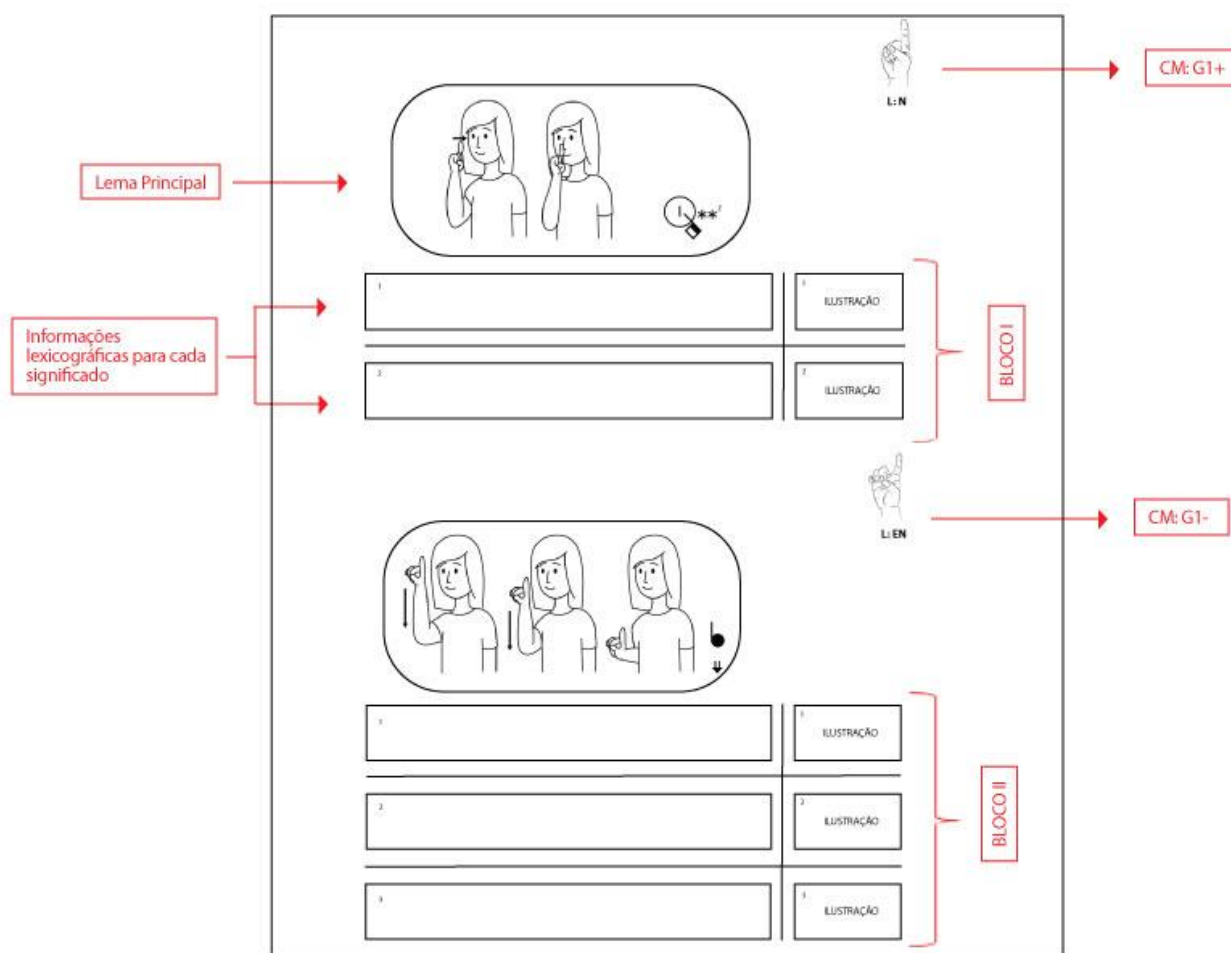
Fonte: Autoria própria, segundo Felipe e Lira (2005).

A ordenação das CMs, com base nesse sistema, foi imprescindível para a classificação das entradas e ordenação dos lemas. As entradas foram pensadas para serem

ordenadas por agrupamentos (ver Figura 59), tanto na macro como na microestrutura. Esse tipo de arranjo, fornecido por Wiegand (1983 *apud* WELKER, 2004), organiza-se por blocos. Dentro de cada bloco ou nicho, como Welker (2004) prefere chamar, colocam-se os verbetes relacionados a CM e a L, organizados em ordem paramétrica.

Para ordenar as subentradas, também foi necessário adotar um padrão sistemático de ordenação paramétrica. Nesse momento, a CM funcionou com o principal elemento regulador e a L como o segundo.

Figura 59: Hierarquização dos verbetes



Fonte: Autoria própria.

Como mostra a imagem, as entradas sequenciadas pertencem ao mesmo grupo de CM. Nesses casos, a ordenação das entradas se guiou pelo critério de abertura e fechamento (da mais fechada para a mais aberta) e semelhança entre as CMs. Além disso, considerando que o sinal pode ser feito com uma ou duas mãos, em diferentes situações (duas mãos iguais, duas mãos diferentes, formato inicial e final iguais, formato inicial e

final diferentes), optamos por ordenar tais variações de acordo com a distribuição proposta por Faria- do- Nascimento (2009):

Quadro 8: Ordenação das CMs quanto ao número de mãos

(a) 1Mão ($CM_{inicial} = CM_{final}$) ⇔ ULs articuladas com uma mão. A CM inicial é idêntica à CM final.
(b) 1M ($CM_{inicial} \neq CM_{final}$) ⇔ ULs articuladas com uma mão. A CM inicial é diferente da CM final.
(c) 2M ($CM_{inicial} = CM_{final}$) ⇔ ULs articuladas com duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos). A CM inicial pode ser igual à CM final.
(d) 2M ($CM_{inicial} \neq CM_{final}$) ⇔ ULs articuladas com as duas mãos com CMs duplicadas (idênticas nas duas mãos). Entretanto, a CM inicial pode ser diferente da CM final.
(e) 2M (CMs \neq) ⇔ ULs articuladas com as duas mãos com CMs diferentes. Esse é, normalmente, o caso de construções com morfemas-base.

Fonte: (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 225).

No caso das unidades lexicais DIREITO (mão inicial = mão final) e SÁBADO (mão inicial \neq mão final), a ordenação dessas entradas na macroestrutura seguiria a ordem: DIREITO > SÁBADO.

Enquanto o inventário das CMs são múltiplos e diferem de autor para autor, entre as LSs, os “inventários de Localização (L) e Movimentos (M) não são estudados” (BRENTARI; WILBUR, 2006, p. 52). Por isso, para organizar um sistema de ordenação paramétrica para a L, adotamos o modelo de classificação (ver Anexo A) de Liddell & Jonhson (1989) (doravante L&J), que divide o corpo em áreas e subáreas identificadas por siglas com pontos ilustrados no corpo (detalhadas no Capítulo 2, subitem 2.1.1.2), como se fosse uma espécie de mapa de Locações.

Para proceder com a adaptação desse mapa para a Libras, antes, foi necessário conferir os Quadros (Anexo B) de locações do corpo e da mão passiva (Anexo C) da Libras, elaborado por Xavier (2006) e Faria-do-Nascimento (2009), e tomá-los como base para agrupar e gerar a sigla de cada região, inclusive da mão passiva, não contemplada no quadro original de L&J (1989). Ao final, chegou-se a Tabela a seguir:

Tabela 3: Locações no corpo e mão passiva

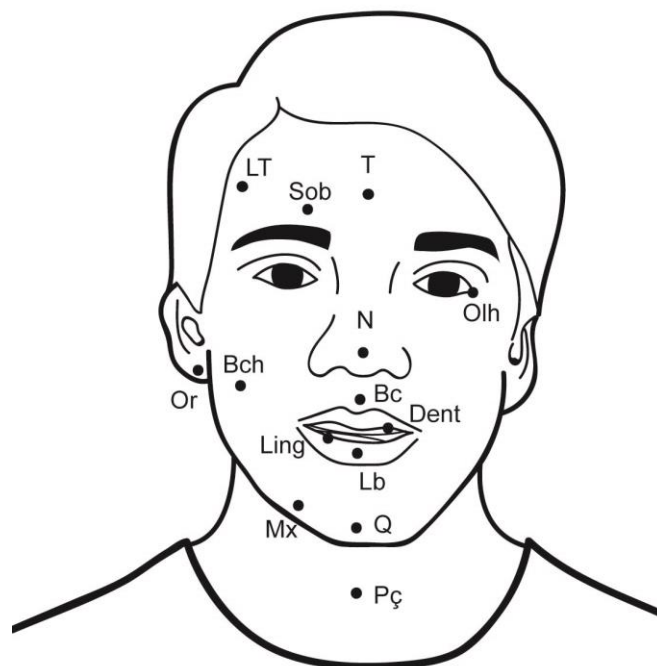
ÁREA	SUBÁREA	SIGLA
CABEÇA	<i>Posterior da cabeça</i>	PC
	<i>Topo da cabeça</i>	TC

	<i>Testa</i>		T
	<i>Lado da testa</i>		LT
	<i>Nariz</i>		N
	<i>Bochecha</i>		Bch
	<i>Orelha</i>		Or
	<i>Boca</i>		Bc
	<i>Lábio</i>		Lb
	<i>Maxilar</i>		Mx
	<i>Queixo</i>		Q
	<i>Pescoço (atrás)</i>		Pç
	<i>Nuca</i>		Nc
	<i>Sobrancelha</i>		Sob
	<i>Olhos</i>		Olh
	<i>Dentes</i>		Dent
	<i>Língua</i>		Ling
TRONCO	<i>Ombro</i>		Omb
	<i>Esterno</i>		Est
	<i>Peito</i>		Pt
	<i>Tronco</i>		Tr
	<i>Abdômen</i>		Abd
	<i>Cintura</i>		Cint
	<i>Região pélvica</i>		RP
	<i>Quadril</i>		Quad
	<i>Costas (parte alta)</i>		Calt.
	<i>Costas (parte baixa)</i>		Cbaix.
BRAÇO	<i>Braço parte superior (externo)</i>		Bs.ext.
	<i>Antebraço externo</i>		Ant. ext.
	<i>Braço parte superior (interno)</i>		Bs.int
	<i>Antebraço interno</i>		Ant.int.
	<i>Cotovelo</i>		Ct
	<i>Pulso (externo)</i>		Pext.
	<i>Pulso (interno)</i>		Pint.
PERNA	<i>Coxa</i>		Cx
	<i>Nádegas</i>		Nad
MÃO PASSIVA	<i>Mão</i>	<i>Interna</i>	Min
		<i>Almofada</i>	Mal
		<i>Dorso</i>	Mdor
	<i>Dedos (exceto polegar)</i>	<i>Interna</i>	Din
		<i>Almofada</i>	Dal
		<i>Dorso</i>	Ddor
	<i>Polegar</i>	<i>Interna</i>	Pin
		<i>Almofada</i>	Pal
		<i>Dorso</i>	Pdor
	<i>Dedo indicador</i>	<i>Interna</i>	Dlin
		<i>Almofada</i>	Dial
		<i>Dorso</i>	DIdor
	<i>Dedo médio</i>	<i>Interna</i>	DMin
		<i>Almofada</i>	DMal
		<i>Dorso</i>	DMdor
	<i>Dedo anelar</i>	<i>Interna</i>	DAin
		<i>Almofada</i>	DAal
		<i>Dorso</i>	Dador
<i>Dedo mínimo</i>	<i>Interna</i>	DMin	
	<i>Almofada</i>	DMial	
	<i>Dorso</i>	DMdor	

Fonte: Adaptação de Xavier (2006) e Faria-do-Nascimento (2009).

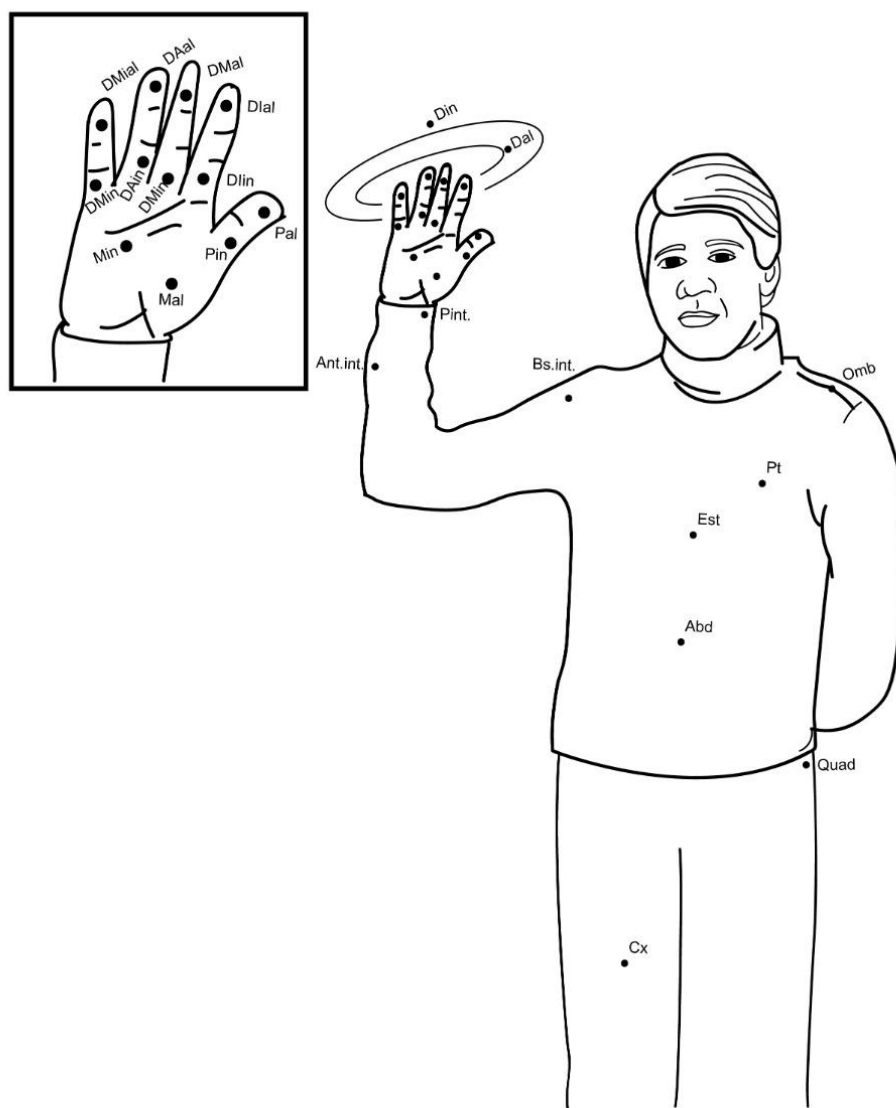
Na Tabela, as áreas menores e particulares foram distribuídas por grandes áreas e representadas por siglas. As siglas foram essenciais para realizar a adaptação do mapa de L&J (1989) e para ordenar os significados da entrada. Abaixo, segue a nossa adaptação do mapa de L&J (1989) para a Libras.

Figura 60: Mapa de Locações da Libras: Região da cabeça



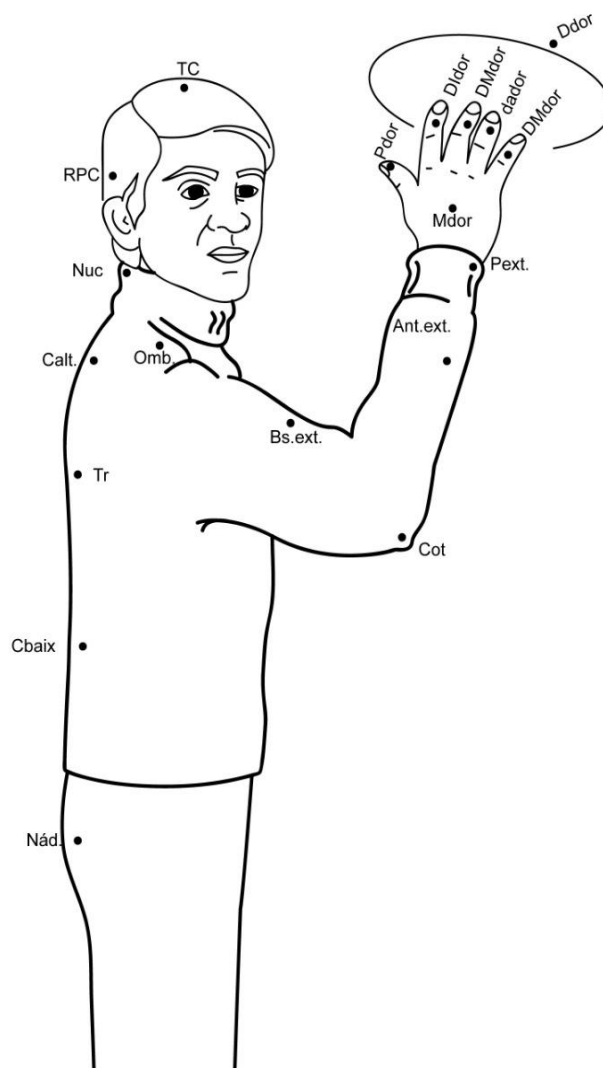
Fonte: Autoria própria, baseada em L&J (1989), Xavier (2006) e Faria- do- Nascimento (2009).

Figura 61: Mapa de Locações da Libras: Região anterior do tronco, braços, mão passiva e perna



Fonte: Adaptação de L&J (1989), Xavier (2006) e Faria- do- Nascimento (2009).

Figura 62: Mapa de Locações da Libras: Região posterior da cabeça, tronco, braços e mão passiva



Fonte: Adaptação de L&J (1989), Xavier (2006) e Faria-do-Nascimento (2009).

Para que houvesse economia de espaço no verbete, foi inserida, ao invés da imagem da parte do corpo, a sigla. Os sinais executados no espaço neutro, ou seja, distante ou sem tocar em uma região do corpo, foram apenas identificados pela sigla **EN** e ordenados **do mais próximo ao mais afastado do corpo**, com o intuito de simplificar e diminuir a quantidade de siglas.

Para ordenar as Ls em um *continuum* e ampliar o escopo de Locações, não previstas por Xavier (2006), adotamos a proposta de Faria-do-Nascimento (2009). Nessa proposta, a autora propõe que ordem ocorra:

no sentido longitudinal do corpo: de trás para frente e de cima para baixo. No sentido latitudinal do corpo, a ordem se dá do ponto mais próximo do corpo ao mais distante do corpo (do ponto mais central para o ponto mais periférico, seguindo a ordem – mais central, direita e esquerda): em primeiro lugar, aparecem as ULs e as UTs que tocam o corpo (PROXIMAL); em segundo lugar, devem vir as ULs e as UTs que estão no espaço neutro (MEDIAL); em terceiro lugar, devem vir as ULs e as UTs que estão mais distantes do corpo (DISTAL) (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 195).

A sequência de Locações/Pontos de Articulação encontra-se ordenada no Quadro 9. Vejamos:

Quadro 9: Ordenação dos Pontos de Articulação

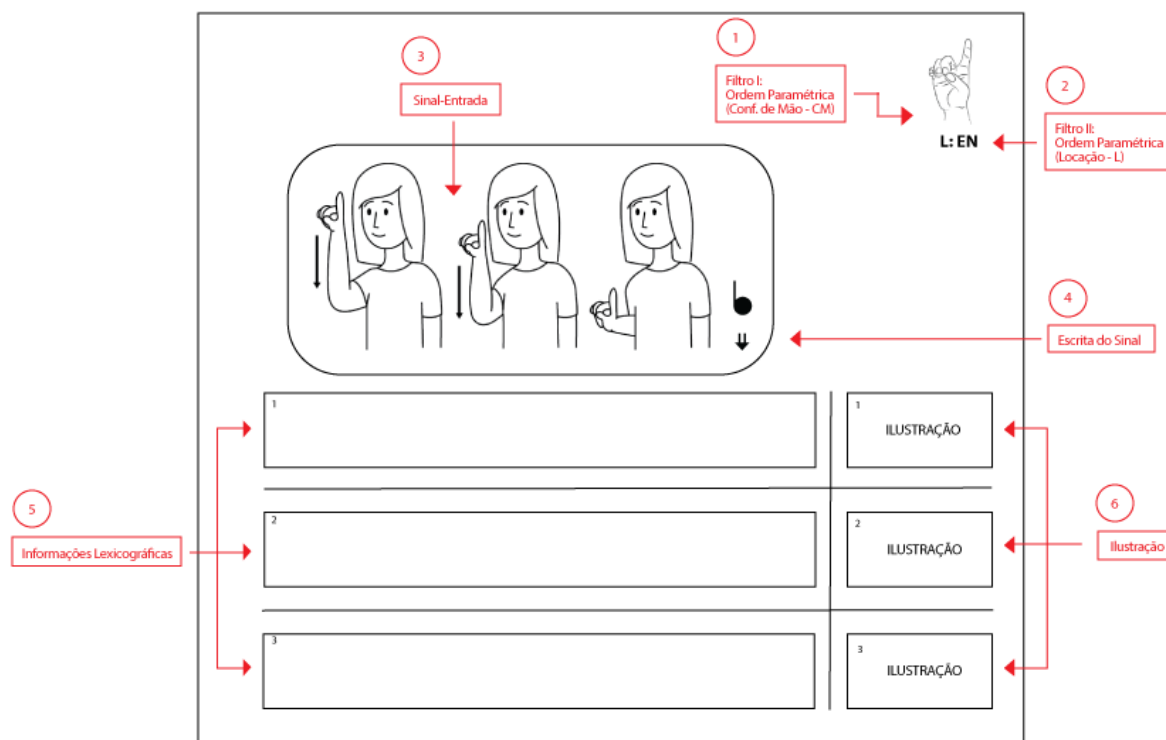
topo da cabeça > posterior da cabeça > nuca > testa > lado da testa > sobrancelha > olho > nariz > bochecha > orelha > boca > dente > língua > lábio > maxilar > queixo > pescoço (atrás) > ombro > costas (parte alta) > braço (parte superior externo) > cotovelo > antebraço interno > pulso (externo) > mão dorso > dedos (externo) > braço (parte superior interna) > antebraço interno > pulso (interno) > dedos (interno) > mão (palma) > tronco > costas (parte baixa) > peito > esterno > abdômen > cintura > região pélvica > quadril > coxa > nádegas

Fonte: Adaptação de Faria- do- Nascimento (2009).

Para que o consulente consiga se familiarizar com as CMs e as siglas das locações, é essencial que o Quadro 7, 8 e 9, Tabela 2 e as Figuras 61, 62 e 63 sejam disponibilizadas nas orientações de uso de um possível dicionário. Mesmo que, a princípio, o usuário não esteja familiarizado com a ordenação paramétrica das configurações e locações, bem como com as siglas, o uso sistemático e periódico do verbete, com consulta ao quadro e a ilustração, facilitará a futura automatização das ordens e siglas.

Recapitulando, o modelo de verbete proposto neste trabalho foi elaborado para assumir direção semasiológica (parte do significante para o significado), com entrada em Libras. Assim como no dicionário *DFH- PCB*, optou-se por registrar uma entrada principal e dela desmembrar blocos de informações lexicográficas para cada significado diferente. No modelo apresentado a seguir, as formas homônimas DIREITO, DIRETOR e DEFICIÊNCIA ilustram essa estrutura:

Figura 63: Base estrutural do verbete



Fonte: Autoria Própria

O esquema gráfico da microestrutura acima foi desenvolvido no programa computacional *Adobe Ilustrador*, com o emprego de quadros e setas explicativas e indicativas dos elementos da microestrutura do verbete. O programa *SignPuddle*, versão gratuita, foi utilizado para fazer o registro da escrita dos sinais, e a ilustração do sinal foi desenvolvida pela ilustradora colaboradora da pesquisa.

Cada elemento contido no protótipo do verbete foi numerado para orientar as explicações conduzidas nesta seção. Desse modo, os quadros foram assim identificados: **n.1:** sistema de busca e ordenação por CM; **n. 2:** sistema de busca por locação; **n. 3:** sinal-entrada; **n. 4:** escrita de sinal; **n. 5:** informações sobre o lema; **n. 6:** ilustração da definição.

O balão explicativo **n. 1** corresponde ao sistema de busca e ordenação das entradas na macroestrutura. No modelo, a ordenação das entradas se dá, primeiro, por CM (na macroestrutura) e, depois, por L (na microestrutura). Na proposta, as entradas seguem a ordenação do configureto, que considera a semelhança e a coerência de organização interna da CM, como já explicado e demonstrado no Quadro 8.

As entradas foram dispostas, na macroestrutura, verticalmente para facilitar esse *continuum*. Assim, os sinais foram se sucedendo na ordem crescente das CM e da L do

sinal. Para que isso fosse possível, a L foi ordenada a partir das grandes áreas: cabeça, tronco, braço, mão, perna, tomando por referência as seguintes sequências: de trás para frente, de cima para baixo, do ponto mais próximo (PROXIMAL) ao mais distante do corpo (DISTAL), do mais central ao mais periférico (direita e esquerda), do ponto próximo (PROXIMAL) ao médio (MEDIAL) e do médio (MEDIAL) ao mais distante do corpo (DISTAL). Voltando ao Quadro 9, é possível rever a ilustração desse sistema de ordenação. Na figura 59, por exemplo, a ordem seguida pelos verbetes foi:

CM: G1+ (grupo 01 mais fechado) —> CM: G1- (grupo 01 menos fechado)
 L: N = nariz (mais próximo ao corpo) —> L: EN = espaço neutro (mais afastado do corpo)

A entrada do verbete (Figura 63) ganhou local de destaque e a ela foi adicionada, lateralmente (lado direito), a escrita do sinal. Essas duas unidades referem-se a todas as subentradas, por isso, elas aparecem em posição central enquanto os blocos de informações, como periféricos (ver Figura 63).

O balão **n. 5** corresponde ao local dos blocos de informações da entrada principal. Como as unidades homônimas possuem significante igual e significados diferentes, foi adotada uma única entrada para os significados diferentes, como já explicado. Cada número alceado corresponde a um significado completamente diferente, sem nenhuma relação sêmica. É importante esclarecer que, diferentemente do Dicionário Geral, o Dicionário Especial para Formas Homônimas permite essa flexibilização porque arrola apenas as lexias homônimas. No dicionário geral, como já vimos, a prática mais condizente com a Lexicografia atual é separar cada unidade lexical em entradas diferentes por se tratarem de novas lexias.

Por último, foram incluídas ilustrações⁴³ para cada um dos conceitos diferentes com a pretensão de ajudar o consulente a compreender e diferenciar os significados. Todo suporte visual (imagens, quadros, setas, cores, destaques de tamanho e itálico ou negrito, dentre outros) disponível merece ser explorado em obras didáticas elaboradas para o surdo. Logo, entendemos que o dicionário, enquanto instrumento e recurso didático para esse público, deve valorizar esse tipo de informação e recurso visual. Faria- do- Nascimento (2009, p.214) explica que obras lexicográficas para falantes da Libras “precisam ‘abusar’,

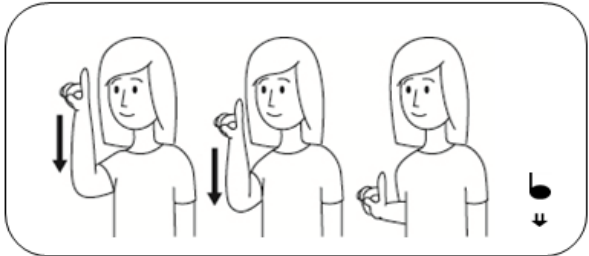
⁴³ As ilustrações utilizadas não correspondem às imagens finais do verbete, elas foram inseridas apenas para ilustrar o modelo. Nossa intenção é, futuramente, no doutorado, aprofundar as discussões sobre esse recurso e apresentar as ilustrações definitivas e adequadas à faixa etária do público-alvo da produção.

de certa maneira, dos recursos visuais, sem, portanto, poluir os repertórios com excessos desse tipo de estímulo”. Em outras palavras, os recursos visuais favorecem o dicionário voltado para o público surdo, na medida em que são funcionais e estão em acordo com o conjunto de informações do verbete. Não se trata de colocar recursos e imagens visuais por colocar.

Após todas as decisões e a construção dessa primeira base estrutural do verbete, foram selecionadas as informações a serem incluídas nos segmentos informativos do verbete. Essa composição baseou-se parcialmente na microestrutura elaborada por Zavaglia (2010) para o dicionário de formas homônimas, *Um significado só é pouco (DFH- PCB)*, e por Durão *et al* (2014), no *Dicionário de Falsos Amigos: Português-Espanhol (DIFAPE)*.

Para apresentar o modelo de verbete formulado nesta pesquisa, optou-se por separar a microestrutura em *microestrutura abstrata* e *concreta*. Essa distinção foi empregada por Welker (2004) e por Wiegand (1989 *apud* FARIAS, 2011) para distinguir a estrutura padrão (abstrata), uma espécie de molde de verbete sobre o qual se deve aplicar os dados concretos de cada lema, individual, respeitando uma ordem canônica.

Figura 64: Microestrutura abstrata

	<p>1</p> <p>ILUSTRAÇÃO</p>
<p>¹ <i>class. gramatical. Informal (inf). Vulgar (vulg.). [variação diatópica]</i> Área do conhecimento (quando necessário). Definição: Abonação em SingWriting. Tradução em língua portuguesa (fonte) ~ Sinônimos. NOTA:</p>	<p>2</p> <p>ILUSTRAÇÃO</p>
<p>² <i>class. gramatical. Informal (inf). Vulgar (vulg.). [variação diatópica]</i> Área do conhecimento (quando necessário). Definição: Abonação em SingWriting. Tradução em língua portuguesa (fonte) ~ Sinônimos. NOTA:</p>	<p>3</p> <p>ILUSTRAÇÃO</p>
<p>³ <i>class. gramatical. Informal (inf). Vulgar (vulg.). [variação diatópica]</i> Área do conhecimento (quando necessário). Definição: Abonação em SingWriting. Tradução em língua portuguesa (fonte) ~ Sinônimos. NOTA:</p>	

Fonte: Autoria própria.

A microestrutura abstrata ilustrada acima, elaborada exclusivamente para a tipologia de dicionário especial e para as unidades homônimas da Libras, contém informações de forma, definição, exemplo de uso, sinônimo e também de certas nuances e curiosidades sobre a unidade homônima.

As informações de forma correspondem, segundo Welker (2004, p. 111), às variantes “ortográficas, à pronúncia, à categoria gramatical, às informações flexionais e/ou sintáticas, à etimologia, às marcas de uso”, constantes na cabeça do verbete. Na nossa proposta, as informações desse grupo englobam o lema (sinal ilustrado), seu equivalente em escrita de sinais, a classe gramatical e as marcas de uso (diatópica, diafásica, diastrática, diatécnica). O comentário pós cabeça do verbete, por sua vez, está composto pela definição, exemplo (com sua respectiva tradução para a LP) e o(s) sinônimo(s).

A **entrada**, o próprio sinal, foi ilustrada conforme as orientações lexicográficas de Faria- do- Nascimento (2009, p. 216):

De uma maneira geral, os desenhos devem seguir os mesmos princípios das fotografias. A representação dos desenhos, entretanto, pode ser sem cor, com fundo branco e traços pretos completos. (ii') para *ULs com uma única CM*: os desenhos devem representar uma pessoa da cabeça ao quadril, articulando a LSB com a EF_{inicial} e a EC_{inicial}, mão ativa representada pela mão direita e mão passiva representada pela mão esquerda, com a(s) CM(s)_{inicial (ais)} já na OP correta, no PA_{inicial}. (ii'') para *as ULs com mais de uma CM*: haverá mais de uma representação iconográfica de pessoa articulando a LSB. O primeiro desenho segue a mesma orientação de ii'; os demais desenhos também, à exceção do PA que não será mais o inicial, mas o PA medial ou o PA final (FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009, p. 216).

A **categoria gramatical**, abreviada e grafada em itálico, vem na cabeça do verbete, logo após o número alceado. Essa informação ajuda a diferenciar a classe gramatical, indicando o tipo de homonímia que se está diante (lexical ou semântica). Destacamos que o gênero gramatical não foi inserido junto à classificação gramatical porque a língua valorizada no verbete é a Libras, e nesta os sinais são flexionados mediante os contextos. O sistema de flexões na Libras é complexo e foi estudado amplamente por Felipe (1988; 1997; 2014). Em suas pesquisas, a autora explica que a flexão para pessoa do discurso, por exemplo, ocorre no contexto de uso por meio da direcionalidade do M (entre sujeito (agente) e objeto (paciente)), responsável por indicar o tipo de pessoa do discurso. (FELIPE, 1988).

A **escrita de sinais**, enquanto equivalente da entrada, foi uma decisão importante para a proposta, pois ela fornece o sinal representado em traços simultâneos de modo ideográfico, reproduzindo suas relações e propriedades internas, com exceção das ENMs.

Atualmente, o *SignWriting* está entre os sistemas de escrita mais utilizados no mundo. Para Stumpf (2005, p. 44), “as crianças surdas que se comunicam por sinais precisam poder representar pela escrita a fala delas que é visiográfica”. Por isso, além do equivalente da entrada, também optamos por oferecer exemplos/contextualização em escrita de sinais, exatamente porque a sintaxe da LP oferece maiores dificuldades do que a palavra isolada (STUMPF, 2005).


As **marcas de uso**, muito frequentes em dicionários monolíngues (pouco menos frequente nos bilíngues) das LFs e ainda pouco utilizadas nos dicionários de Libras, receberam atenção especial na nossa proposta. Como o objetivo era fornecer o maior número de informações sobre o uso das entradas, foram valorizadas as variações diatópicas (origem regional, nacional), diafásicas (informal), diastráticas (vulgar) e diatécnicas (área do conhecimento).

Cada uma dessas variações foi destacada e padronizada com recursos gráficos específicos, visando inibir conflitos na leitura. A **variação diatópica**, por exemplo, foi grafada em negrito, dentro de colchetes com a sigla do estado abreviado. Já as **variações diafásica e diastrática**, inseridas logo após a classificação gramatical, receberam o recurso de destaque em itálico, para os termos abreviados *informal (inf.)* e *vulgar (vulg.)*. A última marca de uso empregada foi a **diatécnica**. Ela foi destacada na cor vermelha, de forma abreviada. Sabendo que são inúmeros os tecnoletos e que um dicionário especial não tem necessariamente essa função, definimos como marcas técnicas os seguintes campos: botânico (bot.), economia (econ.) e direito (dir.). Para as palavras que fazem parte da “linguagem comum ou geral”, não julgamos necessário apresentar tais marcas.

Werner (1982, p. 266) destaca que a função desses níveis linguísticos é tão somente fornecer ao consultante uma indicação que lhe impeça “de usar uma unidade lexical em determinadas situações, com determinados receptores e para uma determinada temática, donde, precisamente, não deveria usá-la”. Esse tipo de informação é útil para mostrar determinadas matizes do lema.

A **definição lexicográfica**, considerada por alguns (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009) como a parte principal do verbete, foi formulada a partir de obras lexicográficas de referência e materiais de cursos de Libras espalhados por todo o país. Ela foi colocada logo após as marcas de uso, na cor azul. Após a definição, separado pelo símbolo (:), foi inserido o **exemplo**(em escrita de sinais), seguido da **transcrição** para a LP e a **fonte**

(entre parênteses e abreviada) de onde foi retirado. Após a fonte do exemplo de uso, foi inserido o(s) **sinônimo(s)**, precedido (s) pelo acento til (~).

Ao final do verbete, o segmento destinado à(s) **nota(s) explicativa(s)** foi adotado com o objetivo de fornecer informações complementares sobre o lema, tais como: variação fonológica, apontar o uso do morfema lexical homem/mulher, de classificadores, advérbios, intensificadores ou para chamar atenção para nuances do significado. As notas aparecem em fundo azul, como pós-comentário, com fonte menor (tam. 10), precedidas pelo símbolo () e a palavra **NOTA** (em caixa alta e em negrito, seguida de dois pontos). Se a nota for referente a alguma acepção específica, deve vir logo após o exemplo.

Por fim, a microestrutura concreta, organizada a partir da microestrutura abstrata, foi elaborada para ilustrar o modelo final do verbete desta pesquisa. O modelo é resultado de pesquisas nas áreas da Lexicografia, Metalexigrafia das Línguas Orais – LO (as línguas de sinais incluem-se no grupo de LOs), Lexicologia da Libras, Semântica Lexical e de uma série de reflexões e comparações entre a macro e microestrutura de dicionários nacionais e internacionais.

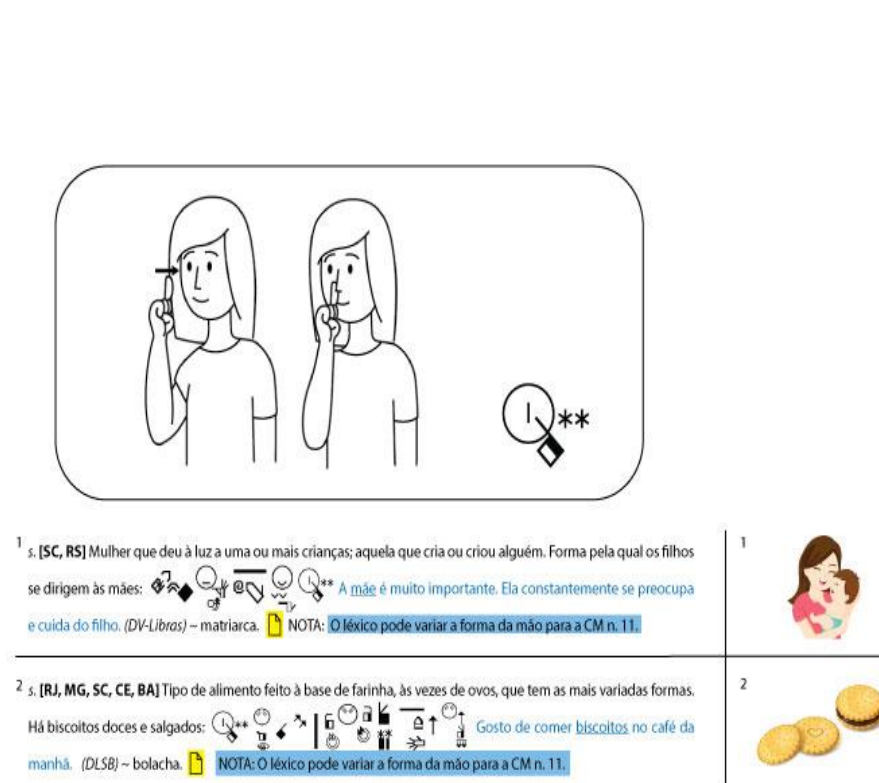
A seguir, apresentamos o modelo da pesquisa, na estrutura da microestrutura concreta. Para ilustrá-la, utilizamos as unidades homônimas levantadas na pesquisa. Ao todo, cinco sinais com seus respectivos significados.



5.2 A proposta da microestrutura concreta



As unidades lexicais **MÃE/BISCOITO**; **DIREITO/DIRETOR/DEFICIENTE**, **SÁBADO/LARANJA**, **MATEMÁTICA/MINUTO/MARANHÃO**, **SENTIR/JEITO/BAHIA** foram empregadas para exemplificar o modelo do verbete descrito acima e aplicar o “Programa Constante de Informações”, aludido por Farias (2011). Todos os verbetes seguiram o mesmo padrão. Alguns diferiram por características particulares, tipo: com ou sem sinônimos, notas, área do conhecimento.

No verbete abaixo, foram lematizadas as homonímias **MÃE** [SC, RS] e **BISCOITO** [RJ, MG, SC, CE, BA]. Cada significado diferente foi identificado por um número alceado, em negrito, seguido das informações lexicográficas:

Figura 65: Microestrutura concreta – MÃE/BISCOITO⁴⁴



1 s. [SC, RS] Mulher que deu à luz a uma ou mais crianças; aquela que cria ou criou alguém. Forma pela qual os filhos se dirigem às mães:  A mãe é muito importante. Ela constantemente se preocupa e cuida do filho. (DV-Libras) – matriarca.  NOTA: O léxico pode variar a forma da mão para a CM n. 11.

2 s. [RJ, MG, SC, CE, BA] Tipo de alimento feito à base de farinha, às vezes de ovos, que tem as mais variadas formas. Há biscoitos doces e salgados:  Gosto de comer biscoitos no café da manhã. (DLSB) – bolacha.  NOTA: O léxico pode variar a forma da mão para a CM n. 11.

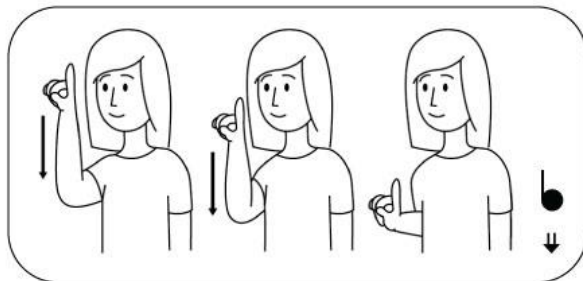
Fonte: Autoria própria.

Os blocos de significados, no exemplo acima, referem-se às unidades homônimas MÃE/BISCOITO. Para cada significado do lema, foi apresentado um ou mais conceitos, numerados e com informações particulares. Optamos por definições lexicográficas curtas, objetivas e transparentes, e, para cada acepção, fornecemos a contextualização de uso com frases. Quando havia mais de uma acepção, em consonância com Hernández (1991 *apud* DURÃO *et al* (2014), cada uma era numerada, separada por ponto e vírgula e com suas próprias marcas e exemplos, como vemos no exemplo a seguir:

⁴⁴Referências das imagens: Disponível em: Background vector created by freepik – Disponível em: www.freepik.com Acesso em: jul. 2018; Background vector created by vectorpocket – www.freepik.com Acesso em: jul. 2018.

Figura 66: Microestrutura concreta – DIREITO/DIRETOR/DEFICIENTE⁴⁵

L: EN



1 s. [SP, SC, RJ] dir. 1 Reunião de regras e leis; permissão legal; que expressa justiça: Após anos de luta, conquistou-se o direito de usar Libras (IFSC); 2 Ciência que estuda normas, leis e regras. O primo dele estuda direito (DV-Libras).



2 s. [SP, DF, SC, MG, RJ, RS] 1 Aquele que tem a seu cargo uma direção; que dirige, regula ou administra: O diretor da FENEIS informou aos funcionários o novo horário. (DV-Libras) ~ chefe, condutor. NOTA: Para definir o gênero, antepor ao radical o morfema homem ou mulher.



3 adj. [SP, RJ, MS, PR, RS] Que ou quem apresenta alteração física ou insuficiência de uma função física ou mental; que ou quem apresenta uma deficiência: Próximo sábado haverá palestra com tema sobre "deficiente". (DV-Libras) ~ deficiência.



Fonte: Autoria própria.

Os exemplos são fundamentais no verbete, pois servem para esclarecer e contextualizar os significados homônimos. Martínez de Sousa (2009) considera-os valiosos e, em muitos casos, imprescindíveis para a compreensão do significado. Por seu valor elucidativo, receberam um tratamento especial no modelo do verbete e foram escritos em *SignWriting*, uma escrita não alfabética, mas ideográfica, artefato simbólico da cultura surda.

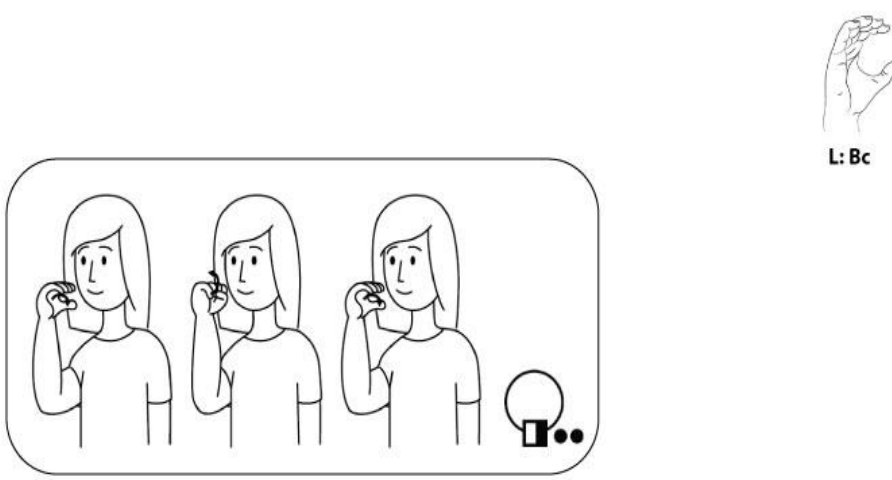
Como a língua de referência é a própria LS, procuramos trazê-la logo após a definição, seguida da transcrição em LP para àqueles que não conhecem ou utilizam essa

⁴⁵Referências das imagens: Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:CF88_Livro_EC91_2016.png> Acesso em: mar de 2019; Disponível em:<<https://www.freepik.com/free-photos-vectors/business>>Business vector created by iconicbestiary – www.freepik.comAcesso em: mar de 2019; Disponível em:<<https://www.freepik.com/free-photos-vectors/business>>Business vector created by macrovector – www.freepik.com Acesso em: mar de 2019.

escrita. O nome da lexia em LP foi destacado na transcrição com um traço de sublinhado para facilitar a sua localização na frase.

Essa última escolha teve por objetivo principal propiciar ao consulente surdo o contato direto com a estrutura e organização interna da sua língua, tanto no nível fonomorfológico como sintático. A escrita dos sinais foi registrada da esquerda para a direita no sentido horizontal, de acordo com convenções (STUMPHF, 2005). Os limites entre as duas informações podem ser notados pelo próprio sistema de símbolos, muito diferente da escrita alfabética da LP e pela mudança de cor da fonte (azul).

Figura 67: Microestrutura concreta – SÁBADO/LARANJA⁴⁶



L: Bc

¹ s. [SP, RJ, MS, MG, DF, PR, SC, BA, CE, PB, RS, AL, MA, PE, PI, RN, SE] Último dia da semana; dia da semana que antecede o domingo: * [signs] O casamento do meu primo foi no sábado. (DCP).

² s. [SP, RJ, MS, MG, DF, SC, BA, CE, PB, PI, RS] Fruto da laranjeira em formato arredondado, rico em vitamina C: * [signs] Nós tomamos suco de laranja. (DCP) **NOTA:** Os sinais COR e LARANJA/SÁBADO compõe por justaposição o sinal ALARANJADO.

¹ DSTQQSS

² [Image of an orange]

Fonte: Autoria própria.

Outro recurso empregado para ajudar a distinguir os significados foi a ilustração. Ela foi colocada ao lado direito do bloco de informações de cada conceito, com a função didática de auxiliar na contextualização do significado e dos exemplos. Ela pode vir como um recurso extra, sempre que for possível representar de forma imagética as abonações. Para demarcar as fronteiras das informações e impedir que o consulente tenha dificuldades

⁴⁶ Referências das imagens: PACHÊCO, Marcela, Calendário, 2019; Disponível em: Food vector created by smithytomy - www.freepik.com Acesso em: abr.de 2018.

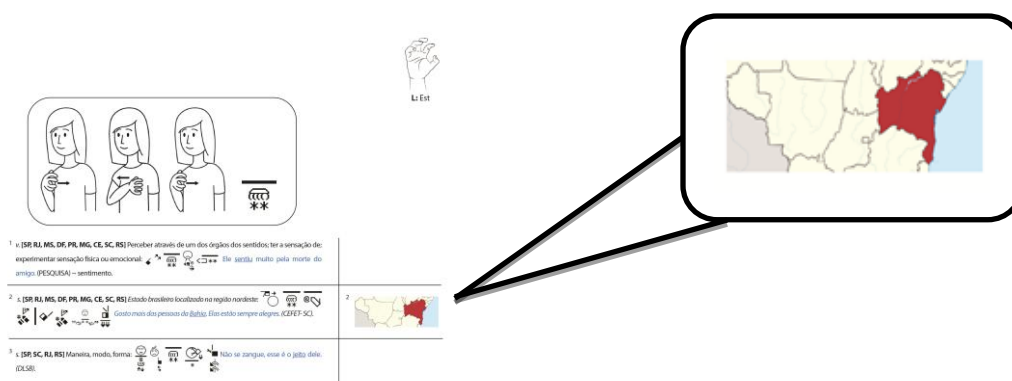
para relacionar a ilustração à definição/exemplo correspondente, aderiu-se a estratégia empregada por Durão *et al* (2014, p. 57), que empregou aos verbetes do *Dicionário de Falsos Amigos: Português-Espanhol (DIFAPE)* rótulos identificadores (espécie de quadro gráfico, numerado em ordem crescente) para ilustrar os significados.

Figura 68: Verbetes do DIFAPE (2014)

alça *sf* 1 (de roupa) {contraste de gênero gramatical e léxico} **tiran-
te** *sm* (j!) △ Desceu sensualmente as alças do seu vestido. / Bajó sensualmente los *tirantes* de su vestido., 2 (de mala; de bolsa; de mala; de xícara) {contraste léxico} **asa** *sf* △ Estava esperando sentada em um sofá, retorcendo as alças da velha mala. / Nos esperaba sentada en un sofá, retorciendo las *asas* del viejo maletín. **NOTA** Embora *asa* seja um substantivo feminino, quando está em singular deve ser precedido pelo artigo *el*, exceto quando entre artigo e substantivo existir outra palavra.



Fonte: (DURÃO *et al*, 2014, p.129).

Figura 69: Ilustração dos significados

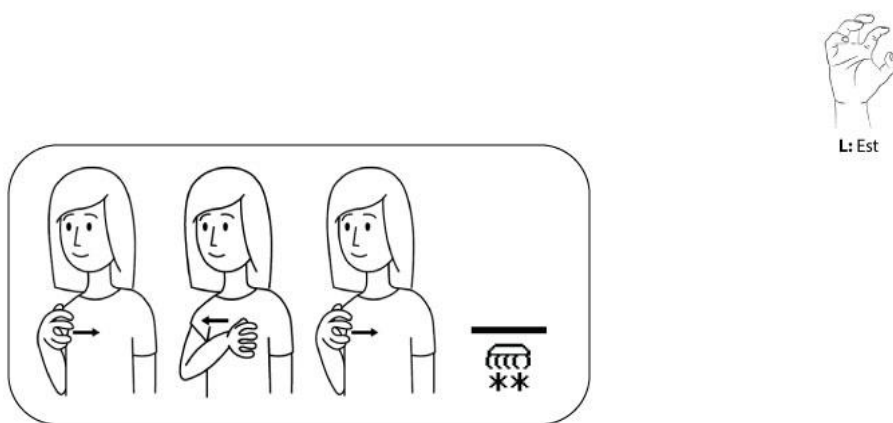
Fonte: Autoria própria.

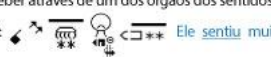
Em todas as línguas, existem inúmeras palavras que são estilisticamente marcadas com marcas de uso. Porém, há, também, um grande número de palavras/sinais que não são como a forma CASA, empregada em qualquer região do país, independente do extrato social de seus interlocutores. Conforme Fajardo (1996-1997), as marcas de uso são um recurso utilizado nos dicionários para destacar um uso particular e não regular.


No caso do verbete da próxima figura (70), utilizamos a variação diatópica para indicar o escopo regional das unidades lexicais. O sinal SENTIR, por exemplo, é mencionado no *DLSB* (2017) como uma variação dos estados de SP, RJ, MS, DF, PR, MG, CE, SC e RS, ao passo que o sinal JEITO parece ser utilizado, também de acordo com esse dicionário, apenas em quatro estados brasileiros (SP, SC, RJ e RS). Disso, concluímos que esses sinais são homônimos entre os estados de SP, SC, RJ e RS, e assim segue para os demais lemas sujeitos à variação diatópica.

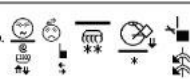
Chamamos bastante atenção para esse ponto, pois, caso o escopo regional do sinal não seja informado, o consulente naturalmente entenderá que está diante de uma homonímia, quando, na verdade, ela não o é para a sua comunidade linguística. Julgamos essa informação do verbete valiosa porque o consulente passa a conhecer as unidades lexicais que são homônimas no seu estado e em outras regiões, podendo se prevenir de conflitos linguísticos quando em contato com interlocutores de outra região geográfica.

Figura 70: Microestrutura concreta – SENTIR/JEITO/BAHIA⁴⁷



1 v. [SP, RJ, MS, DF, PR, MG, CE, SC, RS] Perceber através de um dos órgãos dos sentidos; ter a sensação de; experimentar sensação física ou emocional:  Ele **sentiu** muito pela morte do amigo. (PESQUISA) ~ sentimento.

2 s. [SP, RJ, MS, DF, PR, MG, CE, SC, RS] Estado brasileiro localizado na região nordeste:  Gosto mais das pessoas da Bahia. Elas estão sempre alegres. (CEFET-SC).

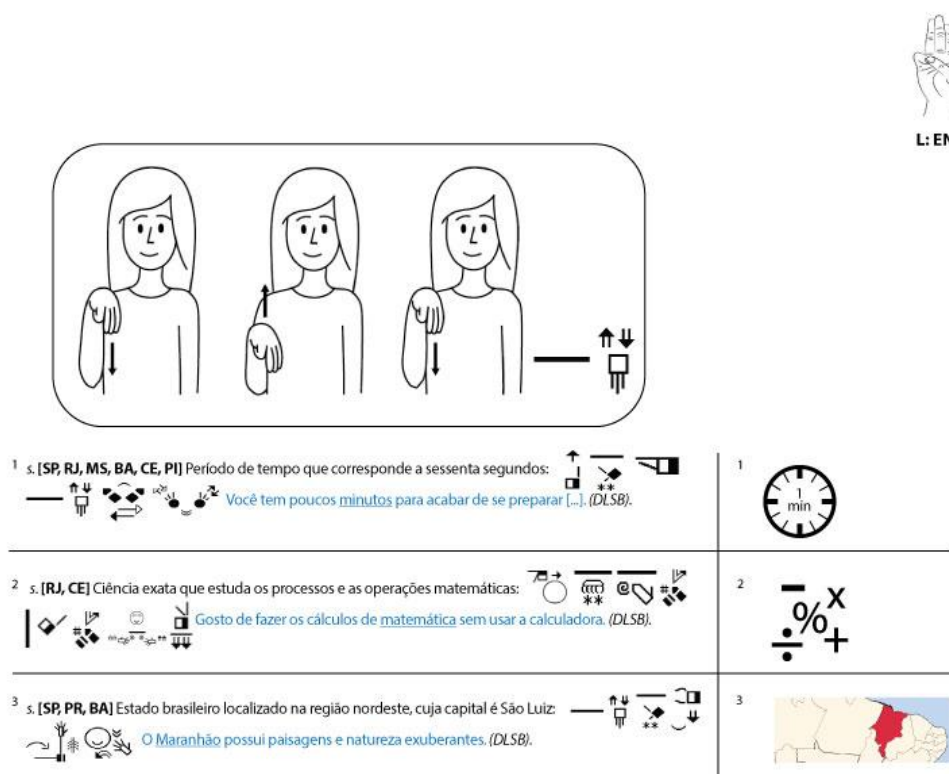
3 s. [SP, SC, RJ, RS] Modo específico, peculiar de se fazer algo.  Não se zangue, esse é o **jeito** dele. (DLSB) ~ maneira, modo, forma.

Fonte: Autoria própria.

Esclarecemos que a variação diatópica de cada sinal foi informada com base nos dados do *DLSB* (CAPOVILLA *et al*, 2017). Essa informação, que aparece entre colchetes e em negrito, é necessária, como já dissemos, porque o repertório linguístico das LSs não é universal, mas sujeito a variações regionais, inclusive internacionais.

As demais variações linguísticas (diafásica e diastrática) não foram ilustradas entre os exemplos do modelo da pesquisa porque não foram contempladas no *corpus*; porém, defendemos que, na elaboração de um possível dicionário, estas sejam incluídas, pois elas ajudam a caracterizar e marcar as condições e restrições de uso das unidades lexicais.

⁴⁷ Referência das imagens: Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia>> Acesso em: mar 2019.

Figura 71: Microestrutura abstrata – MINUTO/MATEMÁTICA/MARANHÃO⁴⁸

Fonte: Autoria própria.

Na microestrutura do modelo da pesquisa, os sinônimos (Sin.) também foram utilizados como informações de comentário semântico do “Programa Constante de Informações” (doravante PCI). Como se sabe, nos casos em que essa informação não aparece no verbete, deduz-se, se o lexicógrafo segue rigorosamente o PCI, que a LS não dispõe de sinônimo para as unidades léxicas em questão e se está diante de um “grau zero de informação” (FARIAS, 2011). O mesmo ocorre com as demais informações do PCI, quando se compara a relação entre a microestrutura abstrata e a microestrutura concreta:

⁴⁸Referências das imagens: PACHÊCO, Marcela. Minuto, 2019. PACHÊCO, Marcela. Matemática, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_munic%C3%ADpios_do_Maranh%C3%A3o> Acesso em: mar 2019.

Tabela 4: Relação entre a microestrutura abstrata e a microestrutura concreta

PCI Unidade homônima	CG	VDiat.	VDiaf.	VDiast.	VDiaté.	Def.	Exemplo em SW e LP	Sin.
Mãe	+	+	-	-	-	+	+	+
Biscoito	+	+	-	-	-	+	+	+
Direito	+	+	-	-	+	+	+	-
Diretor	+	+	-	-	-	+	+	+
Deficiente	+	+	-	-	-	+	+	+
Sábado	+	+	-	-	-	+	+	-
Laranja	+	+	-	-	-	+	+	-
Sentir	+	+	-	-	-	+	+	+
Bahia	+	+	-	-	-	+	+	-
Jeito	+	+	-	-	-	+	+	+
Minuto	+	+	-	-	-	+	+	-
Matemática	+	+	-	-	-	+	+	-
Maranhão	+	+	-	-	-	+	+	-

PCI : Programa Constante de Informações
VDiaf.: Variação Diafásica
Def.: Definição:
Sin.Sinônimo

CG: Classificação Gramatical
VDias.: Variação Diastrática
SW: SignWriting

VDiat.: Variação Diatópica
VDiaté.: Variação Diatécnica
LP: Língua Portuguesa

Fonte: Autoria própria.

Os resultados apresentados na tabela demonstram que a microestrutura abstrata equivale à totalidade das informações e que o resultado final (microestrutura concreta) será diferente para cada categoria morfológica. Se os verbetes seguirem estritamente o PCI, o “grau zero de informação” será altamente funcional.

Além da microestrutura básica, composta pela estrutura nuclear à esquerda (referente à forma) e a estrutura nuclear à direita (referente à semântica), Wiegand (1989 *apud* FARIAS, 2011) distingue outros dois tipos: a microestrutura ampliada [*erweiterte Mikrostruktur*] e a microestrutura composta [*zusammengesetzte Mikrostruktur*]. No verbe

desta pesquisa, optamos por trabalhar com a microestrutura ampliada. Ela abriga uma estrutura marginal à direita, logo após o comentário semântico da estrutura base, e serve para abrigar as informações extraordinárias, não previstas no PCI. Um exemplo empregado em um dos verbetes da pesquisa foi o da Figura 68. Nesse verbete, foi expedido um “comentário de forma” referente ao significado da unidade SÁBADO, com o intuito de orientar o uso do gênero junto ao radical da lexia:

 NOTA: Os sinais COR e LARANJA/SÁBADO compõe por justaposição o sinal.

Vale lembrar que nem todos os verbetes, necessariamente, precisam ter pós-comentário, pois esse recurso é acionado apenas para os casos em que há necessidade de acrescentar alguma informação. Para Farias (2011, p. 131), “o pós-comentário converte-se em um segmento informativo funcional, na medida em que: (a) oferece informações discretas e discriminantes e (b) articula-se com os segmentos microestruturais nucleares”.

Outro artifício escolhido para fornecer informações sobre o(s) significado(s) foram as ilustrações. Elas foram introduzidas para além de um mecanismo complementar e/ou alternativo de elucidação do(s) significado(s). Para dicionários de LS, em que o principal consulente (o surdo) interage com o mundo principalmente por experiências visuais, o recurso ilustrativo parece receber uma posição de destaque ao invés de um status secundário, como é comum nos dicionários de LFs: “o lexicógrafo pode lançar mão de mecanismos *complementares e/ou alternativos* de elucidação do significado, entre os quais destacamos as ilustrações” (FARIAS, 20011, p. 132, grifo nosso).

As ilustrações foram inseridas em todos os verbetes e são oriundas do *corpus* digital de domínio público da internet. Em virtude do pouco tempo da pesquisa, não foi possível aplicar uma sondagem junto ao público-alvo para validar as ilustrações, bem como o próprio modelo do verbete. Cientes da importância dessa etapa do trabalho lexicográfico e da sua complexidade, nos propomos, nesta pesquisa, a desenvolver apenas o protótipo, reservando a sua aplicação a testes e sondagens posteriores, durante o doutorado, no qual disporemos de tempo e condições ideais para arquitetar, aplicar, analisar e empregar os dados dos testes e sondagens junto ao público-alvo definido, à priori, para o verbete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Nesta pesquisa, desenvolvemos um trabalho lexicográfico na área da Língua Brasileira de Sinais – Libras, dedicado, exclusivamente, à tipologia de dicionário especial e a itens lexicais homonímicos. Nosso propósito foi desenvolver para esta tipologia um modelo de verbete capaz de registrar e sistematizar as ocorrências da homonímia e seus usos na Libras. O público-alvo da proposta constitui-se dos surdos bilíngues Libras/LP e demais usuários bilíngues LP/Libras.

Fizemos interface, neste estudo, entre as áreas da Lexicografia, (Meta) Lexicologia, Fonologia da LS e Semântica Lexical, com a finalidade de ampliar o escopo da proposta para além da pesquisa lexicográfica. Preliminarmente, o *corpus* foi submetido ao tratamento e avaliação semântica a fim de comprovar o estabelecimento da homonímia. Posteriormente, seguimos com os estudos lexicológicos para formulação da matéria informativa que preencheria a microestrutura proposta.

A metodologia empregada foi desenvolvida em duas etapas. A primeira, em três momentos: 1. decisões introdutórias (tipo de lexia, código linguístico da entrada); 2. coleta, registro e catalogação do *corpus*; e 3. análise sêmica das lexias. E a segunda, propriamente lexicográfica, em duas fases, tais como: 1. Composição do verbete: pesquisa e elaboração das informações lexicais e semântico-pragmáticas referentes ao PCI e ao Pós-Comentário de cada lema tratado, definição das marcas de uso, referentes gráficos, ilustração dos sinais e formatos das mãos; e 2. Aplicação do repertório e dados ao modelo proposto pela pesquisa.

Na proposta lexicográfica apresentada, as unidades lexicais valorizadas foram as lexias simples, utilizada entre os estados brasileiros. A organização semasiológica, baseada no princípio de ordenação paramétrica e no configureto, proposto por Faria- do-Nascimento (2009), norteou os espaços macro e microestruturais.

A estrutura básica da microestrutura, formada pela estrutura nuclear da esquerda (classificação gramatical e marcas de uso) e a estrutura nuclear da direita (definição, exemplo de uso em escrita de sinais, tradução em língua portuguesa e sinônimos), recebeu uma estrutura marginal à esquerda em forma de pós-comentários (conteúdos de forma e semântico) e a ilustração. Esta arquitetura com pós-comentário, baseada em Wiegand (1989 *apud* FARIAS, 2011), muito comum nos dicionários, possibilitou ampliar as informações da homonímia para além das já previstas no PCI, fornecendo ao usuário

informações e detalhes não encontrados nos dicionários de LS, em geral. Eis o ponto chave deste estudo, documentar a homonímia da Libras e fornecer uma solução para seu registro, em função do pouco espaço para registro em dicionários gerais e da incompatibilidade com os objetivos do dicionário bilíngue.

No decurso do trabalho lexicográfico, verificamos que as decisões ultrapassaram um mero fazer lexicográfico, demandando conhecimentos e habilidades de uso formal, semântico e pragmático da Libras. A constituição de grupos heterogêneos com lexicólogos, lexicógrafos e pesquisadores da LS, incluindo, essencialmente, usuários surdos e ouvintes bilíngües LP/Libras, podem fortalecer o trabalho e descentralizar escolhas, colocando a LS como alvo de todo o projeto lexicográfico.

A inserção do sinal com sua respectiva escrita na entrada do verbete, os exemplos de uso (retirados de dicionários de Libras (*DV- Libras* e o *DLSB*), Língua Portuguesa (*DCP*) e apostila (CEFET-SC) de cursos de Libras) em *SignWriting* LP, o sistema de ordenação e busca da nomenclatura baseados na estrutura fonológica da Libras, e os diversos recursos tipográficos com símbolos e cores foram algumas das tentativas de colocar a LS e o surdo como centro de todo o trabalho lexicográfico.

Houve, ainda, uma tentativa de transcrever os exemplos pelo sistema de glosas, muito difundido entre pesquisadores das diversas línguas de sinais. Essa escolha, que também foi feita pelo *DV- Libras* (versão 2.0), acabou sendo abandonada porque o uso da glosa (convenção para representar a estrutura morfossintático-discursiva da LS) tem sido utilizado, mais frequentemente, entre a comunidade científica, para fins de análise e descrição linguística do *corpus* da LS.

Em síntese, o modelo aqui apresentado não é uma estrutura fechada. Ele apenas aponta direções possíveis entre tantas outras futuras propostas lexicográficas para a documentação de itens homonímicos da Libras. Diante do árduo e demorado trabalho do lexicógrafo, que não ousa ser solitário, entendemos que esta pesquisa não se encerra aqui. Um próximo passo (a ser desenvolvido no doutorado), essencial para a legitimação do verbete, é a realização das testagens, análises e aplicação (caso viável) da proposta apontada pelo público-alvo.

Ainda assim, diante de tudo que foi investigado e proposto, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir com a área da Lexicografia da Língua Brasileira de Sinais, no que se refere à criação de verbetes para dicionários do tipo especial, dedicados à unidade

lexical homonímica, outros grupos específicos (sinônimos, antônimos, outros) da língua ou mesmo a unidade lexical de domínio geral.

Desejamos que a proposta, por ora apresentada, auxilie no encaminhamento de soluções para o registro da homonímia em dicionários de Libras e a valorização da língua enquanto sistema simbólico e cultura da comunidade surda brasileira.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. de S. **A lexicologia e a teoria dos campos lexicais**. V. XV, n. 05, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2011.

ACESSO BRASIL. **Dicionário da língua brasileira de sinais**. versão 2.1, 2008.

_____. **Dicionário da língua brasileira de sinais**. versão 3, 2011.

ALBUQUERQUE, G. C. (Org.). **Comunicando com as Mãos**, Rio de Janeiro: INES, 1856.

ANJOS, M. A. L. dos. **A homonímia e a polissemia no dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Dissertação (Mestrados em Letras). Universidade Federal do Piauí, Teresina - PI: UFPI, 2006.

ANTUNES, D. R. **Core – SL: um modelo computacional para representação de sinais de língua de sinais**. Tese (Doutorado em Informática). Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PA: UFP, 2013.

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The paradox of sign language morphology**. *Language* 81, 2005.

BARBOSA, M. A. **Lexicologia, lexicografia, terminologia: objeto, método, campos de atuação e cooperação**. Estudo linguístico. França: UNIFRAN, 1991.

_____. **Réflexions sémantiques sur l'article dans l'œuvre lexicographique**. n. 2, *Meta* XLI, 1996.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de sinais sem mistério**. 2 ed. v.1. Salvador: Libras escrita, 2015.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BIDARRA, J.; MARTINS, T. A. **O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e libras**. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BIDARRA, J.; MARTINS, T. A.; OLIVEIRA, M. F. A representação da ambiguidade via interlíngua no processo de tradução português-LIBRAS: a questão do significado. **In: NADIN, O. L.; FERREIRA, A. de A. G. D`O.; FARGETTI, C. M. (org.) Léxico e suas interfaces: descrição, reflexão e ensino**. São Paulo – SP: Cultura acadêmica, 2016.

BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da Lexicografia**. Alfa: São Paulo, 1984.

_____. **Dicionário Contemporâneo de Português**. Petrópolis – RJ: Editora vozes, 1992.

_____. **A nomenclatura de um dicionário de língua**. *Estudos linguísticos*. 1. v. São Paulo, 1994, p. 26-42,

_____. **Dicionário didático de português**. 2 ed. São Paulo: Editora ática, 1998.

_____. **Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BORBA, F. (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Decreto 5626 de, 22 de dezembro de 2005. Regula a lei nº 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10098 de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BRANDÃO, F. **Dicionário Ilustrado de Libras**. São Paulo: Editora Global, 2011.

BRENTARI, D.; WILBUR, R. **Um estudo interlinguístico de segmentação da palavra em três línguas de sinais**. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. 9º Theoretical issue in sign language research conference. Florianópolis: Arara Azul, 2006.

BUGUEÑO MIRANDA, F. **Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia**. Revista Alfa, São Paulo, v. 58, n. 1, 2014, p. 215-230.

CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira**. v. 1, 1. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira**. v. 2, 1. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. v. 1. São Paulo: Fundação Vitae, Fapesp, Edusp, Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2004.

_____. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. v. 2. São Paulo: Fundação Vitae, Fapesp, Edusp, Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2004.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira**. v.1, 3.ed. São Paulo: Edusp, MEC-FNDE, 2006.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira**. v.2, 3.ed. São Paulo: Edusp, MEC-FNDE, 2006b.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; Maurício, A. C. **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. v.1, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. v. 2, 2. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: EDUSP, 2017.

CARBALLO, M. A. C. La macroestructura del Diccionario. In: GUERRA, A. M. M. **Lexicografía española**. Espana: Ariel, 2003.

CARDOSO, V. R. **Os dicionários da língua brasileira de sinais e suas contribuições**. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 2, n.1, p. 50 - 66, jan. / jun., 2017.

CASTRO, J. **Projeto Varlibras**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2014.

CORREIA, M. Homonímia e polissemia - contributos para a delimitação dos conceitos. p. 57-75. In: **Palavras**. nº 19, Lisboa: Associação dos Professores de Português, 1998.

COSTA, R. C. R. da. **Propostas de instrumento para avaliação fonológica da língua brasileira de sinais: fonolibras**. Dissertação apresentada ao Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia), Salvador – BA: UFB, 2012.

COSTA, E. da S.; NASCIMENTO, L. R. S. **Os dicionários virtuais e impressos da língua brasileira de sinais**. v. 8, n. 1, 2015.

CULTURA SURDA. **Dicionário da Libras**. Net, Rio de Janeiro, set., 2013. Seção Dicionários e Apps. Disponível em: <<https://culturasurda.net/2013/09/28/dicionario-da-libras/>>. Acesso em: 13, dez., 2017.

DIAS DA SILVA. B. C. **A Face Tecnológica dos Estudos da Linguagem: o processamento automático das línguas naturais**. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

DEDUCHI, M.; CAPOVILLA, F.C. **Busca signo: a construção de uma interface computacional para acesso ao léxico da Língua de Sinais Brasileira**. Natal – RN: Anais do IHC, 2006.

DUDUCHI, M.; CAPOVILLA, F. C. **BuscaSigno: a construção de uma interface computacional para acesso ao léxico da Língua de Sinais Brasileira**. VI Simpósio sobre Fatores Humanos em sistemas computacionais – integrando pessoas, comunidades e áreas. Natal, RN: UFRN, 2006.

DURÃO, A. B. de A. B. et al. **Dicionário de Falsos Amigos Português - Espanhol (DiFAPE)**. v. 1. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

ERIKSSON, P. **Dövas Historias: daubhar – daufr – dörver – döv**. Sih Läromedel, 1993.

ESCRIBANO, C. G. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GERRA, Antonia María Medina (Org.). **Lexicografía Española**. Barcelona: Editora Ariel S.A, 2003.

FAJARDO, A. **Las marcas lexicográficas**. Revista de Lexicografía.v. III, 1996-1997.
 FARIAS, V. S. **Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos**. v. 9, n. 17. REVEL, 2011.

FARIA-DO-NASCIMENTO, S. P. de. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese do Instituto de Letras, departamento de linguística, português e línguas clássicas – LIP. Brasília: UnB, 2009.

_____. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In:QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. (orgs). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Florianópolis: Insular, 2013.

FAULSTICH, E. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação**. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995.

FELIPE, T. A. **Projeto Dicionário Virtual da Libras**. Fórum 4 - Instituto Nacional de Educação de Surdos. Vol. I (jul/dez) Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BwAEnJAISYTTZEF3Vd0cWs/view>> Acesso em: 03. jan. 2018.

_____. Introdução à gramática da Libras. In: BRASIL, FERREIRA-BRITO, Lucinda (org.). **Educação Especial Língua Brasileira de Sinais**.V. 3. Brasília: SEESP, 1997.

_____. Banco de dados e sistemas de transcrição para as línguas de sinais. In: BAALBAKI, A. C. B. (org). **Instrumentos linguísticos: usos e atualizações**. Araruama: Cartolina Editora, 2014.

_____. **Os processos de formação de palavra na Libras**. v.7, n. 2, jun. 2006, Campinas: ETD – Educação Temática Digital. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>>Acesso em: 03. jan. 2018.

_____. De flausino ao grupo de pesquisadas da FENEIS-PJ. In: **Anais do Seminário Surdez: desafios para o próximo milênio**. Rio de Janeiro: INES, 2000. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/0B6WyKJSZvdJdNmFpQ11Wb001TEk>>Acesso em: 03. jan. 2018.

_____. **Libras em contexto:Curso Básico/Livro do Estudante**. 7 ed. MEC-SEESP-FNDE. Brasília, 2007. Disponível em: <<https://librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/libras-contexto-estudante.pdf>><http://www.faseh.edu.br/biblioteca/_arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf>Acesso em: 03. jan. 2018.

_____. **O signo gestual-visual e a sua estrutura frasal na língua de sinais dos centros urbanos brasileiros**. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1988.

_____. **A relação sintático-semântica dos verbos na língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. Tese de doutorado em Linguística e Filologia, UFRJ, 1998. Volumes I e II. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4401/4/476265%20vol.I.pdf>> <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4401/5/476265%20vol.II.pdf>> Acesso em: 03. jan. 2018.

_____. **Pela Regulamentação da Lei 10.436, 24 de abril de 2002.** Ano V, número 24, p. 13-14, Janeiro/Março de 2005.

FELIPE, T. A.; LIRA, G. A. **Dicionário Virtual de Língua Brasileira de Sinais.** cd-rom/online. Versão 2.0. Rio de Janeiro: INES, 2005. Disponível em:<http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm> Acesso em: 03. jan. 2018.

FERREIRA, A. da S. **Processo alofônico da Língua Brasileira de Sinais.** Caderno de resumos – Conali. Fonte: <<http://anais.feneis.org.br/conali/processo-alofonico-na-lingua-brasileira-de-sinais/>> Acesso: 27 de dez. de 2017.

FERREIRA, D. B. F. et al. **Linguagem de sinais: as mãos também falam.** Rio de Janeiro: Oficinas de artes gráficas do INES, 1989.

FERREIRA, A. V. (Org.). **Gestuário da língua gestual portuguesa.** Lisboa: Secretariado Nacional para reabilitação e integração das pessoas com deficiência, 1999.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GAMA, J. da F. **Iconoghaphia dos signaes dos surdos-mudos.** Rio de Janeiro: Typographia Universal de E & H Laemmert, 1875.

_____. **Iconoghaphia dos signaes dos surdos-mudos.** Série Histórica do INES. Rio de Janeiro: INES, 2011 [1875].

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; SELL, Fabíola Ferreira Sucupira. **Algumas notas sobre os compostos em português brasileiro e em LIBRAS.** Comunicação apresentada na Universidade de São Paulo. Disponível <<http://linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>> Acesso: 2, fev, 2019.

GELES. **Boletim n. 1,** Ano 1, Recife, UFPE, 1985;

_____. **Boletim n. 2,** Ano 2, São Paulo, UNICAMP, 1986;

_____. **Boletim n. 3,** Ano 3, Rio de Janeiro, UFRJ, 1988;

_____. **Boletim n. 4,** Ano 4, Rio de Janeiro, UFRJ, 1990;

_____. **Boletim n. 5,** Ano 5, Rio de Janeiro, UFRJ, 1991;

_____. **Boletim n. 6,** Ano 6, Rio de Janeiro, UFRJ, 1992

GESSER, Audrei. **LIBRAS? que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HULST, H. van der. **Units in the analysis of signs**: Phonology, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 209-241, 1993. Disponível em: <<http://linguistics.uconn.edu/pdf/051 - Units in the analysis of sign.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HOEMANN, W. H.; OATES, E.; HOEMANN, S. **Linguagem de Sinais do Brasil**. Porto Alegre: Centro educacional para deficientes auditivos, 1983.

HWANG, Á. D. (org.). Lexicografia: dos primórdios à nova lexicografia. In: A. D. NADIN, O. L. **Linguagens em Interação III: estudos do léxico**. Maringá: Clichetec, 2010, p.33-44.

INES, **Linguagem de Sinais: as mãos também falam**. [Rio de Janeiro]: MEC/SEESP, [1856].

_____. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. v. 1, 2ª ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

_____. **Comunicando com as mãos**, Rio de Janeiro – RJ: INES, [1856].

KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica da língua de sinais brasileira: um estudo longitudinal de uma criança surda**. Tese (doutorado em Linguística e Letras). Porto Alegre - RS: PURCRS, 1999.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Hipertexto e construção do sentido**. n. 51, v. 1. Alfa, São Paulo, 2007.

KOJIMA, C. K.; SEGALA, S. R. **A imagem do pensamento: libras**. São Paulo: Escala educacional, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. **Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias**. Vol. 4, n. 3, 2006.

_____. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

KAKUMASU, J. **Urubú Sign Language**: Linguistic Workshop of the Summer Institute of Linguistic of the University of Oklahoma. 1968. Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/15/37/26/153726163145388687560411655832836752904/6059_Urubu_Sign_Language.pdf>. Acesso em: 06 mar, 2019.

KUHN, P. Typologie der Wörterbücher nach Benutzungsmöglichkeiten. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). **Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires: ein internationales Handbuch zur Lexikographie**. Berlin: de Gruyter, 1989.

LIDDELL, S. K; JOHNSON, R. E. American sign language: the phonological base. In: **Sign Language Studies**. v. 64, fall 1998.

Lillo-Martin, Diane & Gajewski, Jon (2014). **One Grammar Or Two?** Sign Languages and the Nature of Human Language. *WIRES Cognitive Science* 5, 387-401.

LIMA, E. L. L. **Análise comparativa da macro e microestrutura de dicionários de Libras**. Anais do I fórum internacional sobre produção de glossários e dicionários em língua de sinais. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

LIRA, G. A. Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais – concepção e desenvolvimento do projeto. In: **ANAIS DO INES**, Rio de Janeiro: Gráfica do INES, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **La macroestructura del diccionario**. In: MARTINEZ, 2003.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Manual básico de lexicografía**. España: Ediciones Trea, S. L., 2009.

MARTINS, T. A. **Um estudo descritivo sobre as manifestações da ambiguidade lexical em libras**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, UNIOESTE. Cascavel – PR: 2013.

MARTINS, T. A.; BIDARRA, J. **A ambiguidade lexical em libras: as dificuldades dos candidatos face ao prolibras**. v. 7. n. 14. Revista trama, 2011.

MELO, Kely Araújo; ARAÚJO, Márcia M. de Melo. **Lexicologia, Libras e literatura: dicionário de termos literários em Libras**. In: NADIN, O. D.; FERREIRA, A. A. G. D'Orange; MURAKAWA, O. L. (Org). **Léxico em cena: contribuições para os estudos lexicais**. 1ed. São Paulo: cultura acadêmica, 2016.

MOURA, M. C. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; ZAVAGLIA, Claudia. Questões teóricas específicas. In: XATARA, Claudia; BEVELICQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editora, 2011.

MURAKAWA, C. de . A. A.; NADIN, O. L.; FERREIRA, A. de A. G. D'Orange. **Léxico em cena: contribuição para os estudos lexicais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

NADAL, C. **La homonímia em la lexicografía espanola**.n.2. Nueva revista de filologia hispánica, 2001.

NASCIMENTO, C. B. do. **Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital**. 2016. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília - DF: UnB, 2016.

OATES, E. **Linguagem das mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica editora livro S.A, 1969.

OVÍDEO, A. **Vuelta a um hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la mimographie de Bébian em el sistema de transcripción de Stokoe.** Revista de la Escuela de Ciencias del Lenguaje de la Universidad del Valle, n. 37, 2009, p. 293-313. Disponível em: <<http://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php?seccion=REVISTA&revista=37--2&articulo=356>>. Acesso em: março/2018.

PARREIRA DA SILVA, M. C. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, A. N., ALVES, I. M. (Orgs.) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS ; São Paulo : Humanitas, , p. 283-293, 2007.

PAIVA, F. A. dos S. et al, **Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar.** v. 13, n. 3. São Paulo: Revista do Gel, 2016. p. 12-48.

PÉLISSIER. **Iconographie des signes, avec des notes explicatives.** Paris: Imprimerie et Librairie de Paul Dupont, 1856.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. P. **Língua Brasileira de Sinais I.** Florianópolis: UFSC, 2009.

REILY, L.; REILY, D. A. **A igreja monástica e a constituição da língua de sinais e do alfabeto manual,** 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Editora Cultrix, 2010 [1960].

SCHLÜNZEN, E. TOMOE M.; DI BENEDETTO, L. dos S.; SANTOS, D. A. do N. dos. **História das pessoas surdas: da exclusão à política educacional brasileira atual.** v. 11. Unesp/UNIVESP, 2013.

SOARES, C. P. **Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia.** Dissertação (Mestrado). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

SOFIATO, C.; REILY, L. Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens. In: SOFIATO; Cássia, at al. **Língua Brasileira de Sinais - Libras: aspectos linguísticos e históricos.** São Carlos: UAB-UFSCar/EdUFSCar, 2012.

_____. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical.** v. 40, n.1 São Paulo: Educação e Pesquisa, 2014.

SOFIATO, C. **O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira.** Dissertação (Mestrado do Curso de Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.São Paulo: UNICAMP, 2005.

_____. **Do desenho à litografia:** a origem da língua brasileira de sinais. Tese (Doutorado do Curso de Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2011.

STOKOE, W. **Sign and Culture:** A Reader for Students of American Sign Language. Listok Press, Silver Spring, MD. 1960.

STUMPF, M. R; OLIVEIRA, J. S; MIRANDA, R. D. **Glossário Letras Libras: A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir?** In: Letras Libras: ontem, hoje e amanhã. QUADROS, R. M. (Org.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SUTTON, V. **Lições sobre o SignWriting:** um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução: Marianne Rossi Stumpf - Tradução Parcial e Adaptação do Inglês/ASL para Português LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, de Valerie Sutton, publicado originalmente pelo DAC – Deaf Action Committee for SignWriting. Disponível em: <www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoes-de-SignWriting.pdf> Acesso em 17 jan. 2019.

TEMÓTEO, Janice Gonçalves. **Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste.** Tese de Doutorado. São Paulo – SP: USP, 2012.

TUXI, P. **Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues – Língua Brasileira de Sinais e Português.** v. 35, nº especial 2, Cadernos de Tradução: Florianópolis, jun-dez, 2015, p. 557-588.

ULLMANN, S. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VELOSO, É; MAIA, V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez,** 6º ed. Curitiba: 2012.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (Libras).** Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N; BARBOSA, P. A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?** Um estudo da variação na produção da sinais da libras. n. 30, Revista Delta, 2014.

_____. **Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras.** vol. 11, n. 3. Uberlândia: Revista Domínios da Linguagem, jul./set., 2017, p.983-1006.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). **Ciências da linguagem:** o fazer científico. 1. ed. 1.v. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____. **Um significado só é pouco:** Dicionário de formas homônimas do português contemporâneo brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2010.

_____. **Ambiguidade gerada pela homonímia:** revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e propostas de critérios distintivos. São Paulo: Delta, 2003.

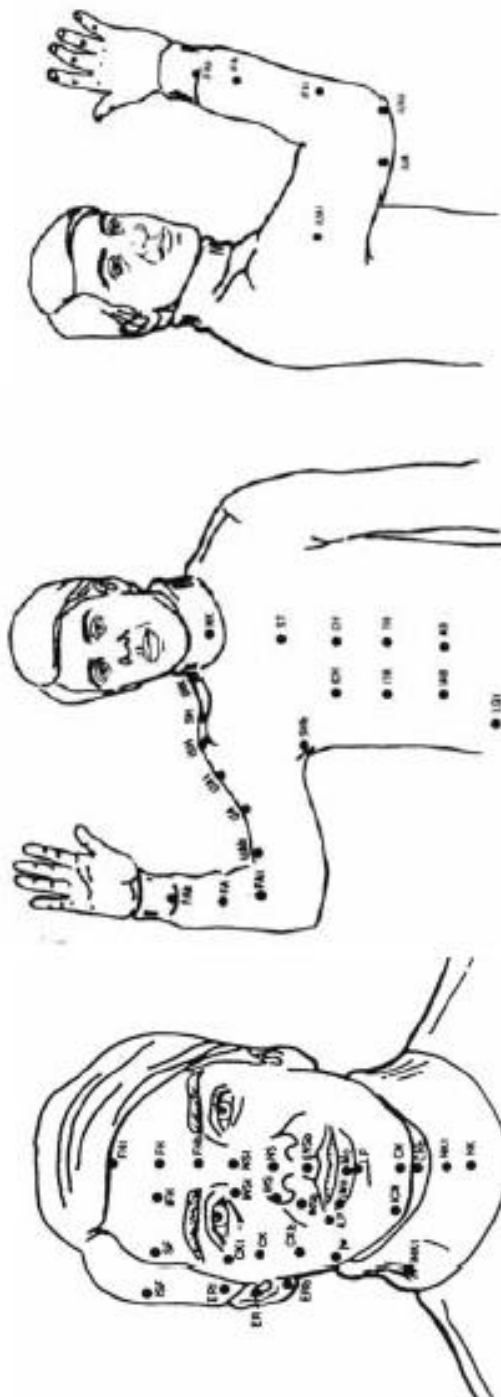
WELKER, H. A. **Dicionários:** Uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, R. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía.** Madrid: Editorial Gredos, 1982.

WILBUR, R. **American Sign Language:** linguistic and applied dimensions. San Diego: College Hill Press, 1987.

ANEXO A









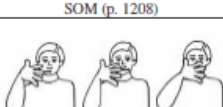
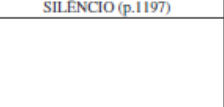

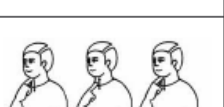
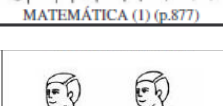
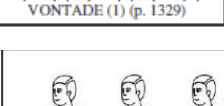


Localização sobre o corpo e seus respectivos símbolos (LIDELL & JOHNSON, 2000, p. 286 [1989]).



ANEXO B







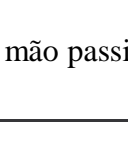





Localização sobre o corpo correntes na Libras (XAVIER, 2006).

Quadro (4)⁷¹

Localização sobre o corpo possíveis na libras			
BH (back of head): região posterior da cabeça  PARÁ (p. 1004)	TH (top of head): topo da cabeça  PARANÁ (p. 1010)		
FH (forehead): testa  ÍNDIA (p. 752)	SF (side of forehead): lado da testa  PENSAR (p. 1027)		
NS (nose): nariz  PALHAÇO (p. 997)	CK (cheek): bochecha  BALA (p. 265)		
ER (ear): orelha  SOM (p. 1208)	MO (mouth): boca  SILÊNCIO (p. 1197)		
LP (lip): lábio  DELICIOSO (1) (p. 508)	JW (jaw): maxilar 		
CN (chin): queixo  MATEMÁTICA (1) (p. 877)	NK (neck): pescoço  VONTADE (1) (p. 1329)		
UA (upper arm): parte superior do braço  PREFEITO (p. 1073)	FA (forearm): antebraço  EMOÇÃO (p. 580)		
AB: abdômen  BARRIGA (p. 277)	LG (leg): perna  BERMUDA (p. 289)		

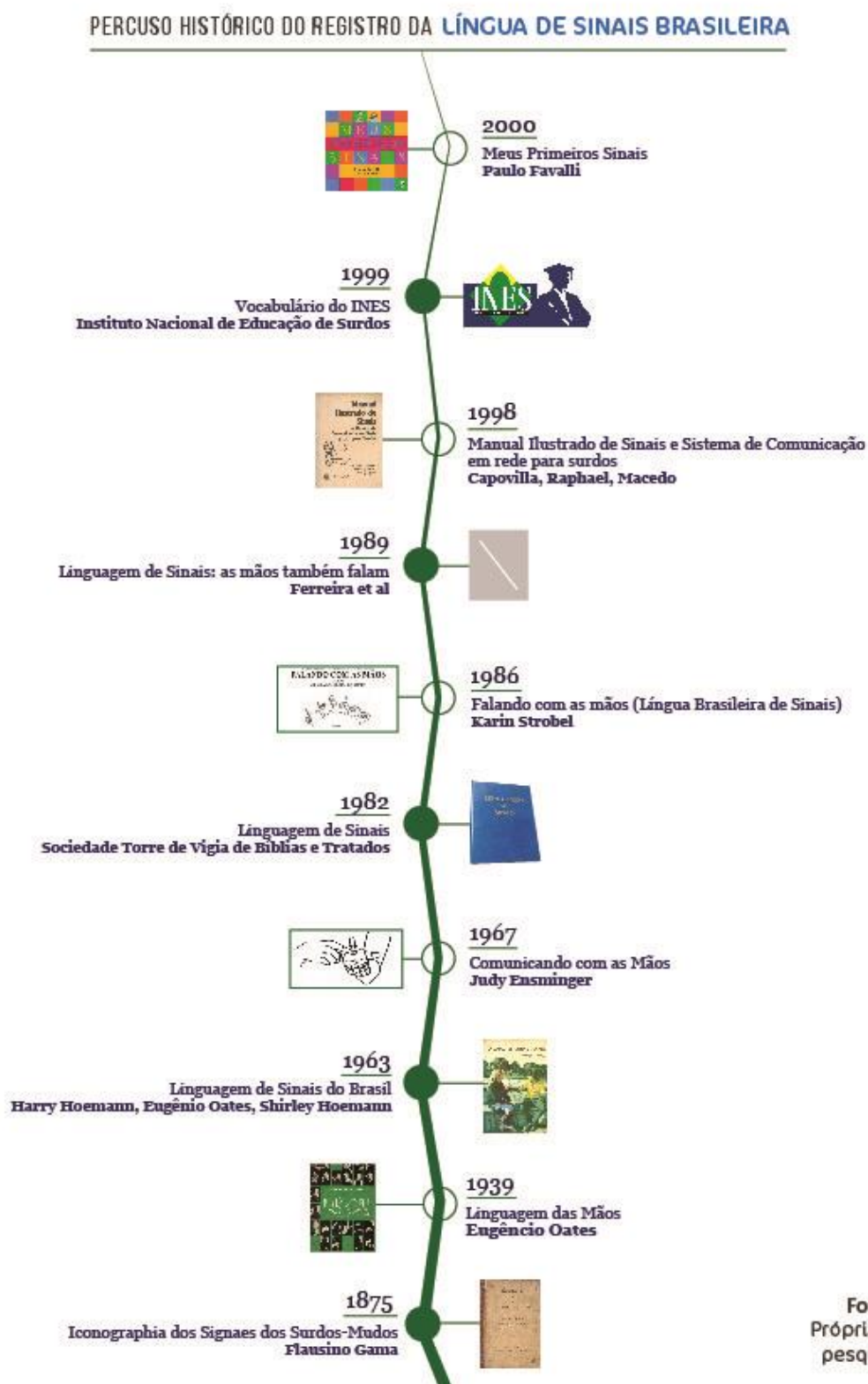
ANEXO C

Localização sobre a mão passiva correntes na Libras (XAVIER, 2006).

	BA ND: mão	FI (finger): dedos (exceto polegar)	TH (thumb): polegar	XI (index finger): dedo indicador	MI (middle finger): dedo médio	RI (ring finger): dedo anelar	LI (little finger): dedo mínimo
IN: parte interna	PA (palma)  ANDAR-A-PÉ (A) (p. 19-4)	DIFI  PLANTA R (p. 105-2) POFI	BTH 	INXI  VINGAR (V) (p. 130) POFI	INMI 	INRI 	INLI 
PI: parte distal da		POFI  PRIMEIRO (I) (p. 104-1)	BTH  FAZER (p. 65-2)	BIXI  MÉDICO (p. 88-1)			
BK: (parte) dorso	BK  CONVERSAR (C) (p. 46-1)	BRFI  XA DREZ (pedaço) (p. 13-3)					





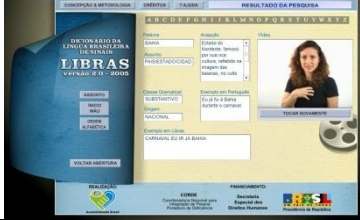

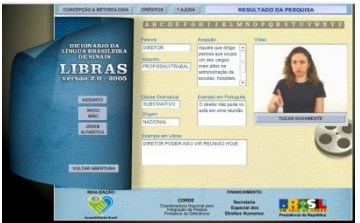
APÊNDICE A

Percurso histórico de registro da Libras:





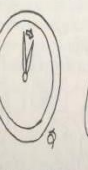
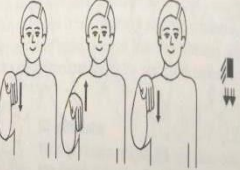


APÊNDICE B

Lista de sinais extraídos do DV-Libras (2005)

Nº	GRUPOS DE HOMONÍMIA	
01	 <p>Sábado</p>	 <p>Laranja</p>
02	 <p>Jeito</p>	 <p>Sentir</p>
	 <p>Bahia</p>	
03	 <p>Direito</p>	 <p>Diretor</p>



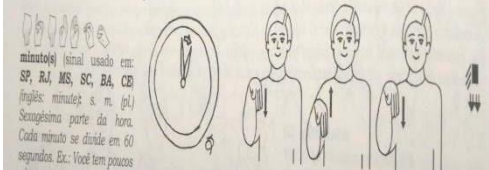
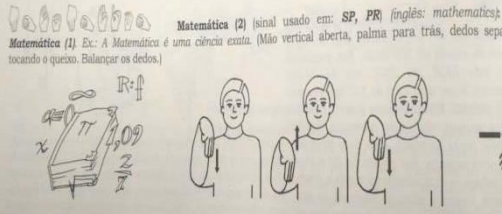
APÊNDICE C

Lista de sinais extraídos do Deit-Libras (2001)

HOMONÍMIA	VERBETE
<p>MATEMÁTICA</p>	 <p>Matemática (2) (sinal usado em: SP, PR) (inglês: mathematics; idem)</p> <p>Matemática (1) Ex.: A Matemática é uma ciência exata. (Mão vertical aberta, palma para trás, dedos separados tocando o queixo. Balarçar os dedos.)</p> 
<p>MINUTO</p>	 <p>minuto(s) (sinal usado em: SP, RJ, MS, SC, BA, CE) (inglês: minute; s. m, pl.)</p> <p>Sexagésima parte da hora. Cada minuto se divide em 60 segundos. Ex.: Você tem poucos minutos para acabar de se preparar antes que o ônibus escolar chegue para levá-lo à escola. (Mão em M. Balarçar a mão para cima e para baixo.)</p> 
<p>MARANHÃO</p>	 <p>Maranhão (1) (estado brasileiro) (sinal usado em: SP, PR, BA) (inglês: Maranhão)</p> <p>Estado brasileiro localizado na região Nordeste, cuja capital é São Luís. O estado ocupa uma área de 331.863,293 km². Algumas cidades importantes são Açailândia, Imperatriz, Timon, Coxias, Caxias, Caxangá, Bacabal, Itaipava, São Luís e São José. Possui mais de 600 km de litoral, sendo, portanto, o estado com o 2º maior litoral brasileiro, superado apenas pela Bahia. O turismo praticado neste pode ser classificado em 2 tipos: turismo ecológico e turismo cultural religioso. Foram os espanhóis os primeiros europeus a chegar em 1615, quando 500 índios de ocupação do território foram os franceses que realizaram a ocupação definitiva iniciada em 1615, quando 500 índios chegaram em três navios e fundaram a Praça Espanhola. Separou-se das e trocou entre portugueses e franceses em 1615, quando os primeiros retornaram definitivamente a colônia. Em 1621 foi instalado o estado do Maranhão e Piauí, com o objetivo de melhorar as relações da coroa e os contatos com a metrópole, tema que as relações com a capital da colônia, Salvador, baseada na costa leste do oceano Atlântico eram dificultadas, devido às correntes marítimas. Em 1641, os holandeses invadiram o região e ocuparam a ilha de São Luís, rompendo o comércio marítimo. Em 1654, após a consolidação do domínio português na região. A forte influência portuguesa no país ocorreu em 1774, após a consolidação do domínio português na região. A forte influência portuguesa no país ocorreu em 7 de setembro de 1822. No século XVII, a base da economia do estado eram o comércio de produtos do açúcar, cravo, cana-de-açúcar. No século XVIII, surgiu o arroz e o algodão, que serviu a se tornar um cultivo, constituindo-se entre três produtos a base da economia escravocrata do século XIX. Com a abolição da escravidão, a fim da primeira década do século XX, quando teve início o processo de industrialização, a partir da produção de açúcar, algodão e cana-de-açúcar, que se dedicaram inicialmente ao comércio moderno, passando em seguida a investimentos maiores e a dar origem a profissões liberais e políticas. Entre as décadas de 40 e 60 chegou grande número de migrantes originários do estado da Ceará, em busca de melhores condições de vida na agricultura. Dedicaram-se principalmente à lavoura de arroz, o que fez crescer consideravelmente a produção do estado. O extrativismo consistiu em uma das atividades econômicas mais importantes do estado do Maranhão, também conhecida como 'terra das palmeiras'. Entre as espécies de palmeiras nativas existentes no estado, as mais</p> 

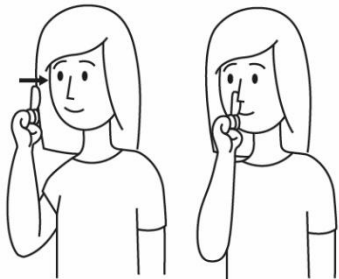
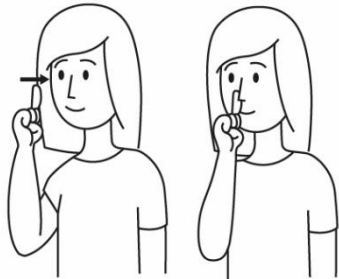
APÊNDICE D

Lista de sinais extraídos do *DLSB* (2017)

Nº	HOMÔNÍMIA	
01	 <p>direito (4) (ter direito) (sinal usado em: SP, SC, RJ, RS) (inglês: right (one's own rights); s. m. O que é justo e conforme com a lei e a justiça. Ex.: Todas as crianças têm direito à educação. (Mão em D, palma para frente, diante da face. Baixar rapidamente a mão. Opcionalmente, expressão facial solene.) Etimologia Morfologia: Trata-se de sinal formado pelo morfema Pessoa, em sua terceira articulação, ou seja, com a mão em D (mão vertical, com o indicador distendido, e os demais dedos curvados contra a palma, e o polegar fechado sobre eles), como nos sinais DIRETOR, DISCIPULO, APARECER, DIALOGAR, ACHAR - ENCONTRAR, AVENIR, VINGAR-SE, ALINHAR-SE - RECONCILIAR-SE, TERMO, ACUADO, ACHAR, e AINDA. Iconicidade: O sinal DIREITO (TER DIREITO) representa a ideia da pessoa que tem direitos (a diferença entre o sinal DIRETOR e o sinal DIREITO (TER DIREITO) consiste na expressão facial solene deste último, numa alusão à dignidade da condição humana).</p> <p style="text-align: center;">Direito</p>	<p style="text-align: center;">Deficiência</p>  <p>deficiência (1) (sinal usado em: SP, RJ, MS, PR, RS) (inglês: handicap, impairment, disability, deficiency, deficiente (1) (inglês: handicapped, disabled, impaired, deficient; Deficiência n. f. Redução da eficiência com que certas funções são desempenhadas na ausência de condições compensatórias ou equipamentos especiais. Ex.: A pessoa com qualquer tipo de deficiência deve ser tratada sem discriminação determinadas funções, quando desassistida de condições compensatórias ou equipamentos especiais. Ex.: A pessoa deficiente tem direitos constitucionais, e pode recorrer à justiça para que eles prevaleçam. Ex.: O deficiente tem mais do que imagina, desde que recorra à justiça e à organização social e política em associações e federações (Mão em D, palma para a esquerda, diante da face. Baixar a mão até a altura do abdômen.)</p>
02	 <p>minuto(s) (sinal usado em: SP, RJ, MS, SC, BA, CE) (inglês: minute; s. m. (pl.) Segunda parte da hora. Cada minuto se divide em 60 segundos. Ex.: Você tem poucos minutos para acabar de se preparar antes que o ônibus escolar chegue para levá-lo à escola. (Mão em M. Balançar a mão para cima e para baixo.)</p> <p style="text-align: center;">Minuto</p>	<p style="text-align: center;">Matemática</p>  <p>Matemática (2) (sinal usado em: SP, PR) (inglês: mathematics); Matemática (1) Ex.: A Matemática é uma ciência exata. (Mão vertical aberta, palma para trás, dedos separados tocando o queixo. Balançar os dedos.)</p>

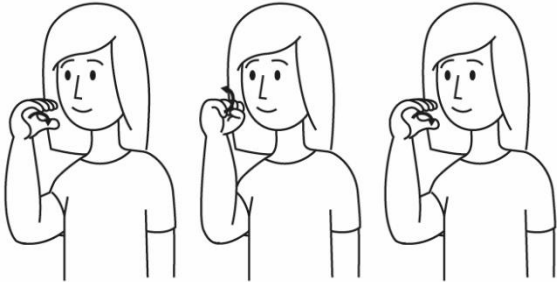
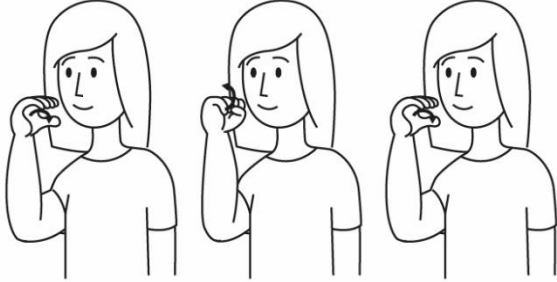
APÊNDICE E

Análise sêmica dos sinais: MÃE/BISCOITO

01 REPRESENTAÇÃO DO SINAL	Análise Sêmica
<p style="text-align: center;">MÃE</p> 	<p>MÃE</p> <p>[+substantivo] [+animado] [+humano] [+sexuado]</p>
<p style="text-align: center;">BISCOITO</p> 	<p>BISCOITO</p> <p>[+substantivo] [-animado] [-humano] [-sexuado]</p>

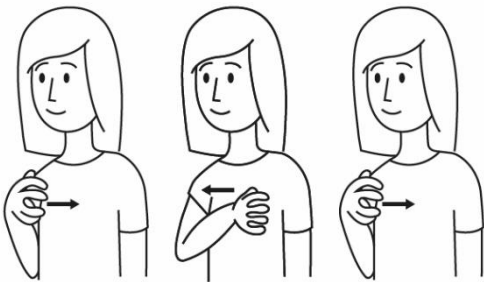
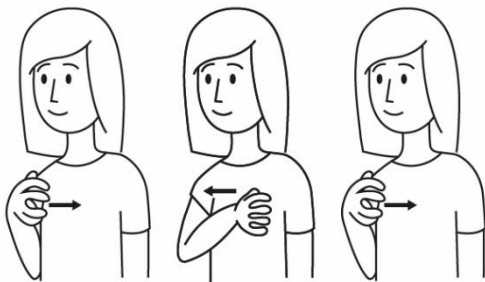
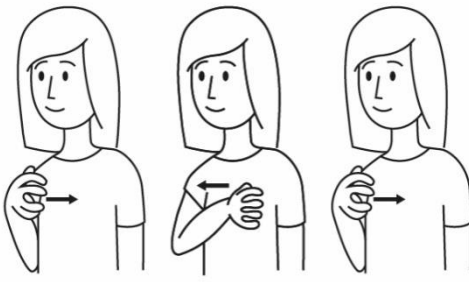
APÊNDICE F

Análise sêmica dos sinais: SÁBADO/LARANJA

02 REPRESENTAÇÃO DO SINAL	Análise Sêmica
<p style="text-align: center;">SÁBADO</p> 	<p>SÁBADO</p> <p>[+substantivo] [+dia da semana] [+contável] [+semanal] [-concreto]</p>
<p style="text-align: center;">LARANJA</p> 	<p>LARANJA</p> <p>[+substantivo] [+fruta] [+alimento] [+inanimado] [+contável] [+concreto]</p>

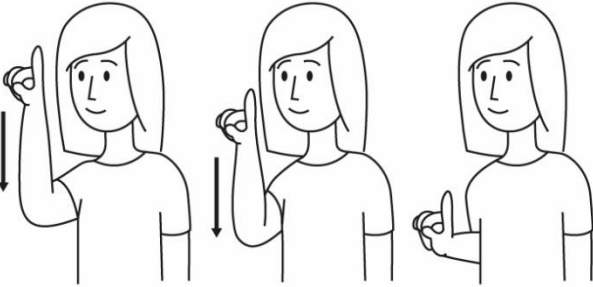
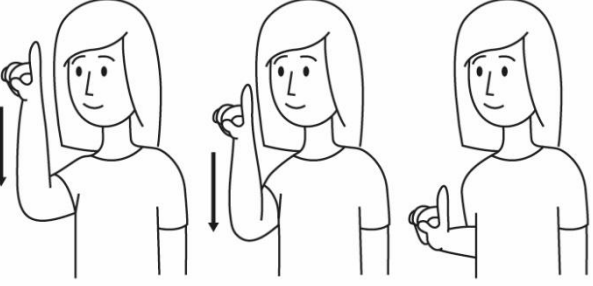
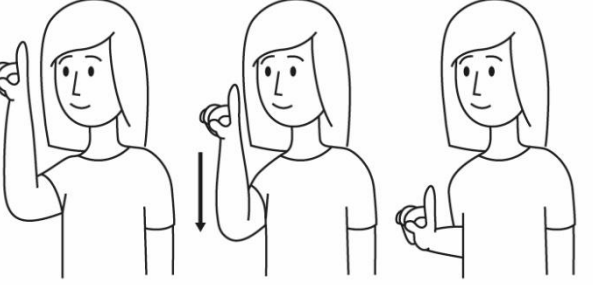
APÊNDICE G

Análise sêmica dos sinais: SENTIR/BAHIA/JEITO

REPRESENTAÇÃO DO SINAL	Análise Sêmica
<p style="text-align: center;">SENTIR</p> 	<p>SENTIR</p> <p>[+verbo] [+abstrato] [+inanimado] [+órgãos do sentido]</p>
<p style="text-align: center;">BAHIA</p> 	<p>BAHIA</p> <p>[+substantivo] [+lugar] [+concreto] [+espaço geográfico] [+estado]</p>
<p style="text-align: center;">JEITO</p> 	<p>JEITO</p> <p>[+substantivo] [+modo] [+particular] [-concreto]</p>

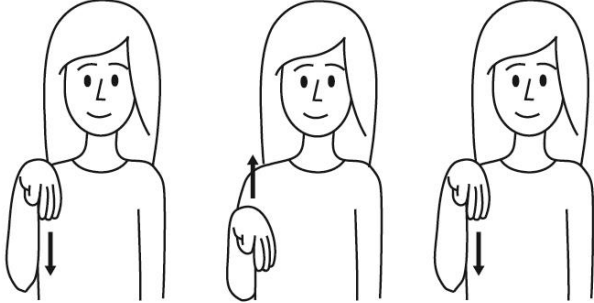
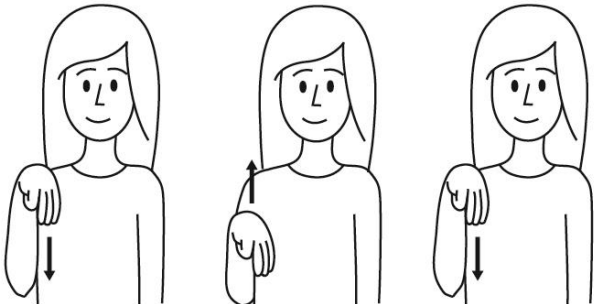
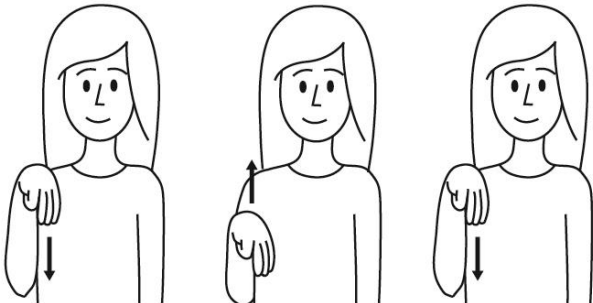
APÊNDICE H

Análise sêmica dos sinais: DIREITO/DIRETOR/DEFICIENTE

REPRESENTAÇÃO DO SINAL	Análise Sêmica
<p>DIREITO</p> 	<p>DIREITO</p> <p>[+substantivo] [+abstrato] [+inanimado] [+lei] [+legislação]</p>
<p>DIRETOR</p> 	<p>DEFICIÊNCIA</p> <p>[+substantivo] [+estado físico] [-concreto] [+inanimado] [+condição]</p>
<p>DEFICIÊNCIA</p> 	<p>DIRETOR</p> <p>[+substantivo] [+humano] [+concreto] [+animado] [+chefe]</p>

APÊNDICE I

Análise sêmica dos sinais: MINUTO/MATEMÁTICA/MARANHÃO

REPRESENTAÇÃO DO SINAL	Análise Sêmica
<p>MINUTO</p> 	<p>MINUTO</p> <p>[+substantivo] [+tempo] [+medida] [+contável]</p>
<p>MATEMÁTICA</p> 	<p>MATEMÁTICA</p> <p>[+substantivo] [+área do conhecimento] [+disciplina] [+concreto]</p>
<p>MARANHÃO</p> 	<p>MARANHÃO</p> <p>[+substantivo] [+lugar] [+concreto] [+espaço geográfico] [+estado]</p>